



Zé Celso / Jane Fonda / Getulio Vargas / Kate Coleman / Miguel Urbano  
Jerry Della Femina / Percival de Souza / Joao Antonio / Richard Nixon

# PROS- TITUI- ÇÃO

**Diga lá: mas por uma boa nota,  
você também não se venderia ?**

**ex-** inédito  
**GARCIA MARQUEZ  
FALA DO CHILE**

São Paulo, setembro de 1974 / Numero 6 / 5 Cruzeiros

# Manequinho, da Estrela. O 1º boneco que tem pipi e faz xixi.



A Estrela apresenta a novidade  
mais antiga do mundo:  
um boneco menino  
que é diferente das bonecas meninas.  
É o Manequinho.  
Ele tem um pouquinho mais de vinil  
do que todos os bonecos  
(e principalmente do que todas as bonecas)  
que você já deu para sua filha.

Vem com a mamadeira e um pinquinho.  
Manequinho toma a mamadeira  
como qualquer menino.  
E faz xixi como qualquer menino.  
Pelo lugar certinho que há milhões de anos Deus  
escolheu para todos  
os meninos fazerem xixi.  
Manequinho - um sinal dos tempos.  
Da Estrela.



# EX-6

## GETÚLIO VARGAS

Há 20 anos, milhões de brasileiros choravam. Antes de se matar ele escreveu uma carta para nós.

4

## GARCÍA MÁRQUEZ

"O que vocês fariam se Allende fosse eleito?" García Márquez diz o que eles fizeram, numa reportagem.

5

## JANE FONDA

Vietnamita planta, japoneses arrasa; vietnamita constrói, francês destrói; e o que o americano fez? Jane Fonda.

9

## KATE COLEMAN

Um dia, trabalhando numa reportagem sobre prostituição, ela prostituiu-se; por 25 dólares. A reportagem está aí.

13

## ZE CELSO

E o dinheiro? Não se diz que tem muito dinheiro? Vamos distribuir essa grana? Perguntas do ex-diretor de teatro.

20

## JOÃO ANTONIO

O jornalista e escritor faz uma análise praticamente sociológica do fim de um personagem: o merduncho.

24

## J. DELLA FEMINA

Quanto mais dólar foi ganhando, mais medo foi sentindo. Aí, o redator de publicidade escreveu um livro.

26

## PERCIVAL DE SOUZA

Um colunista do mais baixo gabarito. Na sua Coluna Baixa Sociedade recebe nova carta de Mariel Moryscotte.

28

## MIGUEL URBANO

Um dos grandes jornalistas brasileiros é esse português que volta agora a sua pátria e fala de Portugal hoje.

29

Editores: Narciso Kalili, Hamilton Almeida, Mylton Severiano, Palmério Dória, Sergio Fujiwara, Delfim Fujiwara, Armindo Machado, Ricardo Alves, Regina Arakaki, Paula Plank, Gabriel Romeiro, Dácio Nitrini, Marcos Faerman, Fernando Morais, Caco Caetano, Beth Costa, Luis Guerrero, Ingo Reinaldo. EX- Editora Limitada, Rua Santo Antonio, 1043 - SP. NENHUM DIREITO RESERVADO. EX- está assentado no Cadastro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF, sob nº 1.341-P.209/73.

## CARTAS

### DO ENGANO

Tudo bem. Nas bancas outra vez. Dois meses e tome receita. Pensei que o meu querido EX-, já tivesse entrado pelos sombrios caminhos que entraram A Flor do Mal, Presença, Rolling Stone, Bondinho, etc. Pois é. Pensei. E tome praga em cima dessa cidade caipira-arrogante-provinciana. Bancas, Brancas (também). Lágrimas (podem crer) e, agora, nas ruas, nas praças, saindo dos prédios e tudo mais que já foi dito. Desbunde repleto de automóveis empilhados. Avião subindo no aeroporto, a família reunida tomando picolé Ki-bom. Transe total + trânsito infernal + poluição + o escritório = uma cuca desenfreada, paranóia no ar. No mais é só receita lida e erros de português. (escritos).

Deslumbre repleto de oba-oba. Avião caindo prá todo lado, a família unida, pedindo esmolas. A manchete pro fitipaldi, a primeira página pro pelé, o planeta está agonizando. Hamilton, meu irmão, jogado às feras com outras crianças, "deixou" de ser gente (preso). Eu te entendo homem, ou procuro entender. Quando você estiver catando os estilhaços para recompor sua alma vou tentar recompor os meus do lado de cá.

Não quero entender essa porralouquice em minha volta, apesar da resposta estar na minha cara, a um palmo do meu nariz.

Não consigo nem pensar mais numa, cada vez mais utópica, ciranda coletiva, sobre as cinzas do Grande Lucifer. Não consigo escrever nem erros de português. Não consigo mais - como todos os seres do nosso tempo- desenvolver uma linha objetiva de pensamentos. Não consigo dizer que estou feliz por isto ou infeliz por aquilo. Não consigo na maioria das vezes, chorar ou rir. Não consigo nem dizer a você como estou me sentindo chocado, puto da vida.

"Conseguir", é o lema dos nossos "respeitáveis cidadãos burgueses" e não "consigo". Acho que esse é o meu (?) problema (?)

Hamilton, sem esquemas militares, sem toques de silêncio, sem o fuzil-fálico do repressor, sem nada no bolso ou nas mãos, a gente te espera com as outras crianças daí, um dia. Um Bom Dia, meu irmão. (Marco Antonio Farias - Marcola - São Paulo)

### DA TIMIDEZ

Ao Joaquim Gustavo, com amizade, pelo livro que me deu: "Como confiar em si mesmo".

Amigo Joca, se me fora dado, / a audácia de ter, e aquela segurança, / de um antigo barão assinalado e partir, / cavaleiro da esperança... /

Mas dos servos da pena a timidez / é a companheira que nos tem atados / para cantarmos nossa linda Inês / e os mares nunca dantes navegados. /

A ação nos encontra intimidados / como Hamlet, hesitamos em agir / ante o enigma que a noite nos prepara. /

Vamos lançar da nossa vida os dados? / Será melhor, em vez de refletir, / lutar qual Dom Quixote ou Che Guevara? (Alberto Maduar - 18/6/74)

### DA CENSURA

Em atenção ao requerimento encaminhado a esta Divisão e que recebeu no DPF o protocolo nº 23289/SP, esclareço a Vossa Senhoria que a Portaria nº 209/73-DG/DPF, ao estabelecer o registro para as publicações periódicas que circulam no país, deixou expresso que somente as revistas estão sujeitas à referida formalidade, não cogitando, em nenhum de seus dispositivos, de estender a medida aos jornais, daí achar-se o JORNAL EX nº 5 desobrigado da obtenção do referido registro neste órgão. Atenciosamente, (Rogério Nunes - Diretor)

continuação



## CARTA DE VARGAS

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1954.

Ao Povo Brasileiro:

Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenadas, novamente, se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo, e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci.

Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais, revoltando-se contra o regime e garantia do trabalho. Contra a justiça da revisão do salário mínimo, se desencadearam os ódios.

Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas, através da Petrobrás, e mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

Assumi o governo, dentro da espiral inflacionária, que destruiu os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano.

Nas deparações de valores do que importávamos, existiam fraudes constatadas em mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Pensamos defender o seu preço e a resposta foi uma violenta pressão à nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo para defender o povo que agora se queda desamparado.

Nada mais vos posso dar, a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço, em holocausto, a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco.

Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta, por vós e por vossos filhos.

Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação.

Meu sacrifício vos manterá unidos, e meu nome será a vossa bandeira de luta.

Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio, respondo com o perdão, e aos que pensam que me derrotaram, respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna.

Mas esse povo de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém.

Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto.

O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente, dou o primeiro passo no caminho da Eternidade, e saio da vida para entrar na História.

a) Getúlio Vargas  
Presidente da República



**Uma  
reportagem  
de  
García Márquez**

# O terremoto

Foi lá pelo fim do ano de 1969 que três generais do Pentágono jantaram com cinco oficiais do exército chileno, numa casa nos arredores de Washington. O anfitrião era, então, o coronel Gerardo Lopez Angulo, adido-assistente da Missão Militar Chilena nos Estados Unidos, e os convidados eram colegas seus de outras armas. O jantar era em homenagem ao novo diretor da Academia da Força Aérea Chilena, General Carlos Toro Mazoto, recém-chegado aos Estados Unidos para uma missão de estudos.

Os oito oficiais jantaram salada de frutas, cabrito ao forno com passas, e beberam o generoso vinho de sua terra natal, onde os pássaros brincavam na praia enquanto se cobriam de neve; e conversaram, sempre em inglês, sobre o único assunto que parecia interessar aos chilenos naqueles dias, a aproximação das eleições presidenciais marcadas para o mês de setembro seguinte. Já na sobremesa, um dos generais do Pentágono perguntou o que faria o exército chileno, se o candidato da esquerda, um certo Salvador Allende, fosse eleito.

O General Toro Mazoto respondeu:  
"Tomaremos o Palácio de La Moneda em meia hora, mesmo que para isso tivermos que destruí-lo".

## 1 - KISSINGER E NIXON SABIAM?

Um dos convidados era o general Ernesto Baeza, hoje diretor da Segurança Nacional do Chile, o homem que liderou o ataque ao palácio presidencial durante o golpe de setembro último, e quem deu a ordem para incendiá-lo. Dois de seus subordinados naqueles dias, ficariam famosos durante a mesma operação: general Augusto Pinochet, presidente da junta militar, e o general Javier Palacios. Também à mesa, estava o brigadeiro Sergio Figueiroa Gutierrez, da Força Aérea, hoje ministro dos Serviços Públicos e amigo íntimo de outro membro da junta militar, general Gustavo Leigh, que ordenou o bombardeio do palácio presidencial. O último convidado era o almirante Arturo Troncoso, governador naval de Valparaíso atualmente. Foi ele que realizou o expurgo de oficiais-marinheiros esquerdistas, e foi um dos desencadeadores do levante militar de 11 de setembro.

Aquele jantar provou ter sido um encontro histórico entre o Pentágono e altos oficiais do serviço militar chileno. Em outros encontros que se sucederam em Washington e Santiago, chegou-se a um acordo a respeito de um plano de emergência, de acordo com o qual, tomariam o poder em caso de vitória do partido de Allende, a Unidade Popular, nas eleições. O plano foi concebido de maneira fria, como uma operação militar, e não era consequência de pressões feitas pela International Telephone and Telegraph (ITT). O plano era inspirado por razões mais profundas de política mundial. Do lado norte-americano, a organização que se movimentava era a "Defense Intelligence Agency", do Pentágono, mas a que estava realmente encarregada do plano era a agência de informações da Marinha, sob a alta direção política da CIA e do Conselho de Segurança Nacional dos EUA. Foi uma coisa bastante normal ter colocado a Marinha e não o Exército no encargo do projeto, pois o golpe chileno iria coincidir com a operação Unitas, nome dado a um conjunto de manobras das marinhas americana e chilena no Pacífico.

Estas manobras se realizavam todo o mês de setembro, o mesmo das eleições, e o aparecimento em terra e no céu do Chile de todo tipo de equipamento militar e de homens bem

treinados nas artes e nas ciências da guerra, era natural. Durante esse período, Henry Kissinger disse, em particular, a um grupo de chilenos: "Eu não estou interessado, nem sei nada sobre a porção sul do mundo, dos Pirineus para baixo". Na época, o plano de emergência já estava pronto nos seus mínimos detalhes e é impossível que Kissinger ou mesmo o presidente Nixon não estivessem a par.

O Chile é um estreito país, com cerca de 4 mil quilômetros de comprimento, e uma média de 180 quilômetros de largura, e tem 10 milhões de exuberantes habitantes, cerca de três milhões dos quais vivem na área metropolitana de Santiago, a capital. A grandeza do País não deriva do número de virtudes que possui, mas muito mais, das suas muitas singularidades. A única coisa que produz com seriedade absoluta é cobre, mas esse cobre é o melhor do mundo e seu volume de produção é ultrapassado apenas pelo dos Estados Unidos e União Soviética. Também produz vinho, tão bom quanto as melhores espécies européias, mas apenas uma pequena parte dele é exportada. Sua renda per capita, 650 dólares, se classifica entre as maiores da América Latina, mas tradicionalmente, quase metade do produto nacional bruto sempre foi dividido entre pouco mais de trezentas mil pessoas. Em 1932, o Chile se tornou a primeira república socialista das Américas, e com o apoio entusiástico dos trabalhadores o governo tentou nacionalizar o cobre e o carvão. A experiência durou treze dias apenas. No Chile, acontece um tremor de terra a cada dois dias em média, e um terremoto devastador a cada mandato presidencial. O mento apocalíptico dos geólogos pensa no Chile não como um país do continente, mas como uma ponta dos Andes em pleno mar, e acredita que todo seu território nacional está

condenado a desaparecer num cataclisma futuro. Os chilenos são muito parecidos com seu país, de certa maneira. São o povo mais agradável do continente; gostam de viver, e sabem fazê-lo da melhor maneira possível, e até um pouco mais; mas têm uma perigosa tendência para o ceticismo e a especulação intelectual. Um chileno disse-me, certa segunda-feira, que "nenhum chileno acredita que amanhã é terça";

e ele próprio não acreditava. Ainda assim, apesar desta profunda incredulidade, ou graças a ela, os chilenos atingiram um grau de civilização natural, de maturidade política e um nível de cultura que os coloca separados do resto da região. Dos três Prêmios Nobel que a literatura latino-americana ganhou, dois foram para os chilenos, um dos quais, Pablo Neruda, foi o maior poeta deste século.

Henry Kissinger devia saber disso, quando disse que não sabia nada sobre a parte sul do mundo. Em todo caso, as agências de informações americanas sabiam muito. Em 1965, sem a permissão do Chile, a nação se transformou em palco central e base de recrutamento de uma fantástica operação de espionagem social e política: o Projeto Camelot. Era uma investigação secreta, destinada a precisar através de questionários, submetidos a pessoas de todos os níveis sociais e todas profissões - até dos mais longínquos rincões das nações latino-americanas - de uma maneira científica, o grau de desenvolvimento político e as tendências dos vários grupos sociais. O questionário destinado aos militares continha a mesma pergunta que os oficiais chilenos ouviriam no jantar em Washington: qual seria sua posição se o comunismo chegasse ao poder? O Chile de há muito era preferido como área de pesquisa pelos cientistas sociais americanos. A idade e a força de seus movimentos populares, a tenacidade e a inteligência de seus líderes e as próprias condições econômicas e sociais permitiam uma antevista do destino do país. Não eram necessários os resultados do projeto Camelot para se aventar hipótese de que o Chile era um dos primeiros candidatos a se tornar a segunda república socialista na América Latina, depois de Cuba.

## 2 - COMO DERRUBAR ALLENDE?

No dia 4 de setembro de 1970, como tinha sido previsto, o médico socialista Salvador Allende foi eleito presidente da República. O plano de emergência entretanto não foi posto em ação. A explicação mais difundida é também a mais incrível: alguém cometeu um engano no Pentágono e requisitou 200 vistos de entrada para um suposto coral da Marinha; no entanto, havia vários almirantes entre eles que não sabiam cantar uma nota sequer. Essa gafe, supõe-se, determinou o adiamento da aventura.

A verdade é que o projeto tinha sido avaliado em profundidade: outras agências americanas, particularmente a CIA e o embaixador americano no Chile, sentiram que o plano era por demais uma operação militar e não levava em conta condições políticas e sociais de momento.

De fato, a vitória da Unidade Popular não trouxe o pânico social que a espionagem americana esperava. Pelo contrário, a independência do novo governo nas relações internacionais, e sua atitude decidida nos assuntos econômicos, criaram imediatamente uma atmosfera de júbilo social. Durante o primeiro ano, 47 firmas foram nacionalizadas juntamente com grande parte do sistema bancário. A reforma agrária viu a desapropriação e incorporação à propriedade comunal, de mais de seis milhões de acres de terra, antes pertencentes a grandes latifundiários. O processo inflacionário foi brechado, conseguia-se emprego pleno e os salários receberam um aumento de trinta por cento.

O governo anterior, liderado pelo Democrata Cristão Eduardo Frei, deu alguns passos na direção da nacionalização do cobre, num processo chamado então de "Chilenização". Tudo que o plano fez foi comprar 51 por cento das ações das minas de cobre controladas pelos Estados Unidos e, pela mina de El Teniente apenas, pagou uma soma maior do que o valor total de todas as propriedades. A Unidade Popular, com apenas um ato legal, apoiado no Congresso por todos os partidos político do país, recuperou para a nação todos os depósitos de cobre das companhias americanas Anaconda e Kennecott. Sem indenização. (O governo calculou que as duas companhias, durante um período de quinze anos, tinham obtido um lucro ilegal que ultrapassava a casa dos 800 milhões de dólares, o que superava o valor das indenizações.)

A pequena burguesia e a classe média, as duas grandes forças sociais que teriam apoiado um golpe naquele momento, começavam a desfrutar de vantagens nunca vistas, e não às expensas do povo, como sempre tinha sido, mas sobretudo às custas da oligarquia financeira e do capital estrangeiro. As forças armadas, como grupo social, têm as mesmas origens e ambições da classe média; portanto não tinha motivos, nem sequer alibi para apoiar o pequeno grupo de

cont.

oficiais da reunião de Washington. Ciente dessa realidade, os democratas-cristãos não somente não apoiaram o plano militar, mas até se opuseram a ele, por saber que este seria impopular mesmo entre suas próprias fileiras.

Sua estratégia era diferente: usar todos os meios possíveis para estragar a boa saúde do governo, e assim obter a maioria de dois terços no Congresso nas eleições de março de 73. Com esta maioria, eles poderiam votar a remoção constitucional do presidente da república.

A democracia Cristã se constitui numa enorme organização, que não conhece limites sociais, com uma autêntica base popular entre o proletariado das modernas indústrias, os pequenos e médios proprietários de terras, e a pequena burguesia e a classe média das cidades. A Unidade Popular, ainda que também mesclada socialmente, era a expressão dos trabalhadores das classes menos favorecidas, do proletariado agrícola e da baixa classe média das cidades. Os democratas cristãos, aliados ao Partido Nacional, de extrema direita, controlavam o Congresso e o Judiciário. A Unidade Popular controlava o Executivo. A polarização destes dois grupos políticos era, de fato, a polarização de toda a nação. Curiosamente o católico Eduardo Frei foi quem mais se beneficiou e tirou vantagem das lutas de classe; foi quem os estimulou e os levou ao confronto, para desacreditar o governo e derrubar o país no abismo da desmoralização e do desastre

econômico.

O bloqueio econômico ordenado pelos Estados Unidos, devido a desapropriações sem indenização, fez o resto. Bens de todos os tipos são manufaturados no Chile, desde automóveis até pasta de dente, mas sua indústria de base tem uma falsa identidade: em 160 das mais importantes firmas, 60% do capital era estrangeiro e 80% das matérias-primas básicas vinham do exterior. Além disso, o país precisava de 300 milhões de dólares para poder importar bens de consumo e outros 450 milhões para pagar os juros de sua dívida externa. O crédito concedido pelos países socialistas não podia suprir a falta de peças de reposição, pois grande parte dos equipamentos usados no Chile, na agricultura, na indústria e no transporte é de origem americana. A União Soviética chegou a comprar trigo na Austrália para mandá-lo ao Chile, uma vez que ela própria não tinha o cereal, e através do Banco Comercial da Europa do Norte, em Paris, fez vários empréstimos em dólares. Mas as urgentes necessidades chilenas eram muito maiores e se aprofundavam cada vez mais. As alegres damas da burguesia, a pretexto de um protesto contra a inflação galopante, o racionamento e os pedidos feitos pela classe pobre, saíram às ruas batendo em suas panelas vazias. Não foi por acaso, bem ao contrário; foi muito significativo o espetáculo de talheres de prata e chapéus de flores ter acontecido na mesma tarde em que Fidel Castro encerrava uma visita de trinta dias ao Chile - uma visita que provocou um terremoto de mobilização

social entre os que apoiavam o governo.

## 3 - ALLENDE VENÇE DE NOVO

O presidente Allende entendeu então, e o disse, que o povo tinha o governo mas não tinha o poder. A frase era mais amarga do que parecia. E também muito alarmante, pois dentro de si, Allende carregava o germe da legalidade que continha a semente de sua própria destruição: sendo um homem que lutou até a morte em defesa da legalidade, ele teria sido capaz de deixar o Palácio de La Moneda, de cabeça erguida, se tivesse sido destituído pelo Congresso, dentro dos limites da Constituição.

A jornalista e política italiana Rossana Rossanda, que visitou Allende neste período, encontrou-o idoso, tenso e cheio de funestos pressentimentos, enquanto falava, sentado no sofá de cretone amarelo onde, sete meses mais tarde seu corpo sem vida seria encontrado, seu rosto atravessado por um tiro de rifle. Então, às vésperas das eleições de março de 73, nas quais seu destino estava em jogo, ele teria se contentado com 36% dos votos a favor da Unidade Popular. E ainda assim, apesar da galopante inflação, do racionamento e do concerto de panelas das alegres madames dos bairros elegantes, ele recebeu 44% dos votos. Foi uma vitória tão espetacular e ao mesmo tempo tão decisiva, que quando Allende ficou só em seu gabinete com seu amigo e confidente, o jornalista Augusto Olivares, ele fechou a porta e dançou uma "cuenca" sozinho. Para os Democratas Cristãos era patente que o processo de justiça social, colocado em movimento pela Unidade Popular, não poderia ser revertido por meios legais, mas lhes faltou visão para medir as consequências das ações que empreenderam então. Para os Estados Unidos, a eleição era um aviso um pouco mais sério, que ia além dos simples interesses das firmas nacionalizadas. Era um precedente inadmissível para o progresso social e pacífico dos povos do mundo, particularmente aqueles da Itália e da França, onde as condições do momento poderiam tornar possível uma experiência do tipo chileno. Todas as forças da reação interna e externa se uniram para formar um bloco compacto.

Por outro lado, os partidos que compunham a Unidade Popular, com rivalidades internas bem maiores do que as normalmente admitidas, não conseguiram chegar a um acordo na análise das eleições de março. O governo viu-se às voltas com várias exigências: os da extrema esquerda pressionavam para que o governo tirasse vantagens da evidente radicalização das massas, revelada pelas eleições, e agisse de maneira decisiva, avançando no programa das mudanças sociais. A ala moderada da Unidade Popular, receosa de uma guerra civil, pressionava dando ênfase a um acordo com a Democracia Cristã. É bastante óbvio agora que esse possível acordo estimulado pela oposição era simples artifício para ganhar tempo.

A greve dos proprietários de

caminhões foi o golpe final. Devido à agressiva geografia do país, a economia chilena depende muito do transporte. Parar os caminhões equivale parar o país. Foi muito fácil para a oposição coordenar a greve, pois os proprietários de caminhões eram um dos grupos mais atingidos pela falta de peças de reposição; e além disso, eles se sentiam ameaçados por um pequeno plano-piloto do governo, destinado a fornecer um serviço estatal de caminhões, adequado para a região sul do país. O movimento grevista durou até o último minuto, sem um momento de descanso, pois era financiado de fora do país. "A CIA abarrotou o país com dólares, para apoiar a greve dos patrões, e esse capital estrangeiro foi aproveitado na formação de um mercado negro" - escreveria Pablo Neruda a um amigo na Europa.

Uma semana antes do golpe, óleo, leite e pão já tinham acabado. Durante os últimos dias da Unidade Popular, com a economia esfacelada e o país à beira da guerra civil, as manobras do governo e da oposição se centralizaram na tentativa de mudança da balança de poder no exército, para um ou outro lado. O último movimento foi perfeito e alucinante: 48 horas antes do golpe, a oposição conseguiu tirar da ativa todos os altos oficiais que apoiavam Salvador Allende e colocar em seus lugares, um por um, todos os oficiais presentes ao jantar em Washington.

Naquele momento, entretanto, o jogo de xadrez da política já tinha saído do controle dos jogadores. Levados por uma dialética irreversível, eles terminaram como peões de um jogo de xadrez muito mais complexo e politicamente mais importante do que qualquer esquema montado pela espionagem contra o governo de Allende. Era um terrível confronto de classes, que fugia das mãos daqueles que o tinham provocado, um duelo cruel entre interesse opostos, e cujo resultado tinha que ser um cataclisma social sem precedentes na história das Américas.

Um golpe militar nessas condições não deixaria de ser sangrento. Allende sabia disso. "Não se brinca com fogo", ele disse a Rossana Rossanda. "Se alguém pensa que um golpe militar no Chile será como os dos outros países americanos, com uma simples troca de guardas do Palácio de La Moneda, está muito enganado. Se o exército sair dos limites da legalidade, haverá um banho de sangue; será uma nova Indonésia". Essa certeza tinha uma base histórica.

## 4 - APARECE CERTO PINOCHET

O exército chileno, ao contrário do que fomos levados a acreditar, interviu na política, toda vez que seus interesses de classe pareciam ameaçados, e o fez com uma ferocidade e uma repressão incomuns. As duas constituições que o país teve nos últimos cem anos foram impostas pela força das armas, e o recente golpe militar foi o sexto nos últimos 50 anos.

A história do exército chileno começou na escola das lutas corpo-a-corpo contra os índios Araucanos - uma luta que durou 300 anos. Em 1891, durante uma guerra civil que durou apenas sete meses, dez mil pessoas morreram numa série de encontros armados. Os movimentos populares foram reprimidos com a mesma brutalidade. Depois do terremoto de Valparaíso, em 1906, as forças da Marinha dizimaram a organização dos doqueiros, composta de oito mil trabalhadores. Em Iquique, no começo do século, um grupo de grevistas tentou refugiar-se das tropas e foi metralhado; em dez minutos havia dois mil mortos. Em 2 de abril de 1957, o exército acabou com uma manifestação civil no centro de Santiago e o número de vítimas nunca chegou a ser revelado, pois o governo escondeu os corpos dos mortos. Durante uma greve da mina >



com.  
de El Salvador, no governo de Eduardo Frei, uma patrulha militar abriu fogo contra um grupo de manifestantes, com o objetivo de dispersá-los. Seis pessoas morreram, entre elas algumas crianças e uma mulher grávida. O comandante do grupo de militares era um obscuro general de 52 anos, pai de cinco crianças, e autor de vários livros sobre assuntos militares: Augusto Pinochet. O mito do legalismo e da delicadeza deste exército foi inventado pela burguesia chilena, em seu próprio interesse. A Unidade Popular manteve o mito, na esperança de mudar o esquema de comando em seu favor. Mas Salvador Allende sentia-se mais à vontade entre os Carabineiros, uma força armada, de origem popular e camponesa, que estava sob comando direto do Presidente da República. De fato, a junta teve que descer quatro degraus na hierarquia dos Carabineiros, até encontrar um oficial que apoiasse o golpe. Os jovens oficiais entrincheiraram-se com seus colegas de outras patentes, na escola de oficiais de Santiago, e resistiram quatro dias, até serem desalojados por ataque aéreo.

Esta foi a mais conhecida batalha de todas as que se travaram dentro dos postos militares, na véspera do golpe. Os oficiais que se recusavam a apoiar o golpe, ou que falhavam nas missões de repressão, foram mortos friamente pelos conspiradores. Regimentos inteiros se amotinaram, tanto em Santiago como no interior, e foram reprimidos sem perdão, tendo seus líderes sido mortos como uma lição para as tropas... O comandante da unidade de blindados de Viña Del Mar, coronel Cantuarias, foi metralhado por seus subordinados. Será preciso muito tempo, para que o número de vítimas desta carnificina interna seja conhecido, pois os corpos dos mortos foram transferidos dos quartéis em

caminhões de lixo, e enterrados secretamente. A história do golpe tem que ser contada, com informações de várias fontes, algumas de confiança, outras não. Um número não preciso de agentes secretos tomou parte do golpe. Fontes clandestinas nos informam que o bombardeio do palácio de La Moneda - cuja precisão técnica surpreendeu os especialistas - foi executado por um time de acrobatas do ar americanos que entraram no país sob a proteção da Operação Unitas, a fim de fazer uma demonstração aérea no dia 18 de setembro, dia da Independência Nacional. Há ainda a evidência de que muitos agentes das polícias secretas de países vizinhos se infiltraram através da fronteira boliviana, e se esconderam até o dia do golpe, quando deram início a uma sangrenta perseguição contra os refugiados de outros países latino-americanos. Em 1972, um grupo de conselheiros americanos fez uma visita a La Paz, cujo objetivo não foi revelado. Talvez tenha sido apenas coincidência, entretanto, que pouco tempo depois desta visita, começaram movimentos de tropas na fronteira da Bolívia com o Chile, dando aos militares chilenos mais uma oportunidade de reforçar suas posições internas, e realizar transferências de pessoal e promoções na área do alto-comando favoráveis ao golpe.

Finalmente, a 11 de setembro, enquanto se desenvolvia a Operação Unitas, o plano original - concebido à mesa de um jantar em Washington - foi posto em prática, com um atraso de três anos, mas precisamente como tinha sido concebido: não como um golpe convencional de quartel, mas como uma devastadora operação de guerra.

**5 - UM CORPO DESFIGURADO**

Tinha que ser desta maneira, pois não era apenas o problema de derrubar um governo, mas de plantar as negras

sementes do terror, de tortura e de morte, até que no Chile não restasse nenhum vestígio das estruturas políticas e sociais que tornaram a Unidade Popular possível. A fase mais cruel, infelizmente, apenas começou.

Naquela batalha final, com o país dominado por incontroladas e desconhecidas forças de subversão, Salvador Allende ainda se deixava guiar pela legalidade. A contradição mais dramática de sua vida, foi ter sido um inimigo congênito da violência e um apaixonado revolucionário. Ele acreditava ter resolvido esta contradição com a hipótese de que as condições chilenas permitiriam uma evolução para o socialismo, sob a legalidade burguesa. A experiência ensinou-lhe, muito tarde, que um sistema não pode ser modificado por um governo sem poder.

Essa tardia desilusão deve ter sido a força que o impeliu a resistir até a morte, defendendo as ruínas flamejantes de uma casa que não era a sua, uma sóbria mansão que um arquiteto italiano construiu para ser um palácio e que terminou como refúgio de um presidente sem poder. Ele resistiu por seis horas, com um rifle, que lhe foi presenteado por Fidel Castro. Foi a primeira arma que Salvador Allende usou em sua vida. Por volta de quatro horas da tarde, o general Javier Palacios conseguiu chegar ao segundo andar do palácio, acompanhado de seu ajudante de ordens, capitão Gallardo, e um grupo de oficiais. Ali, em meio às falsas cadeiras estilo Luís XV, vasos chineses e pinturas de Rugendas, na ante-sala vermelha, Salvador Allende os esperava. Ele estava em mangas de camisa, com um capacete de mineiro e o rifle, mas tinha pouco munição.

Allende conhecia bem o general Palacios. Alguns dias antes ele disse a Augusto Olivares que este era um homem perigoso, com ligações muito

estreitas com os serviços secretos americanos. Assim que o viu nas escadarias, Allende gritou: "Traidor", e atirou em sua mão.

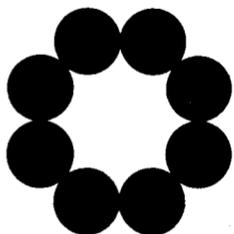
De acordo com a história de uma testemunha que pede para não citar seu nome, o presidente morreu numa troca de tiros com o grupo. Depois, todos os oficiais, um ritual de casta, atiraram no corpo. Finalmente um oficial não comissionado deu uma coronhada em sua face, com o cabo do rifle. Há uma foto: o fotógrafo oficial Juan Enrique Lira, do jornal El Mercurio, bateu uma chapa. Foi o único a quem se permitiu fotografar o corpo. Estava tão desfigurado, que quando foi mostrado, já no caixão, à senhora Hortensia Allende, não se permitiu a ela descobrir a face. Ele faria 64 anos no último mês de julho e era um Leão perfeito: tenaz, firme em suas decisões e imprevisível. "O que Allende pensa, só Allende sabe", disse-me um de seus ministros. Ele amava a vida, as flores, os cães, era muito galante, com um toque da velha escola em sua volta, coisas como cartas perfumadas e encontros furtivos. Sua maior virtude foi sempre seguir adiante, mas o destino lhe reservou apenas a trágica e rara grandeza de morrer em defesa dos anacrônicos bonecos da justiça, defendendo uma Corte Suprema de Justiça, que o tinha repudiado mas que legitimaria seus assassinos; defendendo um Congresso miserável que o tinha declarado ilegal, mas que se dobraria docilmente ante a vontade dos usurpadores; defendendo a liberdade dos partidos de oposição que venderam suas almas ao fascismo; defendendo toda a parafernália de um sistema de merda que ele tinha proposto abolir, sem um tiro ser disparado. O drama aconteceu no Chile, para tragédia dos chilenos, mas passará à história como algo que aconteceu a nós todos, crianças desta era, e ficará em nossas vidas para sempre. ●

# BOLSAS EQUIPE

**...prá quem acorda cedo, pega condução, dá duro, tem uma hora de almoço, sai as seis e prove ser inteligente.**

**E também prá quem não faz nada disso e prove a mesma coisa.**

**inscrições abertas  
CESCEM-CESCEA-MAPOFEI**



**GRUPO  
EDUCACIONAL  
EQUIPE**

Rua Caio Prado, 232 - Tel. 257-2754/256-0425

# Jane Fonda, enviada especial ao Vietnã,

Tom Hayden, eu e o nosso bebê de 9 meses, Troy, chegamos a Hanói dia 19 de abril. Era minha segunda visita, e a quarta de Tom; mas esta seria a mais longa permanência de nós dois. Era a época indicada para uma visita longa. O país uma vez mais se reconstruía à beira da guerra; e o Sul se defrontava com a perspectiva de uma nova guerra interminável, que havia começado quase ao mesmo tempo do desejado cessar-fogo. Assim deixamos Troy em Hanói, em boas mãos, e iniciamos uma jornada ao Sul, de duas semanas, com o diretor de cinema Haskell Wexler e um câmera-man, e um técnico de som da República Democrática do Vietnã. O filme está agora sendo editado e deve ficar pronto até o fim do ano. Será distribuído através da Campanha de Paz da Indochina, com sede em Santa Mônica. O que segue é uma série de lembranças, sob forma de diário, do que vi, olhei e senti, enquanto o grupo se dirigia de Hanói até a zona liberada da província de Quang Tri.

## Um país feito a mão

Apesar da guerra continuar no Sul, o bombardeio sobre o Norte parou - ninguém sabe por quanto tempo - e assim as pessoas do Norte lançam-se à reconstrução. Habitações, escolas, estradas, serviços de saúde constituem as necessidades imediatas. Desta vez, visitei alguns lugares perto de Hanói, que tinham sido bombardeados em 1972. Um deles era um grande bloco de dormitórios de milhares de trabalhadores. Uma série de programas de reconstrução rápida foi iniciado desde a assinatura dos acordos de paz, para garantir casa a todos os desabrigados. Locais, como os que visitamos, terão 12 edifícios, abrigando 60 famílias cada um. Um jardim de infância e lojas fazem parte dos conjuntos. 400 trabalhadores, metade deles mulheres, ocupavam-se da construção, quando os visitamos. Eles não têm indústrias de pré-fabricados; assim, as peças de cimento são construídas no local, em moldes cavados no chão. São necessários 4 ou 5 meses para terminar um prédio. Quase tudo parece ser feito a mão, mas existem alguns caminhões e guindastes em volta. "Depois de 13 anos de guerra, nós não podemos fabricar máquinas", explicou um dirigente no local das construções. As casas não têm luxos, como venezianas ou tintas brilhantes. O contraste entre elas e a delicada riqueza da arquitetura vietnamita tradicional é doloroso. Em 1972, disseram-me que o Vietnã reconstruído do futuro seria "vietnamita, prático, simples, compreensível a qualquer um". Na verdade, vimos no interior algumas áreas novas que se encaixam

nesta descrição, bonitas em sua graça despojada. Moderno, mas ainda vietnamita.

Em Hanói, porém, o luxo da estética tem de ser adiado. Eles precisam de muita coisa, e em muito pouco tempo.

Para a gente apreciar totalmente o espírito e a resolução com que os vietnamitas parecem enfrentar a tarefa de reconstrução, é preciso ter em mente a extensão de destruição.

Qualquer visitante notará logo que todas as grandes estruturas, e muitas das pequenas, toda ponte, toda estrada, principalmente nos arredores de Hanói, foram bombardeadas. Como uma epidemia, crateras marcam os campos perto das estradas. O debate sobre se o Pentágono "pretendia" atingir apenas objetivos militares, que seja resolvido pelos historiadores; isso não mudará o fato de que praticamente tudo foi bombardeado.

Esta é a terceira vez que o mesmo povo começa a reconstruir seu país, em 30 anos. Após a guerra de 10 anos contra os franceses, derrotados em 1954, eles nos contam que sobram apenas 100 quilômetros de ferrovias e uma pequena rodovia. A moderna indústria só contribui com 1,5% do Produto Nacional. Então em 1965, Johnson começou a guerra aérea, e tudo aquilo foi destruído. Após a suspensão dos bombardeios, em 1969, mais uma vez eles começaram a construir; mas em 1972 Nixon recomeça os bombardeios, e desta vez nada foi poupado. Foram atingidos todos os centros industriais, represas, diques, fazendas governamentais. Todo hospital

provincial foi bombardeado pelo menos uma vez, bem como centros residenciais, escolas, pagodes, catedrais. Com exceção do centro de Hanói, poupado por razões diplomáticas, todas as outras cidades do Norte têm que ser reconstruídas.

Os sinais de apoio internacional são vistos em toda parte. Casas pré-fabricadas vieram do Japão; caminhões, guindastes e tratores, da China e União Soviética; maquinaria, da Europa Oriental; medicamentos e equipamentos hospitalar, da Suécia.

O artigo 21 do acordo de paz obriga os EUA a auxiliar na reconstrução, mas a administração Nixon tem-se recusado e está mesmo bloqueando fundos norte-americanos para o programa da UNICEF de ajuda às crianças vietnamitas.

No entanto, o povo americano levantou, nos últimos 18 meses, mais de um milhão de dólares - a maior parte em moedas de 5 e 10 centavos - para auxílio médico à Indochina. Esta campanha se comprometeu a reconstruir a ala de otorrino do Hospital Bach Mai, de especial importância, pois muitas crianças ficaram surdas com o barulho das bombas. Os primeiros equipamentos enviados já chegaram.

Eu e Tom já tínhamos visitado o hospital Bach Mai, antes do terror do bombardeio, no Natal de 1972. Lembrei-me das médicas que tinha conhecido. Vejo seus rostos fortes toda vez que mostramos nossos slides das "mulheres do Vietnã". Quando falei que queria vê-las novamente, me disseram que a maioria morreu durante o bombardeio,

tentando salvar pacientes. O edifício onde elas morreram era agora uma pilha de destroços, e há um pequeno monumento em sua homenagem.

Fiquei chocada com os danos que eu vi, prédios inteiros desaparecidos, tetos e paredes derrubados. Chovia fino e em muitos lugares tínhamos de atravessar poças d'água, enquanto visitávamos as enfermarias. Ainda assim o hospital continuava funcionando. Operações são feitas, crianças nascem, destroços são removidos e novas paredes construídas em volta deles. O Dr. Dai disse, rindo: "Em condições normais, este hospital estaria condenado, e se a gente insistisse em continuar, seríamos presos."

Nguyen Khac Vien, escritor e editor, resumiu os problemas da reconstrução. "O desenvolvimento industrial requer certo ritmo de vida. Estamos desenvolvendo isso com os soldados, camponeses, estudantes que tiveram nada de experiência. Em Hanói existem centenas e centenas de pessoas que 10 anos atrás nunca estiveram numa cidade em crise. Quando o semáforo está vermelho, por exemplo, muitas pessoas continuam andando. Isso não tem importância porque existem poucos carros e você não pode ser atropelado por uma bicicleta. Mas nas fábricas é difícil para as pessoas trabalhar obedecendo um horário. Um artesão pode fumar cachimbo por 15 minutos e voltar ao trabalho. Mas numa linha de montagem, você tem que chegar na hora, e desenvolver ritmos de trabalho. Um exemplo extremo de trabalho, são os montanheseiros. Nos feriados, eles voltam para as vilas para as férias de 3 meses! Mas nós não podemos fazer isso. ➤

continuação

## "O diretor da fábrica de bicicletas, orgulhoso, mostra a sua: inteirinha feita de bombardeiros americanos abatidos"

Um regime socialista proíbe qualquer um de ser despedido. Temos sessões de crítica, mas na maioria das vezes isso não os preocupa. Assim, após as férias, nós os recebemos de volta e dentro de alguns anos eles chegarão a padrões normais de trabalho."

"Também há um problema de direção. Os soldados que lutaram bravamente não se transformam necessariamente em bons diretores. Mas um bom técnico, que não lutou, tem o problema de adquirir o respeito dos trabalhadores que lutaram. Problemas humanos. É difícil encontrar militantes especializados. Assim, temos pessoas mais velhas que lutaram e jovens que estudaram, desenvolvendo-se juntas."

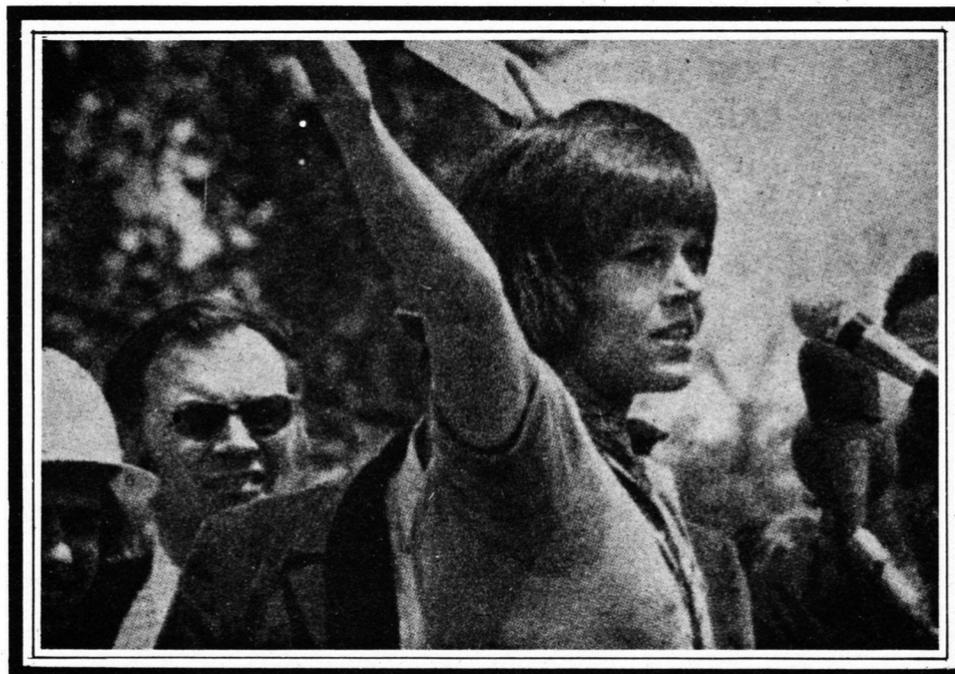
Nguyen Dinh Thi, autor teatral, descreveu com uma imagem o problema da industrialização de uma sociedade camponesa. "Imagine 10 camponeses diante de um automóvel, nenhum deles mecânico ou motorista. São inteligentes e trabalhadores e podem se unir para lutar contra um tirano. Mas o máximo que fazem é empurrar o carro. Sob o domínio francês havia apenas um engenheiro vietnamita em toda Indochina. Agora, no Norte, vemos o problema bem cedo e passamos privações para mandar um de nossos jovens até o exterior para estudar. Hoje podemos esperar que, entre 10 camponeses, haverá pelo menos uma criança que sabe dirigir."

Para os vietnamitas, seu país tem uma língua e uma história comuns, uma cultura, apesar de dividido em Norte e Sul. A responsabilidade pelo Sul é fortemente sentida na medida em que o Norte se reconstrói. Lutadores feridos e vítimas de torturas na prisão, assim como orfãos, são enviados ao Norte onde há facilidades de cuidado. Nguyen Khae Vien descreveu os laços entre as duas partes do país. "Nós sempre dividimos alegrias e tragédias. O Sul tem sido brutalmente devastado. Agora que as zonas liberadas desfrutam de relativa calma, nossos amigos do Sul são capazes de começar a reconstrução. É natural que o Norte, menos devastado, colabore. Todos nós temos parentes no Sul. Quando estamos formando uma biblioteca numa cidade do Norte, compramos dois livros: um para o Norte e outro para o Sul. Nas fábricas têxteis as pessoas trabalham horas extras para produzir tecidos para o Sul. Em todos os setores acontece a mesma coisa."

Visitamos uma fábrica de bicicletas na cidade de Thanh Hoa onde há quase 200 trabalhadores, 80 dos quais eram mulheres. Produzem cerca de 400 estruturas de bicicletas por mês, a maior parte de restos de aviões americanos e invólucros de bombas. Estes são derretidos e prensados sob forma de estruturas e correntes. O diretor da fábrica mostrou, orgulhoso, sua própria bicicleta, parte da qual feita com restos de bombardeiros de Johnson e parte dos bombardeiros de Nixon.

### HANOÍ

As ruas de Hanói estão barulhentas e exuberantes; e mais do que isso, existem crianças; multidões benignas de belas crianças com aparência feliz nos seguiam, os visitantes de pele branca, sempre que dávamos um passeio. Quase não havia crianças em Hanói quando estive lá, em julho de 1972. Centenas de milhares delas tinham sido evacuadas para o interior e foram abrigadas em casas de camponeses. Nunca vi grandes grupos de pessoas reunidas, os bombardeiros tornavam isso muito perigoso; os visitantes estrangeiros limitavam-se às viagens, e estas, em geral, ocorriam no escuro em carros camuflados. Mas em abril de 1974, 15 meses após o Acordo de Paz, podíamos andar sós por toda Hanói. Ao invés de alerta de ataque aéreo, os alto-falantes nas ruas tocavam músicas vietnamitas. Os



enormes posters pendurados nos cruzamentos em 1972, que anunciavam quantos aviões tinham sido derrubados, agora mostram gente reconstruindo e plantando.

### TROY

Eu tinha decidido que queria outro filho quando estava em Hanói, em 1972. Assim dois anos depois, Troy veio conosco. Tínhamos sido avisados anteriormente que não poderíamos levar Troy para o Sul, pois a viagem seria muito dura. Não sabíamos que a viagem levaria duas semanas de jeep. Estávamos mais ou menos ansiosos, mas lembramos que muitas famílias vietnamitas ficaram separadas por vários meses e até anos por vários bombardeios. A doutora Hung foi escolhida para tomar conta de Troy. Ela é uma médica assistente do Vietnã do Sul, que trabalha e mora num jardim de infância de Hanói. Deixou seus próprios filhos, de 9 e 11 anos, para mudar-se para um quarto no andar térreo do hotel, e ficar com Troy durante a maior parte dos 24 dias que estivemos no Vietnã. Chorou quando teve que dizer adeus a ele. Foi a parte mais difícil da despedida.

Durante a viagem de duas semanas pelo Sul, recebemos telefonemas constantes informando sobre o que Troy tinha comido, como estava dormindo e quanto tinha engordado.

### O QUEIXO DO DRAGÃO

Quando apenas chegamos à província de Thanh Hoa, vimos caminhões com bandeiras do Governo Revolucionário Provisório sulista atravessando uma ponte a caminho do Sul, levando bambus para casas, sementes de arroz, coqueiros e búfalos. Reconheci esta famosa ponte de um poster cubano. Localizada entre duas montanhas, com quase 400 metros de altitude, a ponte era um objetivo perfeito e desafiante para os pilotos dos EUA. A montanha de um dos lados tinha sido bombardeada e ficou reduzida a um terço. Os oficiais da Província disseram que 106 aviões foram derrubados aqui. Isto é: em média, 1 avião para cada 2 metros de ponte. Ham Hong, o nome da ponte, significa Queixo do Dragão, e um oficial contou a história. Foi construída originalmente pelos franceses em 1905, mas não podia ser terminada porque o leito do rio se recusava a apoiar um dos pilares principais. Por isso os franceses trouxeram engenheiros alemães para enfrentar o problema, mas eles também não conseguiram ajudar. Um alemão

suicidou-se de tanta frustração. Finalmente, substituíram-na por uma ponte suspensa, cuja construção demorou 5 anos. Bombardeiros destruíram a ponte no fim da década de 60, mas os vietnamitas a reconstruíram em 1973, em 69 dias.

### DONG HA VIBRA

Dong Ha já teve 40 mil habitantes. Nunca foi bombardeada durante a reocupação. Mas dois dias antes da assinatura do acordo de paz, os EUA enviaram bombardeiros B-52 e a achataram. Hoje Dong Ha está novamente vibrando. A praça do mercado está povoada e há carne, açúcar, sorvete e tabaco. Ao contrário das zonas de Saigon, o arroz não é um grande problema aqui. As autoridades prevêm que brevemente estarão até exportando o produto. Todos têm pelo menos um teto provisório. Vimos muitas casas renovadas com alumínio e outros materiais salvos de bases abandonadas. Em Dong Ha, encontramos um grupo de artistas do Conjunto de Canto e Dança Libertação. Fui apresentada como a moça que fez Barbarella e agora está se dedicando à paz.

Frequentemente me parece que uma das qualidades vietnamitas mais preciosas é a habilidade para mudar. Assim, antigos oficiais de Saigon são aceitos em zonas liberadas, e prostitutas aceitas em postos importantes. Em casa eu era mais aceita como Barbarella, e os primeiros discursos que fiz foram rotulados como "venha e ouça Barbarella falar". A mudança é inquietante. Vivi muito tempo com todas as armadilhas e com a estrutura mental de uma sociedade alienada. De fato, como atriz sem consciência social, era uma promotora dessa cultura. Agora, não só tenho que lidar com seus efeitos libertadores sobre mim, mas também tenho que considerar que essa cultura está sendo (conscientemente) exportada para outros países (encontramos uma tradução do livro Barbarella à venda num hotel de Bangladesh, enquanto os jornais falavam de ameaça de fome). Um pintor disse apaixonadamente: "Talvez os americanos pensem que a guerra no Vietnã é principalmente uma agressão territorial. Aqui os Estados Unidos não só construíram bases, mas atacaram nossas estruturas sociais e culturais. Os Estados Unidos tentaram transformar o Vietnã num dos 51 estados, e os vietnamitas em americanos de pele amarela. Eles trouxeram ao Vietnã a cultura da decadência".

Ainda permanecem no Vietnã do Sul entre 400 e 500 mil prostitutas, a maioria das quais recrutadas no interior ou refugiadas que se vendiam, porque não

podiam sustentar suas famílias. Muitas delas faziam operações plásticas para arredondar os olhos e aumentar os seios. Salões de massagem e filmes ocidentais enchem as ruas de Saigon.

### ONDE HO NASCEU

Vinh chegou a ter a quarta maior população entre as cidades do Norte. Localizada numa estreita região conhecida como Cabo da Panela, na província onde Ho Chi Minh nasceu, o que resta da cidade de Vinh são troncos de árvores e espaços vazios, e esqueletos de prédios marcados por fragmentos de bombas.

A partir de 5 de agosto de 1964, o primeiro dia da guerra aérea de Johnson, até o cessar-fogo de 1973, Vinh sofreu 34.000 ataques aéreos, incluindo 12 B-52 e um F-111. 35 navios foram afundados... Como em qualquer lugar que visitamos, fizemos as anotações numa longa mesa com chá e biscoitos, enquanto um porta-voz dava um relato cuidadosamente detalhado.

### ARTHUR MILLER

Tenho visto "yankee go home" escrito em vários muros de muitos países. Mas no Vietnã, mesmo em 1972, nunca ouvi ou vi qualquer slogan antiamericano. Eles apontavam para crateras de bombas e diziam acusadamente "Johnson" ou "Nixon", mas nunca "ianque".

Fiquei surpreendida com essa falta de hostilidade em relação aos americanos, até que comecei a descobrir que há um esforço, em todos os níveis, para ajudar o povo vietnamita a compreender quem somos nós, nossa história e cultura.

O Comitê de Solidariedade é o principal responsável por este trabalho. A história americana tem sido traduzida para o vietnamita. Assim eles conhecem tanto Thomas Paine como racismo e genocídio. Filmes de movimentos contra a guerra foram mostrados por unidades móveis. Eles cantam canções americanas progressistas que aprenderam de Joan Baez e Peter Seeger ou através de rádios ocidentais.

### UM DIA NA CORTE

Um dia soubemos de um julgamento em Dong Ha. Três antigos soldados de Saigon tinham matado alguém. Era um crime passionai, pelo qual eles já tinham cumprido seis meses.

Fomos levados a uma sala de reuniões, recém-construída, abarrotada pelos habitantes da cidade, talvez uns 300. Outros ficaram lá fora, ouvindo os alto-falantes. Na extremidade do salão havia três juizes sentados - eram representantes da Frente de Libertação local. Ao lado de cada um havia um escrivão e um promotor. Logo abaixo, no lado oposto, estavam as famílias das vítimas e testemunhas. Do outro lado, a defesa. Os três foram condenados a 18 meses de prisão, com direito a sursis.

Fizemos várias perguntas sobre o sistema judiciário nas áreas liberadas. Madame Chi (do Comitê Conselheiro do Governo Provisório) explicou que não havia estrutura definida, já que não existe constituição. "Somos um governo provisório", disse. "A Constituição do Vietnã do Sul será escrita por um governo de coalizão eleito pelo povo. Isso acontecerá assim que o acordo de paz for cumprido integralmente."

### INDO PARA O SUL

A viagem de Hanói à zona desmilitarizada leva dois dias e meio. A estrada é suficientemente larga para a passagem de caminhões e dois terços dela estão pavimentados.

Desisti de contar as crateras de bombas que eu vi no caminho. Algumas vezes, contamos mais de 40, algumas com aproximadamente 10 metros de largura. Lembram-se dos noticiários, "hoje aviões americanos atingiram uma importante rodovia no Vietnã do Norte, destruíram"

continuação

## "Quanto mais me aprofundei em território vietcong, mais gado eu vi, e as casas tinham um ar próspero"

uma ponte e...?" Aqui estavam essas pontes, algumas com menos de 5 metros de comprimento.

A viagem foi dura. Não só pelo calor e poeira, mas a visão do jeep era constrangedora, e nós tínhamos muito tempo para pensar no significado dessa vitória. Como é que os computadores poderiam prever que bandos de escolares inventariam modos de desligar bombas-relógio lançadas à noite? Soldados andando por meses carregando partes de tanques nas costas? Estes soldados sendo alimentados e abrigados por camponeses que não soltavam seus segredos? Poderiam eles imaginar que um time de mulheres trabalhando à noite, pode encher uma cratera de bomba com as mãos e em poucos dias restabelecer o tráfego!

E aqui estávamos nós, indo para o Sul pela rodovia 1, observando o trem carregado de pessoas, homens e mulheres consertando a estrada, rochas e montões de terra; e uma cadeia humana nivelando a estrada, com a paisagem despida, plantada com arvorezinhas para florestas do futuro. Uma nação sendo reconstruída a mão.

À medida que nos aproximávamos do Sul, pior ficava a estrada. As crateras ficavam mais perto.

No fim do segundo dia chegamos ao distrito de Vinh Linh, metade no Norte e metade no Sul.

Eu tinha visto um maravilhoso documentário de Jeris Ivan, "Paralelo 17" filmado antes de Vinh Linh ser arrasada. Foram derrubadas lá 10 toneladas de bombas por pessoa, num distrito que tinha sido muito fértil, com rica vegetação e agradáveis casas de dois andares.

Muito foi reconstruído no último ano, mas ainda podíamos ver vastos espaços onde a terra parece morta.

Visitamos uma grande fazenda estadual onde as seringueiras e pimentas foram replantadas. Os trabalhadores disseram que foram jogadas 200 toneladas de bomba por acre. Andamos ao redor de duas crateras produzidas por bombas de 200 Kg jogadas de B-52, para observar quatro tratores russos novos brilhando, nivelando a terra, preparando-a para a colheita de outono. Uma trabalhadora disse que, durante a guerra, eles continuaram trabalhando; "quando atacavam, íamos para os túneis, quando iam embora, voltávamos. Desse modo, apesar da destruição, sempre tínhamos o que comer. E cantávamos. Nosso lema era "vamos cantar e abafar o barulho das bombas".

Pedimos para visitar esses túneis. Tom e eu ouvimos falar nas cidades subterrâneas de Vinh Linh, labirintos que se aprofundam na terra com amplas salas de reuniões, postos de água, salas de aula e de parto. 70 mil pessoas foram forçadas a viver ali durante os bombardeios.

Descemos levando lanternas por longos túneis de terra, passando por quatro cubículos minúsculos, que se ligavam à passagem principal a intervalos regulares. Cada um abrigava uma família. Um era sala de parto, onde nasceram 17 crianças. A prolongada falta de oxigênio e luz solar nesses túneis provocou problemas de pele, tuberculose e reumatismo, principalmente em velhos e crianças. Após 10 minutos (não tínhamos sequer atingido as salas de reuniões maiores) tudo o que eu queria era sair dali. Tom e eu percebemos que não poderíamos sobreviver nesse tipo de vida subterrânea.

O senhor Diet, pescador de 70 anos, disse que passou quase 3 anos aqui. "Nunca sabíamos quando vinham as bombas. Quando elas paravam saíamos para o mar e pescávamos, depois voltávamos aos túneis. As bombas caíam perto dos barcos. Algumas vezes



atingiam os barcos, e uma vez tive que nadar um quilômetro até a praia". O senhor Diet contou que sua casa tinha sido bombardeada e destruída pela 7ª Frota. Ele e seus amigos a reconstruíram sete vezes.

### NA ZONA DESMILITARIZADA

O rio Ben Hai marca o paralelo 17, ou o que foi o meio da zona desmilitarizada. Chegamos ali numa calma manhã de domingo, após meia hora de viagem de Vinh Linh. A grande bandeira vermelha e dourada da República Democrática do Vietnã tremulava na margem norte. A bandeira azul, vermelha e dourada do Governo Revolucionário tremulava do outro lado do rio. A estratégia americana, que tentou criar uma barreira, tinha acabado; e agora camponeses, pescadores, búfalos e alguns caminhões iam e vinham pela estreita ponte. "Eles podiam destruir pontes de metal, mas não as pontes de nosso coração", disse um oficial. Esperávamos na ponte a devolução dos nossos passaportes. O Governo Provisório tem documento e procedimento próprios. Olhei o outro lado do rio. O Ben Hai não é muito largo. Um pescador poderia atravessá-lo sem esforço. Os habitantes da vila pontilham suas margens. Membros de uma mesma família em geral moram numa e noutra margem; mesmo assim após 1954 os visitantes do Norte eram considerados invasores. Recebemos nossos documentos e andamos pela ponte, para a zona liberada de Quang Tri. Sentimos uma diferença em Quang Tri. Ao contrário do Norte, o povo do Sul nunca conheceu a paz durante suas vidas, e não só tem sido submetido a bombardeios, mas também a ocupações estrangeiras, primeiro a França, depois os EUA. A terra tem um aspecto diferente, como se tivesse sido pisada até a morte por botas estrangeiras. Latas de Pepsi e de cerveja, lixo e restos. Os olhos das pessoas pareciam repletos de memórias recentes de campos de concentração e violências. Nossos amigos tinham dito que o Sul fora mais destruído. Agora, sentimos o impacto dessas palavras. Isso me entristeceu mais do que qualquer coisa que tenha visto no Norte.

Há menos gente, e mais mulheres que homens. O motivo: "Alguns homens são forçados a ficar no exército de Thieu. Alguns morreram", explicou uma mulher que trabalha num moinho do Sul.

A província de Quang Tri foi a mais

bombardeada no Vietnã do Sul. Era uma área de importância estratégica por várias razões. Foi ponto de apoio para a invasão do Laos, em 1971, e local de batalha pelo Campo Carroll, rodovia 9 e Khe Sanh. Também foi a primeira área a ser liberada na ofensiva de 1972, quando forças de Saigon e dos EUA retrocederam e abandonaram bases de vários milhões de dólares. Não podendo controlar o território, os EUA tentaram tirá-lo do mapa, bombardeando continuamente com B-52 - napalm, desfolhantes e gases químicos. Desde a primavera de 1972, 85% da província de Quang Tri ficaram sob controle do Governo Provisório.

### MINAS, APAVORANTES

Quando as forças dos EUA se retiraram, deixaram atrás de si um número incontável de minas não explodidas, talvez mais apavorantes do que as bombas - porque não são visíveis.

Não há nenhum ruído de avião, nenhum aviso de alerta aéreo, mas, duas ou três vezes ao dia, o pisar suave de uma sandália de borracha provoca ferimentos, mutilações ou morte.

Só para construir os quartos de hóspedes onde ficamos, que ocupam uma área de um quarteirão, 400 minas foram detonadas. Um ano depois da assinatura do acordo de paz, as minas mataram 300 pessoas e 1.000 búfalos em Quang Tri. É difícil detectar as minas, devido ao enorme volume de restos de metal pouco abaixo do solo. A queima controlada de áreas minadas tem tido um efeito mínimo.

O problema não se limita a Quang Tri. A missão de estudos do Subcomitê Kennedy sobre refugiados relata que há, em toda Indochina, entre 150 a 300 milhões de quilos de explosivos, "que podem explodir em seus campos e florestas durante os próximos anos".

Uma manhã visitamos o hospital de Quang Tri. Durante os bombardeios de limpeza, o hospital tinha sido transferido para a selva. Agora foi reconstruído nas ruínas com 150 leitos, 15 médicos e 35 enfermeiras. Todo tratamento é gratuito.

Vimos microscópios e equipamentos cirúrgicos de outros países, mas tragicamente poucos - comparados com a maciça necessidade da província. Devido à falta de plasma, é difícil evitar que pessoas morram de hemorragia.

De repente, vimos dois homens correndo com uma maca em direção ao hospital. Ela estava molhada de sangue, e

quando passaram pude ver o rosto de um jovem agonizando. Ele morreu uns 20 minutos depois. Sangrou até morrer. Tinha 26 anos e seu nome era Van Ba.

Alguns minutos depois, uma segunda maca foi trazida com outro corpo coberto. Bui Thi Duanh morreu a caminho do hospital.

O Subcomitê relatou que "até agora nem o Pentágono nem a missão da USAID atribuem qualquer grau de responsabilidade aos EUA nesta área".

### O OUTRO GOVERNO

Sob os termos do acordo de paz, existem duas administrações no Vietnã do Sul: a República do Vietnã (Saigon) e o Governo Revolucionário Provisório (GRP). Saigon controla a maioria das grandes cidades; e o GRP, a maioria do campo.

O antecessor direto do GRP era a Frente de Libertação Nacional - FLN - fundada em 1960. A FLN era uma união de estudantes, minorias, católicos, comunistas. O que os uniu foi a oposição à ditadura Diem-americana. O programa da FLN era acabar com o domínio econômico, cultural e político dos EUA no Vietnã, incluindo o regime Diem, e promover mudanças sociais como reforma agrária, estabelecimento de liberdades democráticas, igualdade para as mulheres e desenvolvimento da educação.

Em junho de 1969, com o início das conversações de paz em Paris, surgiu a necessidade de se formar um governo: o GRP. Isso ocorreu durante um congresso de representantes na zona liberada perto de Saigon.

Assim como a FLN, o GRP é uma coligação de personalidades da FLN e da Aliança de Forças Nacionais Democráticas e da Paz.

O GRP já foi reconhecido por 38 países. Na conferência de países não-alinhados na Argélia, em setembro de 1973, representantes de 100 países, representando cerca de dois bilhões de pessoas, reconheceram o GRP como único representante legítimo do Vietnã do Sul.

Mas, como em qualquer governo, o teste fundamental da legitimidade está na sua habilidade de melhorar a vida do povo e criar uma sociedade estável.

Um jornalista de Washington, em visita à vila de Binh Phu, no delta do Mekong, no início de 1973, relatou: "Parece que o vietcong está fazendo parte da sociedade afluyente, porque há vários sinais de riqueza rural, barcos com motores, bombas de água americanas, bastante comida e gado. Um repórter do Newsweek, em viagem por Ca Mau, no extremo sul do Vietnã, escreveu: "Quanto mais se aprofunda em território vietcong, mais gado eu vi, e as casas tinham um ar próspero."

A prosperidade relativa do GRP deve-se inicialmente, ao fato de que sua economia não depende de auxílio estrangeiro como Saigon. As pessoas trabalham coletivamente para melhorar a terra, assim como lutaram juntas para defendê-la. A economia é planejada.

O GRP tem enfatizado o desenvolvimento educacional tanto de crianças como de adultos. Muito da área que ocupam agora estava antes tomado por forças, e a proporção de analfabetismo era alta. Agora em Quang Tri, por exemplo, 65% da população é alfabetizada.

Numa época em que a crise econômica de Saigon piora - o custo de vida dobrou no último ano e a fome se alastra - a crescente estabilidade das zonas do GRP tem explicações políticas profundas. De acordo com o ministro de Refugiados de Saigon, 600.000 famílias pediram permissão para retornar às suas casas nas áreas do GRP. E contaram-nos que os soldados de Saigon, e até mesmo oficiais às vezes, fazem trocas com o GRP, para arranjar comida suficiente para se alimentarem. ●



**CANTINA DO PASQUALE**  
massas frescas — comida caseira  
Rua Martinho Prado 187

**Sensacionais  
revelações de  
Francisco Petit da DPZ,  
a respeito de  
Paulo Gorodetchi:  
o dono da livraria Bux.**

*Amazons*  
de João Ruivo & filho  
os melhores  
secos e molhados do Canindé.  
Rua Afonso Arinos nº 91

**TRATTORIA ITÁLIA**  
Massas, cabritos, coelhos,  
risotos, filés, frangos,  
ambiente italianissimo.  
**TRATTORIA ITÁLIA**  
a única  
Rua Turiaçu, 792  
Perdizes I 62-1228



Considero Paulo Gorodetchi o maior livreiro do Brasil.  
Responsável pela evolução da propaganda brasileira  
e divulgador incansável da cultura em nosso país.  
Por isso, sou fiel a ele.  
Só compro livros na sua livraria, ou trazidos por ele.  
E ainda digo mais: acho o Paulo tão bom, que ele nem  
precisa ser tão puxa-saco.

**Bux**

Especializada em livros e revistas nacionais e estrangeiros  
Av. Faria Lima, 1.508 - Tel.: 32-3653 (escr./recados).

**LIVRARIA AUGUSTA LTDA.**  
DISCOS  
LIVROS  
REVISTAS  
PAPELARIA  
Matriz: Rua Augusta, 1403 - SP  
Filial: Domingos Monães, 371 tel 71.0890

**PONCHO EL PONCHO EL PONCHO**  
casa de lanches - cervejaria  
RUA AUGUSTA nº 169  
esquina da Caio Prado.

**ney matogrosso apresenta**

**LADIES  
NA MADRUGADA!**

o que as moveria em  
tão tardia hora?  
de  
**MAURO  
RASI**

**TEATRO 13 de MAIO.** RUA 13 DE MAIO, 134 • 3.a A DOMINGO - 21 Hs. • Cr\$ 30,00 e  
TELEFONE: 256-0001 • 6.a E SABADO - 22 E 24 Hs. • Cr\$ 15,00

## Prostituição propriamente dita

a moça, Kate Coleman, já trabalhou em várias publicações dos EUA. Nesta reportagem ela decidiu levar o jornalismo-vivência às últimas consequências: experimentou na carne o drama de uma prostituta.



# Texto e experiência de Kate Coleman



AQUI, VOCÊ SABE ONDE IR. EM NOVA YORK, PROCURE A CLARE, NO EAST SIDE.

No 19º andar de um luxuoso prédio de apartamentos no East Side, Nova York, o sol do fim de tarde entra através das frestas da janela, formando um mosaico de cores no assoalho. Uma dracena se espalha sobre a sala de estar. O apartamento, de dois quartos a 500 dólares por mês, é um bordel, que presta serviços aos homens de negócios. Depois do expediente, o apartamento serve de residência para a madame.

Clare é uma ex-prostituta, que venceu os obstáculos da meia-idade, ao tornar-se proprietária de um negócio próspero e lucrativo. Uma vovó, já na casa dos 60, ela entrou bem tarde na prostituição, com 38 anos, viúva depois do segundo casamento e mãe de dois filhos já crescidos. Ela diz que antes dos dias de "viração", era uma mulher muito inocente, mas bastante interessada no "outro" lado da vida.

Grande contadora de histórias, Clare diz que sua formação foi um paradoxo. Com voz forte e seca - reconhecível em qualquer lugar - conta:

"Venho de uma família religiosa (batista) e tinha mais de 12 irmãos. Pegar um cigarro era o mesmo que cometer uma desgraça para toda a família. (Hoje ela é fumante inveterada). Quando eu era criança, tinha que andar na linha; e quando me vi sozinha, depois da morte de meu marido, foi um caos total.

Ela diz que se 'infiltrou na viração'. Algum tempo depois, iria sofisticar sua atuação. Era uma mulher bastante especial, naquela época, com muita classe; e, pelo menos, estava muito

orgulhosa do trabalho que fazia. E havia muito mais do que apenas compensações financeiras: - "Eu simplesmente adorava todos os minutos do negócio. Foi o maior divertimento da minha vida.

Ah, eu era uma tremenda mulher... elegante. Eu deixava os caras ligados, com meus cabelos longos, loiros; e com as minhas unhas compridas - que eu ainda conservo - e com meus seios... vou te contar: eu parecia uma máquina IBM - o jeito que eu andava e falava, tudo muito calmo".

A Clare de hoje ainda tem os cabelos até a cintura, mas são grisalhos e presos em cima da cabeça, com uma rendinha colorida. Ela não usa maquiagem nas faces, exceto um batom (usado à la Joan Crawford), e sua única mania é enfeitar de maneira esquisita as unhas. Ela é durona e desbocada. As meninas e os clientes passam o tempo em sua mesa de jantar, ouvindo velhos casos. Clare fala com reserva de outras madames.

"Elas são viciadas; são más com as meninas e abusam delas. Eu tenho medo delas, pra dizer a verdade". Uma prostituta que trabalha para Clare a diferencia das outras madames, atribuindo-lhe um instinto maternal em sua relação com as meninas. Mas a madame nega esse tipo de sentimento: "Eu não quero saber do instinto maternal.

Evidentemente, ofereço bons conselhos às meninas quando elas precisam, mas não posso me permitir um envolvimento maior com seus problemas".

Sem dúvida nenhuma, Clare é um bom negócio. O preço de uma dormida - de 35 a 70 dólares - é dividido igualmente com as meninas que chama para trabalhar. Ela está constantemente à procura de novas meninas, que encontra quase sempre através de outras. Ela elimina as que criam caso ou as velhas, simplesmente

não as chamando para trabalhar.

As criadoras de caso são aquelas que dão ao cliente o telefone de sua própria casa, passando a perna nela, e não dividem as gorjetas recebidas na intimidade. Clare assume pose de um mártir quando questionada sobre a justiça de dividir o dinheiro de uma dormida igualmente, uma vez que a prostituta parece fazer todo o trabalho. Ela responde que dá para as meninas um lugar limpo e uma clientela respeitável, seus fregueses há anos.

Para se proteger da polícia, Clare paga o porteiro e o zelador do prédio: "os donos do apartamento não sabem de nada". A cada dois ou três anos troca de apartamento e telefone, e assim se desfaz de clientes cujos negócios não interessam mais (ou porque eles mostram tendências à violência, ou porque estão pagando muito pouco).

Por um lado ela idealiza sua própria experiência como prostituta; foi muito excitante e até uma libertação da sua vida chata, afundada em Oklahoma. Por outro lado, não aconselha a ninguém:

"se você não começou a se virar, não comece - torna-se um hábito e uma coisa muito difícil de se livrar, porque você vai ficando preguiçosa e sua mente só funciona para dinheiro". As prostitutas - ela resume - "esquecem as coisas finas da vida e se arruinam por causa dos homens ao conhecer apenas um lado deles".

Ela reclama que o negócio da prostituição a excluiu de qualquer outra coisa. "Toda vez que a campainha toca, eu sei o que é, sexo, sexo, sexo! Toda vez que o telefone toca, é sexo, sexo, sexo! Eu nunca estou sozinha, exceto quando vou dormir à noite". A impressão deixada por esta mulher, comparada a de outras prostitutas com metade de sua idade, é de que ela vai bem apesar das oscilações do negócio. Seu humor, e evidentemente o dinheiro, a mantém na ativa.



MARLY, TERESONA, MÔNICA: HISTÓRIAS COMO A DE NOSSA LAURIE

Olhos escuros e pele morena, Laurie se autodenomina uma prostituta "estritamente negociante". Sua figura tensa e uma voz estridente refletem uma natureza nervosa. Usa peruca loira, um pouco aberta demais para seu rosto pequeno e inadequada para sua pele escura. Encontrei-a no apartamento de Clare e ela concordou imediatamente em me dar uma entrevista. Para ela é algo como uma confissão, um ritual em que ela oferece sua tristeza. Ela dá a idade como "23 já chegando aos 90". Sempre acrescenta dois ou três anos a mais para os clientes, coisa que ela aparenta. Laurie não tem sorte. Sua vida é uma história de infortúnio e dor. Abandonada pela mãe ainda criança, foi deixada aos cuidados de um padrasto que a violentava seguidamente. Periodicamente a mãe retornava, mas apenas para depois deixá-la em companhia de algum namorado. "Eu a venerava", Laurie diz amargamente, "mas agora sei que ela é uma mulher suja, preguiçosa e imoral, e eu a odeio". Os traumas precoces foram acompanhados de duas crises nervosas, ainda antes da puberdade: "Eu tinha ilusões terríveis... ah, desilusões, e eles achavam que eu teria que ser internada num manicômio para sempre, mas fui ajudada pelo tratamento de choque". Com treze anos sai de casa. Desde então já passou cinco anos na prisão, tentou o suicídio várias vezes, engravidou três vezes, todas terminando em aborto a que se seguiram brigas com diferentes gigolôs - que por duas vezes a deixaram quase morta. Já tentou matar um gigolô

continua

continuação

uma vez, "quando ele me fez perder o controle". Diz que sua mente escurece completamente nessas ocasiões.

Quando a entrevistei, tinha acabado com seu terceiro gigolô, por causa de uma briga. Suas observações a respeito deles coincidiram com as de várias outras prostitutas. "Eu já estou cheia deles. Eles me bateram com cabides, ou qualquer outra coisa que aparecia. Hoje não tenho nada. Os meus gigolôs saíram com automóveis, dinheiro, mobília, tudo que eu tinha feito. Se eu não tivesse tido um gigolô, poderia ter muito dinheiro no banco, um belo apartamento". Ela se proclama a maior besta que conheceu.

Laurie explica sua queda por gigolôs com muita simplicidade: começou com sua enorme necessidade de amor.

"No começo, você procura o amor, certo? Eu nunca tive amor de ninguém. Então o primeiro homem que aparece e te trata como uma rainha, te conversa docemente, promete que quer casar e ter uma casa... você cai nessa dizendo "é isso que eu quero". Ela balança a cabeça. "Sou muito fraca de espírito; porque quero amor e compreensão. Se eu tivesse isso, teria tudo".

Apesar de muito instável emocionalmente em relação aos seus namorados, ela é uma prostituta disciplinada. Laurie devota muito cuidado ao seu corpo quando está trabalhando. Muitas prostitutas negligenciam o corpo, e pegam doenças, além das óbvias doenças venéreas. Religiosamente, Laurie visita um médico uma vez por semana, para ter certeza de que está sadia. "Se você está fazendo dinheiro, não tem sentido deixar de fazer os check-ups".

Ela insiste em dar um banho nos homens com quem vai se deitar. Mesmo no polido ambiente do estabelecimento de Clare. Ela acostumou a ir para cama com um homem sem ter orgasmos.

"Não tenho nenhuma sensação, não sinto nada; acompanho o movimento. E isso é tudo." Ao contrário de outras prostitutas, Laurie não é permanentemente frígida (Clare confessou que é).

Ela admite sentir-se bem naqueles raros momentos em que cruza com um bom amante. "A maioria deles me faz ficar doente". E acrescenta filosoficamente: "A maioria dos caras tem uma atitude indecente em relação ao sexo; eles abusam dele. Você sabe, o sexo é muito bonito quando usado da maneira certa". Quando termina o charme na cama, as prostitutas revelam grande desprezo pelos consumidores de seus serviços. Sua atitude em relação aos homens

rem muito a ver com a natureza dos desejos sexuais, que eles trazem às prostitutas, mas que não manifestam a suas próprias mulheres.

"Eles não querem que suas esposas saibam que eles são frios e trazem seus problemas sexuais a nós". Que problemas são estes? Sem constrangimento, Laurie cataloga os desejos escondidos dos clientes na categoria de "tarados-sem-tesão". Existem também os masoquistas, que querem ser torturados, abusados, amarrados, Laurie não se incomoda com isso. Mas faz ver que "frequentemente torna-se ridículo e dá muito medo, porque você pode acabar machucando alguma parte do corpo deles - mas é o que eles querem".

A mais estranha história que ela contou passou-se numa casa, um bordel barato de 10 dólares, que ela usava para trabalhar. O sujeito entretanto, oferecia 100 dólares por uma dormida. Inicialmente, o rapaz que tinha 1,80 de altura, pediu a Laurie para pendurá-lo na janela, amarrado pelos pés. Ela diz que recusou: "Não vou te matar e depois ir para a cadeia".

A alternativa do sujeito, contudo, não era menos incrível, pois ele propunha horríveis abusos sexuais, "Ele adorava tortura; adorava a dor". Seguindo suas instruções à risca, ela amarrou-lhe os pés e as mãos no balaústre da cama.

O ato seguinte de seus estranhos prazeres incluía um pedaço de fio, que ele ordenou que Laurie amarrasse o mais apertado possível em volta de seu pênis - "eu não sei como ele podia aguentar", disse com um meneio de descredito. "Então, eu tinha que puxar o fio, esticá-lo como um elástico e amarrá-lo na corda em volta de seus pés. Também tive que colocar brincos em suas bolas você sabe, aquele tipo pingente, e então arrancá-los fortemente de maneira a beliscá-lo". Ele também mandou que Laurie apertasse seus testículos - "belisquei com toda força que eu tinha". Em seguida Laurie abandonou o sujeito no quarto, amarrado e gemendo, e foi cuidar de outro cliente. "Isso era tudo o que ele queria, entende?, e quando terminei com o segundo,

tive que voltar a ele e sentar em cima de seu rosto. Você acredita?", pergunta elevando a voz. A relação sexual nunca foi pedida. Laurie repete sem parar que está no negócio por dinheiro, e que não gosta do trabalho. O sexo propriamente dito não tem nenhum gosto. O trabalhador nesse caso torna-se realmente alienado do produto. Laurie disse que mesmo com seu atual amante, que ela diz tê-la excitado várias vezes na cama, frequentemente se viu implorando a ele para não tocá-la, dando

toda sorte de mentiras e desculpas, para evitar novos desempenhos sexuais. "Estar entre os homens durante tanto tempo me faz ficar enjoada deles", conta, "e você diz então, ah, eu não quero ser incomodada por mais um homem. Não quero mais ser prostituta e o dinheiro que vá para o inferno".

Mas quando você pergunta a Laurie porque ela não deixa o negócio e tenta alguma outra coisa, ela responde amargamente que não serve para outra coisa: "Uma vez prostituta, sempre prostituta, e acredite-me, isso é verdade". Uma vez, ela tentou ser direita, como balconista de um bar, ganhando 56 dólares por semana. Mas o conhecimento de ganhar dinheiro como prostituta fez o emprego no bar ter vida curta. "Eu tentei, realmente tentei", desculpa-se, "mas não posso viver disso, depois de me acostumar a fazer quase 500 dólares por semana. É impossível". Não apenas o dinheiro, mas todo o estilo de vida é muito difícil de ser quebrado. "Você se acostuma a apenas ficar deitada no fim do trabalho, e se acostuma a fazer apenas o que quer - ir para a cama, dormir todo o dia, toda a noite, ou qualquer coisa; você faz. É uma festa, dia e noite. E depois de tantos anos fazendo apenas isso, de repente, pensar em bater um cartão, levantar às seis da manhã e ficar de pé o dia todo, é impossível. É impossível esquecer."

Laurie que trabalhou numa fábrica de sapatos pouco antes de tornar-se prostituta, acha que é mais fácil vender a comodidade de seu corpo, do que enfrentar horas regulamentadas, mal pagas, de um trabalho não especializado. Infelizmente, ela está enquadrada numa situação de alternativas insatisfatórias. Mas todas as prostitutas com quem conversei, estavam para largar dali a pouco. Apesar de todo seu desdém pela prostituição, e por extensão por si mesma, uma grande parte do seu contentamento está reservada aos que lhe pagam: "Eu digo sempre; os caras são bobos. Sei que sou uma prostituta", declara desafiadoramente.

Porque os caras são bobos? Sua resposta foi devastadora: "Eles são mais bobos do que a gente, porque eu sinto que qualquer um deles poderia conseguir qualquer mulher que quisesse como namorada, se apenas tentassem um pouco - e eu falo de meninas decentes (não que nós não sejamos; nós somos uma classe diferente das prostitutas de rua)". Por que ela não foi capaz de encontrar um amor para si mesma? "Durante toda a minha vida", ela suspira de modo fatalista, "eu conheci as pessoas erradas".



ALUNA LÁ NA UNIVERSIDADE, COMO TANTAS. UM DIA, JANETE RESOLVE CAIR NA VIDA ...

Foi uma combinação de chatice, curiosidade sexual à la "belle de jour" e uma temporária crise financeira que levaram a decidida Janette, de 21 anos, a trocar as galinhagens do colégio pela prostituição. Sob todos os pontos vista, ela é o oposto da visão estereotipada de uma prostituta de alta classe. Ela se parece com o perfeito tipo ingênuo de nossos dias. Um retrato tipo revista Life da criança-flor ideal. Alta e esguia, do tipo coelhinha, tem longos e finos cabelos castanhos, olhos levemente marrons e uma boquinha de bebê. A formação de Janette é tão incomum quanto sua aparência de prostituta: ela é a única filha de pais da alta classe média de Nova York; descreve o pai, um engenheiro, como "direito, conservador e republicano roxo (partido de Nixon)". Sua infância foi normal, passada em escolas públicas e acampamentos de verão. Durante dois anos frequentou um colégio só para moças, e depois se transferiu para uma Universidade na Nova Inglaterra, onde se formou em Ciências Biológicas. Durante mais ou menos um ano, levou vida dupla como universitária e prostituta; finalmente deixou a universidade para viver e trabalhar em Nova York em sua nova profissão. O que a levou a fazer esta tentativa? "Eu sempre fui muito curiosa com prostituição, sempre fiz fantasias sobre ser prostituta e dormir com homens mais velhos. Evidentemente, também é uma maneira de ganhar dinheiro, embora essa não fosse a única razão", afirma. "Isso eu quero deixar bem claro". Apesar de ter deixado de ser virgem aos 17 anos, achou os rapazes do colégio sexualmente sem graça, muito iguais. "A viração me parecia uma maneira agradável de dormir com uma porção de pessoas e fazer experiências sexuais. Eu não podia fazer isso com os rapazes lá da minha cidade; eles não me satisfaziam a tal ponto". Inicialmente viu-se no papel de "aliciadora". Começou fazendo uma lista de amigos de amigos, para atrair clientes que lhe dessem uma rica recompensa financeira para o primeiro encontro. Sua primeira semana, durante um período de férias na primavera, ela achou muito monótona. E reclamou muito de um velho horrível "com um pinto muito grande", que lhe causou apenas dor e repugnância. Mas, um pouco depois, conclui que a prostituição é compensadora "por uma série" de motivos. "Pra ser bastante simples, eu tinha orgasmos >>>

continuação —————  
 orgasmos mesmo — e por isso continuei. Eu me sentia muito mais satisfeita, do que dormindo com os meninos da escola. Nunca pensei antes que a prostituição seria a maneira de ter orgasmos todos os dias. O orgasmo foi um lucro-surpresa para Janette. Isso é uma raridade entre as prostitutas. Sua atitude também é diferente da maioria das prostitutas. Ela não tem nenhum orgulho profissional de fazer bem o trabalho, como Clare; ela é completamente indiferente ao fato de ter agradado ou não o homem com quem dormiu. Ao mesmo tempo, não tem a visão do tipo "negócios são negócios" que tem Laurie, apesar de frequentemente pintar um quadro bastante cor de rosa dos prazeres sexuais, que às vezes não está de acordo com o resto de sua narrativa. Mas é verdade que essa maneira não ortodoxa de "viração" frequentemente, se confrontava com os namoricos de quarto e cama. "Eu nunca dormi com um cara que me pedisse para fazer o que ele quer. Ele sempre me perguntam o que quero fazer, e eu geralmente digo a eles para me comerem até eu gosar, e eles sempre me satisfizeram, apesar de ter levado muito tempo para eu ficar feliz. Então, depois de eu ter gosado, eles eram rápidos. É realmente diferente do que a maioria das meninas", diz ela filosoficamente. O que é verdade, segundo as entrevistas que fiz: sem cair no óbvio, a maioria das prostitutas tem a intenção de fazer o cliente ejacular o mais rápido possível. A procura de prazer pessoal seria vista por elas como "mau negócio", mesmo quando possível. Mais conversas com Janette revelaram que ela se sente culpada de exagero, ao afirmar que sente prazer todas as vezes. Conta várias histórias de clientes cujos pedidos deixaram pouco espaço para seu próprio prazer sexual. Às vezes, não chegava nem a haver sexo. Num destes casos, porém, ela se divertiu muito. Descreveu este cliente como tendo 27 anos, rico, bacharel e judeu. Este cliente requereu pouco trabalho, uma vez que logo lhe ofereceu um vinho, a melhor escolha de música estereofônica e um confortável sofá coberto por uma colcha de veludo. "Este rapaz estava numa de escravo, e eu não precisei tirar a roupa — apenas fiquei sentada bebericando meu vinho e ordenando a ele para dormir com qualquer coisa".

O objetivo do jogo era abusar dele verbalmente, exigindo que ele chegasse ao clímax. A cada vez que ejaculava, ele pagava 25 dólares. "Uma vez", ela conta, "eu pedi a ele para dormir com o aparelho de TV; mas para gozar só depois que a imagem aparecesse. Outra vez,

disse a ele para dormir com seu pijama bordado."

O dinheiro que ganhou é um dado secundário, nesta "viagem". Quando estava trabalhando, chegou a fazer 1500 dólares por semana, tendo quatro ou cinco casos por dia.

Perguntei sobre o destino do dinheiro; Janette deu de ombros e respondeu que gastou em roupas, drogas psicodélicas ou simplesmente deu aos amigos.

"Eu não tinha razão nenhuma para economizar dinheiro", ela afirma explicando o fato de não ter nenhum hoje, "e além do mais me parecia ridículo que me pagassem para uma coisa que eu faria de qualquer jeito. Ou seja, eu nunca precisei ganhar dinheiro". Aqui está uma ética puritana ao contrário: o dinheiro não significa nada, porque não envolve trabalho — isto é, ela não merecia o dinheiro. Outras prostitutas também revelaram esta filosofia de entre-e-sai em relação ao que ganham. Além do mais, esbanjar dinheiro proporciona às prostitutas um sistema de compensações imediatas, que as libera da tensão e do sentimento de culpa latente do trabalho de prostituta. Ultimamente Janette deixou de "se virar". Primeiro por causa de uma infecção constante; e depois por sua desilusão e desinteresse por esse tipo de vida.

Trabalhando agora num emprego estável, ela se recusa a voltar para a prostituição, apesar de se declarar pobre. Acho que ela tem medo de que a prostituição tome conta de toda a sua vida. "Foi muito gostoso durante certo tempo passar as tardes só deitando", diz calmamente, "mas vira uma vida muito sem interesse. Você acaba se cansando e não tem mais energia nem vontade de fazer outra coisa, além de passar o dia na cama, dormindo. Você fica num bagaço, sem poder fazer nada, e se transforma em meia pessoa".

Janette acha que sua vida sexual melhorou desde que deixou a prostituição. "Não durmo mais com tantas pessoas e então isto tem mais significado."



VOCÊ CONHECE  
 LEONORA, SUA IRMÃ  
 DE COR?  
 ELA VIROU PROSTITUTA  
 DE RUA.

A esquina da 3a. Avenida com a 12a. Rua está alguns anos-luz do arejado apartamento de Clare e do quartinho "prá frente" de Janette. Esta esquina da Zona Norte, em frente da pequena lanchonete e do bar caíndo aos pedaços, é habitada dia e noite por bêbados, parasitas na imundície da rua e prostitutas viciadas em heroína.

Seus gigolôs não se distinguem do resto da fauna que lá é encontrada. Os hotéis fedidos onde as putas levam seus clientes, por seis dólares o quarto, são encontrados nas ruas laterais. Esses hotéis e os prédios em frente são frequentemente palco de espancamento, esfaqueamentos e assassinatos. A esquina é reservada quase que exclusivamente para as prostitutas negras, ou para brancas que têm namorados ou gigolôs negros. A prostituta branca que tentar entrar no negócio será advertida apenas uma vez para mudar para outro lugar. Uma segunda visita faz um novo cliente para o hospital.

Leonora tem 22 anos, nasceu no Harlem e é mãe de duas meninas gêmeas, de dois anos. Ela é uma insignificante prostituta de rua, que espera os homens encostada em carros e parquímetros, vestida numa mini-saia de jersey cor de rosa, que ressalta sua pele negra. Em volta do pescoço, usa uma enorme cruz de pedra. Seu vestido está descosturado em vários lugares. Leonora casou com seu amor de infância quando tinha 15 anos, mas agora é viúva; o marido foi morto no Vietnam, na primavera de 67. Leonora era a única menina numa família de 16 crianças, educadas pela avó.

A mãe desta jovem viúva é quem toma conta das gêmeas, quando ela está trabalhando. Leonora se defende quando pergunto se sua mãe sabe o que ela faz: "Não, eu digo prá ela que vou ficar na rua. Quer dizer: eu já sou crescida, entende? E ela não vai me encher enquanto eu estiver cuidando das crianças. Comigo não é coisa de todo dia, eu só trabalho quando quero", acrescenta rapidamente. Ela só tem a si e as duas meninas para sustentar, e nunca teve gigolô: "Eu não confio em dar dinheiro para os homens. Eles não sabem pegar metade do seu dinheiro, eles pegam tudo". Mas ela tem um tipo diferente de relacionamento com seu homem: tóxicos. O vício lhe custa 30 dólares por dia, porque recentemente ela passou mal e ficou 28 dias no hospital. Em outras épocas, o vício chegou a lhe custar 60 dólares por dia.

Na verdade, Leonora começou "na vida" antes de ficar viciada: tinha 17 anos e vivia com o marido, então estudante de engenharia. Às escondidas, ela se virava para comprar alguma coisa especial, um novo vestido, por exemplo. "Ele me mataria se soubesse", diz com um misto de suspiro e sorriso. As coisas começaram a ficar pretas quando o FBI invadiu o apartamento do casal e levou o marido, por desobedecer à convocação do exército. Leonora acha que o marido nunca deveria ter servido o exército, e que foi convocado por motivos racistas. "Desculpe o que vou dizer, diz ela timidamente, mas eles são mais rápidos em convocar um negro do que

um branco. Meu marido tinha reumatismo desde criança. Vivia tomando essas enormes pílulas brancas toda manhã, mas eles agiram como se ele estivesse muito bem; e que se ele podia jogar bola, servia para defender o exército e morrer".

Quando os agente do FBI chegaram, Leonora agrediu-os e foi em seguida presa. No julgamento, xingou e ameaçou matar o juiz, que, em contrapartida, sentenciou-a a duas semanas de observação no Hospital Rockland State. Enquanto estava presa no hospital, recebeu a notícia de que o marido tinha sido atingido e morto na guerra. Sua razão de viver quase terminou. "Eu gostava dele mais do que de minha mãe", ela diz emocionada. "Ele foi a única coisa realmente significativa para mim, e quando morreu me senti como se tivesse perdido tudo. Se não tivesse as crianças, gostaria de ter morrido também". Ela culpa o governo pela morte do marido e vê a indenização que recebe como uma tentativa de suborno das autoridades. "Eles que vão para o inferno com seu dinheiro", diz, com raiva. "Quando eles me deram o dinheiro, eu simplesmente passei para minha mãe e mandei pôr no banco para as crianças. Não quero esse dinheiro; ele não vai trazer meu marido de volta". Ela prefere sair às ruas e "se virar" para ganhar dinheiro.

Como muitas outras, Leonora discute a prostituição como um mal "menor". Ela não gosta, mas a prostituição supera qualquer outra maneira realista de fazer dinheiro. Para ela, a "viração" é desagradável por causa das crianças. "Eu me sinto mal, acho que qualquer pessoa que sente alguma coisa se sentiria dessa maneira se tivesse criança. Eu não quero fazer isso durante toda a minha vida", diz em silêncio, baixando os olhos por um momento. "Olha, meus filhos tão com dois anos e não quero que fiquem sabendo o que eu estou fazendo, mas é um dinheiro rápido". Suas entradas no mercado de trabalho como datilógrafa foram desastrosas e terminaram em demissão, por incapacidade de receber ordens. Na "viração" ela não tem patrão, nem tem que ficar pedindo coisas, e recebe entre 10 e 20 dólares por dormida. Contudo ela nunca gostou da parte ligada ao sexo; e de seus outros comentários, suspeito que seja uma mulher fria. Isso pode ser atribuído aos narcóticos. A parte relativa ao trabalho lhe é desagradável. Ela explica sua atitude assim: "Eu só penso em acabar logo. Assim que pego o dinheiro, não quero fazer mais nada estou pronta para ir embora, mas é claro que não dá para fazer isto". Mas às vezes ela faz, e descobri que enquanto tem escrúpulo em pedir presentes aos clientes, seu código moral não a impede de roubar.

continua

continuação



O PRIMEIRO  
ANÚNCIO DA  
COCA-COLA:  
ISSO É QUE ERA.

ex





REFRESHING

THE SAME GREAT TASTE TO THE RESCUE OF THE THIRSTY  
**Coca-Cola**  
AT THE THIRSTY

DELICIOUS

continuação

Pergunto inocentemente como é que ela faz: é assalto ou é furto? "Do jeito que eu puder. Eu tento ser decente e enganar os caras", diz sorrindo com seu rosto tímido aceso pela esperteza. Pergunto: dinheiro ou relógios? Ela responde: "dinheiro é claro, o que é que posso fazer com um relógio? Pego o relógio só depois de ter pego todo o resto". Às vezes ela simplesmente pega a calça do sujeito e sai correndo pela porta, tirando a carteira e deixando as calças no caminho, escadas abaixo. Além dos aspectos desagradáveis do sexo, como uma prostituta de rua, Leonora se vê constantemente ameaçada de prisão. Uma vez, no entanto, ela se defendeu perante uma corte, e o caso foi arquivado. O oficial que a prendeu tinha dormido com ela - e ela testemunhou que ele usava cuecas de listinhas vermelhas e brancas; ele era culpado de cumplicidade perante a lei. Mas o perigo e outras vantagens da prostituição correm lado a lado com a heroína. Leonora diz que tem dinheiro no banco, mas ainda não decidiu o que fazer com ele. Admite que se sente "desrespeitosa" se virando, chama a isso "uma coisa muito baixa na vida", mas não pode escapar do estilo de vida vicioso: viração-heroína.

Pensa em novo casamento? a resposta vem cínica: "Não existe nenhum homem lá fora que eu queira".



**KATE TERMINA SUA REPORTAGEM SE VENDENDO: 25 DÓLARES**

Durante minhas entrevistas, dezenas de meninas ofereceram a "relação dos clientes", dizendo que seria a melhor maneira de conseguir informação de primeira mão. A idéia tinha me passado pela cabeça, mas rejeitei. Não estava de acordo com meus próprios conceitos de liberdade sexual. Além disso, não senti falta de verdade em minha reportagem - longe disso, senti que meu sexo aumentava as chances da verdade aparecer, porque eu nunca poderia ser vista como possível cliente. Além do mais, enquanto eu assumia o jornalismo de experiência (em oposição ao grande mito americano da reportagem objetiva), a idéia de fazer uma reportagem de vivência me pareceu absurda neste caso, onde a formação e estilo de vida parecem inseparáveis da prostituição.

Com todos esses pensamentos bem gravados na minha cabeça, eu no entanto me vi tendo um caso no apartamento de Clare. As circunstâncias foram as seguintes. Em uma de minhas visitas fui apresentada a um cliente que se distinguia da clientela unidimensional da casa, por ser um jovem marcado por feições agradáveis. Era muito charmoso, mesmo.

Ele e duas prostitutas mexeram muito comigo, por nunca haver dormido por dinheiro. O rapaz estava incrédulo: "Quer dizer que você nunca fez isso? nem para dar de presente, deixando de lado o dinheiro?" Me sentindo no meio de uma brincadeira, respondi num sorriso, "eu não me importaria se eles fossem todos bonitos como você". Então por que eu não fazia? eles ousaram perguntar. Ele disse que se sentiria honrado em ser o meu "primeiro". Isso ajudaria minha reportagem, disseram todos falei então que pensaria sobre o assunto. Fui para casa e fiquei fantasiando, tendo as palavras de Janette batendo em minha cabeça: "Eu teria dormido com eles de qualquer maneira."

No dia marcado, me ensaboei toda no chuveiro e me vesti com o nervosismo de uma garota de escola, a caminho de seu primeiro encontro. Fumei um pouco, à maneira dos antigos fedayeen que ofereciam o narguilé como prova de coragem a Alá, antes de ir para a batalha. No apartamento de Clare, depois de tomar café e conversar sobre banalidades que se conversam num bar de solteiros, Clare pegou o meu homem e a mim e levou para um quarto; deixou duas toalhas e saiu, não querendo intrometer-se, como se fosse uma camareira de Cleópatra. Era um quarto comum, com uma cama coberta de lençóis brilhantes, mas nos dois evitamos escrupulosamente olhar para a cama, enquanto nos esfregávamos como dois adolescentes no chão. O rapaz, um fotógrafo dos seus 30 anos, tinha frequentado a casa de Clare por anos, como uma maneira de ser fiel a sua mulher (que fidelidade!). Ele se sentia muito seguro com as prostitutas, mas menos seguro com uma jornalista.

Aparentemente relutante em fazer algum movimento em direção à cama, a suavidade e o charme do rapaz começaram a diminuir, e eu subitamente senti que estava num quarto com um novato muito nervoso. Os fatos provaram o contrário. A sua magnífica atenção preliminar vinha da era pré-industrial: vagaroso e deliberadamente estético, sensível e com a exata mistura de um explorador, enriquecido por dedos muito bem treinados e uma boca de mestre, de um homem que tinha cumprido suas obrigações, primeiro como um aprendiz, e depois como um conhecedor. A minha decisão parecia amplamente justificada. Gostoso, pensei quando saímos do quarto. Ele me beijou amigavelmente, elogiando as minhas qualidades para Clare. Sentei-me então à mesa com Clare, dois novos clientes e as outras mulheres, para beber um café. Eu nem tinha visto os novos clientes, pois ainda estava flutuando. De repente ouvi um dos clientes se dirigir a mim. Levantei os olhos e vi um gorducho, tímido, com uns óculos de aro numa cara balofa. Meu deus do céu, ele está pedindo para eu ir pro quarto com ele - com ele!

Baseei minha recusa com a ajuda de Clare, que tentava explicar que eu não estava trabalhando. "Mas eu não vi ela sair do quarto com aquele cara agora mesmo?", ele perguntou, já um pouco ofendido. As outras prostitutas me pediram para ir com ele, mas eu fui taxativa. A simples idéia de ir pra cama outra vez com alguém que não fosse o meu homem, me pareceu naquele momento muito repugnante. E este homem era flácido, grosso e tinha uma bandeirinha americana na lapela - um desastre total.



**A PRIMEIRA NOITE DE UMA MENINA DE BEM EM SEU NOVO EMPREGO**

Polaca saiu do Rio para trabalhar em São Paulo, como modelo. Três meses depois, ainda não tinha recebido um tostão da firma. Aí, já que uma amiga vinha sempre insistindo, resolveu ir vender seu cobiçado corpo numa boate de luxo, a nunca menos de 500 cruzeiros por cabeça. Ela conta como foi isso à repórter Ana Maria Cavalcanti.

Sou do Rio. Meu pai é juiz, eu sou manequim. Já fiz novela, de tudo, mas eu vou "lá" porque não dá; tenho seis irmãos, uns estudam, outros trabalham, eu fiz o ginásio. Eu vim para São Paulo há 6 meses. Antes disto morava em casa com eles. Saí de casa com 16 anos, fui morar com um cara, não deu certo, aí eu voltei para casa com um filho. Então comecei a trabalhar. Fui contratada para uma novela, fiz, saí e depois vim para São Paulo fazendo desfiles. Era um contrato de 6 meses. E o que aconteceu é que, 2 meses não me pagavam, então falei, "o que vou fazer". Então conheci uma menina que trabalhava numa boate. Ela falou pra mim: "Olha, é legal, fatura horrores". Eu não queria aceitar isso de jeito nenhum, entendeu? Achava... que pô! Aí eu pensava: se eu não for, vou morrer de fome: trabalho, não recebo; recebo e não dá, então eu vou. E fui. O primeiro dia, quando entrei, Deus me livre! Fiquei louca, viu? Super-lotada a boate, de homem. Garota nova, os fregueses sabem quando chega uma. Eu não sabia se ficava em pé ou sentada, toda hora ia para o banheiro. E a mina dando força: "Você não quer tomar um uísque, não?" Aí chegou um cara: "Boa noite" - Boa noite. Aí eu comecei a rir, né? "Você é de onde?" - Eu sou daqui mesmo, falei. Então ele falou assim: "Eu te conheço de algum lugar". Aí eu fiquei super nervosa. Ele virou pra mim e disse: "Vamos tomar um drink?" - Vamos, mas com medo, né? Morrendo de medo. Pô, sair com um homem que eu nunca vi na vida, deve ser horrível. Aí depois de tomar uns drinks, ele disse: "Vamos sair?" - Vamos. "Aonde, no meu apartamento ou no teu?" Eu falei: "Não tenho apartamento. E não tinha mesmo, estava hospedada num hotel, porque o contrato de manequim me dava tudo. Aí ele perguntou: "Quanto?" Aí meu coração, né? As meninas me tinham falado, "você pede 500, 300, depende do programa que o cara quer fazer". Aí eu peguei e falei: 500. Ele falou: "Tá bom, só que eu não saio com uma mulher só, tem de fazer uma...". Então eu queria morrer, né? Aí ele pegou e falou: "Você quer receber agora ou depois?" - Depois você me dá, morrendo de vergonha,

Uma prostituta me respondeu. "Você vê? essa é que é a questão: a sua pesquisa não é real... você não tem o direito de recusar. Você não tem esse tipo de liberdade, de escolha. Se eu ainda tivesse alguma dúvida, ela acabava de desfazê-la. As implicações eram claras. Peguei meus 25 dólares, das mãos de Clare, e, vermelha, deixei o apartamento. Lá vai a falsa prostituta! No dia seguinte consegui gastar o dinheiro numa enorme e ridícula planta de folhas aveludadas, para um apartamento no qual eu não vivia."

né? E ele falou: "Você vai escolher a garota. Aí, pronto, falei: - Pô, como? Mas tá legal. E cheguei pra uma menina e falei: - Tem um personagem aí que está querendo fazer uma... Fiquei nervosa e ela: - "Bom, legal, quanto é que é?" - 500 pra cada. Pô, eu tremia toda, tudo no primeiro dia! Eu super gelada. Aí fomos pra casa do cara. Uma casa riquíssima, maravilhosa, é depois da rua Augusta na zona dos Jardins. Aí fizemos lá, né? E o cara ficou olhando, o cara não fez nada. Só olhando. Bem, acontecem mil coisas, né? Para mim era como se eu estivesse fazendo uma pesquisa, nos primeiros dias. Eu sou muito tranquila, sabe? Às vezes nem eu mesma me entendo. Aí as garotas já não me olhavam legal. Viravam a cara, me falavam coisas, eu dizia que não queria brigar e avisava que se fosse brigar, eu ia bater muito nelas. "A minha não é brigar, é faturar uma grana legal", dizia. Eu anotava tudo que ganhava. No primeiro mês faturei uns 22 milhões. Mas a média agora é 15, 16 milhões por mês. De 15 em 15 dias dou grana pra minha filha. Eles perguntam, digo que estou trabalhando, eles me acham diferente desconfiam, meu pai ficou muito desconfiado. A gente compra muita peruca, muita roupa, muita jóia e abri uma caderneta de poupança, letras de câmbio. Claro, eu não estou trabalhando em boate pra jogar dinheiro fora, de jeito nenhum. Gastar, a gente gasta, porque tem que se arrumar mesmo, ficar linda, maravilhosa, senão... porque a concorrência é muito grande. Eu não sei, eu dou sorte, graças a Deus... Tem homens super exigentes. A garota tem que ter aquele papo, porque senão... corpo também, beleza. Tem umas feias, saem três vezes por semana. As bonitas saem três vezes por noite. Mas já aconteceu de eu sair com um cara, e combinar preço, tudo legal, e na hora o cara chegar e falar: "olha eu não tenho grana". Ou então aquele que diz: "você é uma m... na cama, não vou te pagar! E às vezes outros falam assim: "olha, sou pobre, não tenho grana, mas e que você é muito bacana". Então eu digo:

(continuação na página 28)

**Apostamos que dentro  
de alguns meses o  
seu herói predileto  
será um dos  
super-professores das  
Faculdades Objetivo.**

Já estão abertas as inscrições para o vestibular dos cursos de Psicologia Clínica e Experimental, Comunicação, Letras e Pedagogia.

Para os cursos de Comunicação, Letras e Pedagogia, as provas serão de Português, Inglês ou Francês, História e Geografia.

Para os cursos de Psicologia as provas serão de Português, Inglês ou Francês,

História, Geografia e Conhecimentos Gerais de Ciências e Matemática.

Guias de estudo com programa e roteiro das matérias estão à disposição dos candidatos.

Venha conhecer seus novos super-heróis e suas incríveis máquinas de ensinar.

Há 200 vagas para cada curso, nos períodos da tarde e da noite.

**FACULDADES  
OBJETIVO**

Aprovadas pelo C.F.E (parecer n.º 63/72)  
e autorizadas pelo decreto n.º 70.324.

Informações e inscrições  
das 9 às 21 horas, na  
av. Paulista, 900, 3.º andar.

# Entrevista de Zé Celso

Aos 37 anos, ele ainda se sente José Celso Martinez Correia, um dos nossos maiores diretores de teatro, e virgem. Mas sem qualquer preconceito contra a prostituição: acha que pode se vender ainda. Há 17 anos, fundou o Teatro Oficina, que foi a escola de atores (hoje, quase todos na tv); uma vanguarda de teatro como grupo; e, por fim, uma escola de vida; aí, faliu. Agora, ele quer fazer um bom negócio: "se virar" como o José Celso Medalhão Martinez Correia, para virar um Zé, brasileiro à toa na maré alta da última etapa do capitalismo. Fala, Zé:



Ex-: O que representa levar o Rei da Vela ao cinema?

Zé: É um espelho muito mais claro que o teatro, porque no teatro tem um movimento, a platéia fica envolvida, muito dentro da situação. A platéia estava fazendo aquelas coisas, estava tendo aquela visão. Por exemplo: na época, a coisa pegava no inconsciente, então as pessoas se chocavam com as máscaras, as cores, o tropicalismo, o caos aparente. E no cinema, hoje, é uma discussão muito mais clara do que era num teatro, porque é um espelho do sistema brasileiro, do sistema capitalista, brasileiro, agora firmado, o sistema capitalista tentando vencer. O processo é que essa peça foi escrita em 33, durante uma crise violenta do sistema capitalista internacional, e do reflexo que teve aqui no Brasil imediato. Foi escrita por um autor possuído pelos fantasmas da época, por um artista; porque acho que existe uma coisa que se convencionou chamar de manifestação artística, em que o indivíduo percebe uma série de coisas que não sabe comunicar, formular. Então o primeiro estágio parte da cabeça dele para o papel, para ser representado no teatro, para ser vivido por pessoas. Mas na época dele, as pessoas estavam demais naqueles papéis, as pessoas não tinham afastamento, não tinham consciência do que estava acontecendo naquele momento, elas estavam dentro. Afor da época, Procópio Ferreira foi convidado para fazer, e não entendeu a peça. Trinta anos depois, com função social parecida, que foi o ano de 68 no mundo todo, sob essa convulsão, o Rei da Vela foi uma das muitas manifestações artísticas que a traduziram, mas já em confronto com pessoas que pudessem encarnar - não que essas pessoas tivessem consciência do que estavam fazendo totalmente. Eu mesmo não tinha consciência do que estava fazendo, mas optei conscientemente por deixar falar meu inconsciente. Eu, que tinha formação racionalista bem clara, nessa época senti que devia deixar falar essa coisa chamada de artista, o louco, porque ele tinha coisas a serem registradas, ditas, através dos corpos dos atores, do cenário, e tudo. Então foi aquele ritual. E logo depois o Outro, a consequência direta do Rei da Vela, que é Roda Viva. Não se pode compreender um sem o outro. Quer dizer, o Rei da Vela era uma análise de toda a inviabilidade do sistema brasileiro, de

personagens daquele sistema de comédia, já. E Roda Viva já era o aparecimento do personagem que termina o Rei da Vela, o personagem Jujuba, o cachorro Jujuba, que se alia aos outros cachorros e recusa os privilégios que querem lhe dar. No Rei da Vela tem um cachorro que é idealista. E esse cachorro é trazido para dentro do sistema que é um quartel para lhe darem comida, mas ele recusa e se alia aos outros cachorros. Em Roda Viva, entraram os cachorros em cena, entrou o coro. E Roda Viva saiu toda, não da minha cabeça, mas de um tipo de gente que subiu ao palco para fazer um teste, uma gente vinda de classe mais baixa, que subia no palco e demonstrava que trazia alguma coisa, que era a presença deles mesmos, a presença do coro, a presença da massa, a presença do Jujuba. Com a evolução dos acontecimentos, o coro foi tirado do palco, foi relegado à experiência da loucura, do exílio, porque a primeira tentativa dele foi metafórica, teatral; a própria coisa que o teatro demonstrava naquela época, que é o coro que invadia o palco, era o mesmo coro que saía, que ia nas ruas: era uma encenação do coro; era tão encenação o que acontecia no palco, como o que acontecia fora do palco. Ainda era uma manifestação totalmente dominada, movida mais pela condição histórica, quer dizer: empurrada mais do que propriamente dominada. Tanto assim que a coisa teve que conhecer a reação contra ela. O Rei da Vela sofreu dois ataques; é simbólico isto, ele foi impossibilitado fisicamente de existir. Teve que sofrer toda a viagem da loucura, a viagem do aprendizado da consciência dentro da realidade, experiência completa com o sistema, para que houvesse domínio total dele, e esse coro voltasse novamente. Então, o filme anuncia isso para o grande público. Se conseguir ir para as telas, é mais uma etapa de uma força de consciência em direção à realidade. No teatro, era uma relação do que estava acontecendo. Os que estavam de fora não entendiam aquele processo, e ele era colocado como loucura, radicalismo. E talvez até fosse.

Ex-: "Esse radicalismo esconde um paradoxo. Sob a aparência de um sentido revolucionário extremado, estão o desespero e a desorientação de camadas ou grupos sociais que perderam as perspectivas e que, esmagados pelas condições reinantes na sociedade burguesa, temem de outro lado mudanças sociais que tornem seu individualismo inaceitável." (Nelson W. Sodré, 1969)

Zé: Vamos falar por partes. Não se trata de receio pelo que há de vir, é o oposto disso, é uma chamada para o que há de vir, uma chamada para a mudança; inclusive é estágio da consciência, e que vai tomando consciência dessa situação de classe, e vai operando a revolução nele mesmo enquanto burguês. A própria individualidade burguesa dele vai se pondo a serviço da vida e da revolução, e das outras classes. E vai se queimando; e aspirando chegar à consciência do Jujuba, à consciência solidária; através da consciência da classe dele, que ele vai assumindo, mas vai tomando uma posição contra o privilégio da classe dele, ele vai traído a classe dele e vai se aproximando cada vez mais, tanto que ele vai empobrecendo. Nos anos 30, ele passa muito participando da experiência; nessa época ele teve uma participação muito grande, tentando chegar à experiência da maioria, mas tentando introduzir nessa experiência da maioria, o elemento exatamente de mutação, o elemento de jogar para o futuro, se queimando mesmo. É uma visão da decadência, e da mudança. Acho, pelo contrário, que esse movimento não teme isso. Aspira a isso. Nós somos todos possuídos, num país subdesenvolvido, por fantasmas, por mil transe, nós somos possuídos totalmente. Nós somos de um país colonizado, um sistema de produção colonial; então toda experiência do mundo é recebida. Então, nós não "somos". Nós somos os empregados, os executivos, de todo um plano de produção internacional. A nossa vida não é só nossa, então por nós mesmos exatamente isso, a nossa mente também reflete isso. As idéias todas que nós devemos ter sobre o nosso trabalho, sobre tudo que nós fazemos, sobre a nossa própria resistência, sobre a nossa luta, já estão todas programadas. Nós somos americanos. A América é uma terra que, junto com o sistema de produção, recebe a informação. Então o latino-americano só vai começar a saber das coisas, à medida que vai experimentando, ele mesmo, a experiência dele, sem haver cultura por trás. A cultura toda, ela não serve. Só serve quando a gente experimenta, fisicamente. Aí, a gente começa a entender as coisas. Porque nós vivemos tudo antecipadamente, como país subdesenvolvido, porque ao mesmo tempo que acontecia um tipo de relação de produção aqui no Brasil, no mundo acontecia outro. Aí você recebia aquela

informação e vivia esquizofrênico, você vivia possuído. Nós todos fomos formados pelo esquema americano, nós somos loucos nesse sentido, nós não vemos o real, a visão do real. Ela só se faz através da vida. Dentro da necessidade de relações concretas, o homem sonha. O sonho leva ele a mudar. Agora, ele sonha o que pode sonhar. Se ele sonha alguma coisa dentro de uma necessidade, é porque ele tá próximo de resolver esse problema. Quer dizer, o cientista coloca problemas? Se ele coloca problemas, é porque eles estão próximos a ser resolvidos. E se o artista sonha é porque aquela matéria do sonho está próxima de se tornar realidade. E então a tática toda do ser humano, de nós todos, de quem está nesse sonho, é a tática de "qual maneira" transar a necessidade para que ela possa ser transformada. De que maneira, para que o real e o concreto possam ser transformados. Aí entra a ciência social, a ciência política, a ciência econômica, essas ciências todas, que é a própria consciência que você tem da sua necessidade. De saber onde você vai encontrar o limite para exercer a sua liberdade. Tem o seguinte: é só uma coisa que importa: Quem manda e quem obedece. O de cima e o de baixo. E de que maneira essa relação de produção, essa relação entre os homens, é antiga, e ela consegue operar efeito sobre a realidade. Ela cria um real. É uma relação já conhecida. O que tá em cima e o que tá embaixo. Agora, a relação dos que estão de baixo, se ligarem para estabelecer uma nova relação, ou uma relação de rebeldia com os que estão em cima, essa relação é nova.

Ex-: "Aos que estão presos a essa posição desesperada, já de si esmagados pela situação pequeno-burguesa, não há nenhuma forma mais avançada, mais revolucionária, do que a adotada por eles, todas as outras acusadas de tímidas e superadas." (N. W. Sodré)

Zé: É o seguinte. Eu pertenço a uma geração que se encantou com os caras da geração um pouco antes, que acreditava só no esforço individual. Foi enfim uma forma que vingou, que conseguiu algum movimento na América Latina, foi essa, ➤



eu sou uma estátua viva!

porque de repente doze homens tomaram um país. Foi um acidente, mas aconteceu. Eu tinha escrito aquele S.O.S. (um documento escrito em maio, onde José Celso pedia união da classe teatral, para salvar o teatro Oficina do fechamento); era o individualismo desesperado, procurando a aliança do coletivo. Essas coisas todas são relacionadas a uma coisa chamada poder. Quando você não tem poder, você vive na impotência absoluta, a impotência te leva a procurar soluções que você possa obter no momento. Então a única solução que encontrei foi apelar para essa abstração chamada homem universal, e para essa coisa que tínhamos redescoberto, que era o amor. Essa coisa concreta que é o amor. E a resposta foi logo dias depois eu me encontrar numa situação (José Celso refere-se a sua recente detenção). Algo que me acordou para a realidade. Então, saindo de lá, meu irmão me mostrou um livro de Maiakóvski, com um poema escrito depois da revolução de 1905. É um monólogo parecido com o meu S.O.S. Ele fala que traz nele as lágrimas do povo. É uma cena em que o povo traz sacos e sacos, e entrega as dores para ele. A classe média traz saquinhos menores, e a classe alta traz uns pingos, pinguinhos, e entrega pra ele. Não há coisa que defina a cena, assim como o poeta que é aquele cara que é deputado da sensibilidade do povo.

Quer dizer, ele pega a lágrima da maioria porque está sintonizado com ela, pega um pouquinho do sentimento da classe média e menos ainda da classe que está no poder, que é o senhor. Aí, pega, põe tudo isso numa mala, fecha a mala e se pica. E meu irmão disse: "Olha, tem um prefácio horroroso, de Trotsky, que acaba com ele." Pois aí achei o prefácio sensacional. Era uma crítica muito clara, inteligentíssima, do estágio incompleto daquela visão, do individualismo. Senti isso como a consciência que eu tinha antes de passar pelo que passei; e depois, como passei por estas experiências, e não foram experiências de teatro, foram experiências sobre o corpo, experiências reais, então comecei a acordar o outro, comecei a acordar sobre toda a transação em volta, um diálogo com o real, entre o SOS e a resposta que tive. E a partir daí sofri uma revolução na minha cuca, no meu corpo, na minha vida, em tudo. Quer dizer, mais uma vez volto a mim para sair de mim inclusive, porque não estou mais interessado em enlouquecer, eu tô muito interessado em mostrar as engrenagens que levam e produzem e

loucura. Por exemplo, eu saí, não encontrei condições nenhuma de trabalho, sabendo que à minha volta não tinha base nenhuma, as pessoas iguais a mim estavam na mesma situação de impotência que eu, e não podiam fazer nada por mim. Elas podiam me dar as coisas do blue: "I can't give you, but love" (não posso te dar senão amor). E eu só podia sobreviver nas minhas condições de trabalho se me negasse; e seria abrigado por uma instituição antiga que é a família; ou então por uma cúpula, que compraria em mim a minha perícia técnica, individual, ignorando todo o esforço coletivo que eu vinha fazendo, ignorando todo um trabalho de grupo que eu vinha fazendo então, como se ele não tivesse existido; e na verdade, para essa camada toda ele não existiu, porque não chegou ao que se chama de realidade. Porque é o seguinte. Eu existi até 73, no máximo, enquanto havia a sociedade de Teatro Oficina Ltda., a empresa jurídica: eu incorporei aquela empresa. A partir do momento em que aquela empresa desapareceu, é como se eu tivesse - para certo esquema - morrido naquela época. E agora, nesse momento, eu tô reaparecendo. O trabalho existente nesse período não existiu, foi uma loucura, piração, foi ar. A única prova que ele existiu é o filme, mas o filme falta uma hora de corte, falta um mês de moviola, faltam cem milhões de cruzeiros. A sobrevivência da minha transação estava em xeque. Aí eu percebi que existiam duas componentes nessa jogada toda: uma jogada de base e uma jogada de cúpula. E eu era um indivíduo apto para jogar com cúpula, mas tendendo para jogar com base. Eu sou uma pessoa respeitadíssima, eu, José Celso Martinez Correia, né? Então esse nome ainda é vendável, desde que eu possa com ele inclusive o que se fez em 68 mesmo, o personagem que começou a se constituir em torno desse nome. Mas a transação do Zé, essa transação é que está em xeque no momento. E ela só vai existir se for na prática. Mas é uma dificuldade extrema, porque é provar que existe outro caminho. Aí entra o tema fundamental da minha angústia, aqui e agora, que é o tema de discussão exatamente da realidade: dinheiro, fundamentalmente do dinheiro. O mito do dinheiro, o mito da propriedade, o mito do salário, o mito do capital, essa coisa toda, para artista é tabu. Porque a grande arte, a grande criação hoje, é conseguir concretamente criar essa reação ao extermínio. Porque o capitalismo é muito forte. O assunto capital e trabalho é que tem de ser discutido. E através daí é que se tem de encontrar

soluções. É dentro desse sistema, não no sentido de comprometido com ele; mas é criar uma transação tentada como for possível.

Ex-: Você chegou a admitir a possibilidade de vender você, vender seu nome.

Zé: Eu fui para a Hollywood brasileira, a TV Globo, eu me pus na fila, e fui rejeitado, pelo menos da maneira como me coloquei. Tenho que acabar o filme, então preciso de dinheiro e condições. Tentei vender outro filme para a Globo, a filmagem da última parte do Rei da Vela, a queima dos cenários e um casamento coletivo numa praia deserta. A queima foi no cemitério da Consolação, e o casamento na praia de Boracéia. Rousseau. As pessoas ligadas pelo amor, pelo que querem fazer em comum, mas as pessoas sem capacidade de enfrentar a volta para a cidade da destruição. Então entrei na fila para a Hollywood brasileira. A nossa consciência tá tão estranha que eu não tenho nem coragem de colocar, de contar que, de repente, mais ou menos 22 pessoas foram submetidas a um tipo de violência, que mudou radicalmente a vida delas, e elas se encontraram num estágio de impotência. É uma coisa que eu sinto que não sensibiliza. Mais do que nunca estou curtindo um senhor chamado Bertold Brecht. É um sujeito fantástico, que viveu experiência semelhante na época, na sua época, na Alemanha. Nós tamos sendo submetidos agora às mesmas condições do capital, então nós tamos tendo experiência dessa coisa, agora eu entendo Bertold Brecht. Ele tem aquele poema maravilhoso dos meninos poloneses, com uma tabuleta "Ajude-nos". E saíram pelo mundo durante a guerra. No final da marcha era um bando de esqueletos marchando, e só ficou a tabuleta "Ajude-nos". Realmente o que liga as pessoas é a necessidade, mesmo. Então, até que ponto a gente superou no nosso subdesenvolvimento a necessidade de comer, a necessidade de trepar, e já tem a necessidade de ser livre? Até que ponto a liberdade é um artigo de primeira necessidade, até que ponto ela é mascarada pela "loucura", pelo misticismo? No primeiro estágio, realmente a comida é mais necessária que o amor. Essas pessoas inclusive sacrificam o amor. Eu sacrifico o amor, sacrifico uma série de coisas em troca da liberdade individual. Agora, de que maneira a liberdade é uma aspiração coletiva? o que eu posso pela liberdade,

e o que é que você pode pela minha? será que se pode fazer esse tipo de negócio? Por exemplo, eu posso te dar comida se você me der comida, ou se você me der dinheiro. Mas se eu te ajudar na sua liberdade, você me ajuda na minha? Com a mesma seriedade? O mundo todo explodiu na loucura, houve toda uma volta para a direita no mundo inteiro. O terreno da revolução, da mudança, é próximo da loucura, mesmo da coisa coletiva, porque a mudança traz condições ainda não previstas. Às vezes ganha alguma objetividade, mas volta então a todo um caminho antigo, que é o caminho do senhor, que é o caminho de volta. Hoje no mundo nós tamos assistindo uma volta de outras coisas que são concretas também, e tão concretas quanto o dinheiro, que é a volta da aspiração da liberdade, a liberdade que é uma coisa que as pessoas querem... É tão bom quanto comida, é tão concreta quanto o sexo, quanto conforto. Não se troca conforto por liberdade. Só há conforto quando há liberdade. Eu sou neto de imigrantes, e de uma família que faz um esforço incrível para ser uma família, para resistir. E a minha posição é óbvia, eu não posso ter uma consciência operária, não posso ter uma consciência camponesa. Eu tenho que ter uma consciência do que eu sou, do que eu posso no sentido de me universalizar o mais possível. Não sei exatamente porque é que as pessoas me procuram. É exatamente isso que fiquei sabendo dentro da prisão. O que é que as pessoas querem de mim? Qual é? Eu tenho milhares de amigos, tenho milhares de transações. Por exemplo, o meu produtor de cinema. Ele disse, "bom, o Rei da Vela eu tô fazendo isso por política". Que política? do que se trata? Vamos precisar as relações entre nós. Quais são as relações humanas? o que queremos uns dos outros? É esse estágio que eu acho que no Brasil é um estágio de loucura coletiva. As pessoas agem inconscientemente ainda. Nós somos todos inconscientes. Nós tamos todos alienados. Nós não sabemos ainda os motivos reais da nossa ação. A realidade é a seguinte - é o capital, é o dinheiro, então você tem que se vender ao dinheiro para sobreviver. Eu fui transar com um grupo de produtores agora, no Rio de Janeiro, um grupo da chamada burguesia progressista brasileira. Então, eles trabalham numa financeira o dia todo, e querem prestigiar a cultura nacional. É uma coisa muito indefinida. Porque se eles quisessem ganhar dinheiro com a cultura nacional, era claro. Mas eles não querem ganhar dinheiro; mas também ➤



não querem perder. Eles não sabem o que querem: se a cultura nacional é útil a eles, se não é; não sabem o que estão querendo com a cultura nacional. Então é uma coisa morna, não existe. É um papo furado.

É uma coisa social; a pessoa faz isso por ascensão social, por coerência de idéia. É claro, se você pega um raciocínio marxista, é uma ciência, né? Então você assume um dado de uma ciência, você deduz, decorre, então você é coerente com aquilo. Mas isso é uma loucura também.

Na atual prática política, não quer dizer nada, você pode saber de cor, você pode saber falar sobre o marxismo horas, mas aquilo é um papo furado, porque a tua prática é outra.

O underground hoje em dia não é uma opção intelectual, é uma verdade. É uma faixa de gente, que vive. Mas a maioria dessa faixa é como meu primo que se suicidou ontem: não tem saída, não tem mais vínculo com a família, nem com as cúpulas, os amigos, então tem que se matar. Agora, nós que já temos um cosmo, que já vivemos em função de organismo, como é o Ex-, o Oficina, nós somos os germes de uma transação de base, isso é muito importante no Brasil de hoje. Uma transação de conseguir produzir alguns produtos; que não sejam literatura só, daquele nível que você faz seu projeto mas não realiza; mas que sejam coisas mais concretas, desde a nossa maneira de viver, individual mesmo, das nossas casas, até nossa maneira de produzir, até as coisas que nós produzimos.

Ex-: Agora fala sobre a viagem, de como o José Celso Martinez Correia veio se transformando no Zé.

Zé: É. O Zé é uma tentativa de chegar a uma coisa, o nível de consciência que eu aspiro, que é o cidadão universal. Um sujeito que me transcenda e que me identifique com a maioria, e portanto se põe a serviço da maioria, e que seja um Zé Ninguém, a serviço da maioria, de todos. Zé, de letra Z. Tem até uma letra de música que eu falo: Z, de último. Agora, não tenho condição de Zé, porque o Zé agora só vai existir quando tiver uma estrutura, um poder, que ele mesmo vai criar, com outros Zés Ninguém que aguentem a barra, porque senão ele é obrigado a ser José Celso Martinez Correia, ou pelo menos Zé Celso. Zé não dá. Não tem condição.

Por exemplo, seu Nelson Werneck Sodré, ele tá fazendo a análise de uma consciência que deve ser a consciência de um Zé, mas a consciência de Zé não é possível. É uma consciência que tem que ser batalhada, então eu não posso me dar o direito de ser o Zé, por que o Zé, enquanto não tem base que garanta a possibilidade de ser, ele é uma abstração, sonho, ar, poesia, letra de música, metáfora, ele é tudo, mas não é real.

Ele é real pra mim, pros meus amigos, para a maioria que está comigo, mas não comunica com o mundo, porque entre ele e o mundo existe uma estrutura toda do dinheiro, do capital, da publicidade, que é uma realidade, e o Zé precisa encontrar o meio de enfrentá-la.

Ex-: Teve uma crítica contra aquele debate seu com o Jorge de Andrade ('Os Ossos do Barão', TV Globo); diziam que você pecou muito com suas críticas à televisão; então, essa sua posição de transar tv nos surpreende...

Zé: É que tudo é fantástico! A energia atômica é fantástica, mas ela faz a bomba; a televisão é fantástica: inclusive o Vianinha (Oduvaldo Viana FP, nosso teatrólogo falecido em julho último), ele dizia assim:

"Televisão é fantástica, o problema da televisão é que ela não informa." Mas mesmo a tv na mão de quem está, é um instrumento poderosíssimo de criação de dope, de alienação, de loucura, de esquizofrenia. As crianças que ficam vendo televisão o tempo todo, estão vendo imagem falsa e recebendo uma informação vertical. Então, até ela se libertar disso, vai passar por uma experiência sofrida de vida, como foi para a gente se libertar do cinema americano. Porque aquilo entra na cuca da gente como uma realidade. Agora, a tv em si, a serviço do real, ôrra! o dilema é o seguinte: tudo que aprendi, eu fazia na vida como comunicador, como técnico em comunicação; foi sempre o seguinte: você deve mostrar o real, você deve mostrar o real, você deve mostrar o que é. E tudo que depois se passou a fazer em comunicação foi "não, você deve é cobrir o real, você nunca deve mostrar o real"... Então você tem toda uma tv em preto e branco, uma lanchonete de luxo, cultural, com meninas da PUC, toda uma encenação para embalar o real, para esconder o

real; técnicos de esconder o real, e de mostrar para o país todo, através do veículo mais forte de comunicação da realidade, uma realidade encoberta; não mostrar o real, porque o real é uma coisa muito forte; a tv é uma coisa muito forte: se comessem a mostrar o real na tv, um dia seria diferente do outro.

Quem controla isso? Quem controla esse excesso de informação? Então, pelo contrário, um dia tem que ser igual ao outro, tem que dar aquela idéia de que as coisas são imutáveis, de que é aquela chapação só, sempre aquela zoeira, que você ouve todo dia. Quando você vê conjuntos de música pop tentando balançar alguma coisa, não balança coisa nenhuma, porque fica tudo embalado, eles ficam embalados, está tudo viciado na dopação!

A fábrica de diversão, Hollywood. Sempre existiu pra isso. E tem que ter uma Hollywood... Agora, eu tava a fim de transar uma com a TV Globo. Pensei em...

propor: "Olha, vocês tão muito orgulhosos, pegaram alguns nomes muito importantes do Brasil, Jorge de Andrade... Bom, a minha subcultura não pode chegar na tv ainda, porque aprendi a fazer um tipo de coisa que não pode ser na tv." Mas eu toparia fazer isso na área que eu sei fazer, que é o teatro. Então eu proporia fazer uma peça chamada Mahagoni, que Bertold Brecht escreveu durante a crise de 29 na Alemanha, uma peça sobre o Show Business. Sobre a diversão, a publicidade. Essa peça teria o sentido total dela como teatro, se fosse produzida pela Globo, se quem fizesse a peça se vendesse para a TV Globo. Acho que a TV Globo tem força para aceitar isso. Ela poderia fazer isso sem se destruir, só com jogo de humor. Seria divertido. Seria um espelho do que eles fazem.

Esse trabalho eu gostaria de propor ao sistema. Vamos representar no palco as emoções reais, do nosso tempo, que não são as emoções do amor e tal; não, é a emoção da transação pela sobrevivência, com a mesma emoção de uma cena de crime, de uma cena de amor - uma cena de transação. Para mostrar como o homem se relaciona. Como os homens transam. Como é que é a transação do dinheiro. Em termos de musical, todo mundo cantando, todo mundo dançando, com muitas cores, atendendo o preto e branco, atendendo a cultura, tudo. E Brecht escreveu para ser feito pelos americanos, como o americanismo que

entrou na Alemanha com o capitalismo. Tanto que os personagens são gangsters e prostitutas, é maravilhoso. Então, na minha prostituição - eu nunca me vendi, eu sou virgem. Então essa virgem vai se oferecer, e como é cabaço, se valoriza, não é? Então uma virgem vai se oferecer ao maior machão que tem: "Você tem peito pra me comer? eu estou dando para você." Agora, será que aguento essa transação?

Ex-: E o que você vai fazer com o dinheiro?

Zé: Com o dinheiro? Com esse michê? Não se vender é sair do mundo, mesmo. Tem um preço essa transação. O planeta inteiro tá nessa. O dinheiro é o Deus forte. Então tem que se vender bem, não é? E eu sou um produto caro. Agora, se não for possível - eu acho que não vai ser possível, talvez eu esteja condenado a não me vender, pode ser que a minha missão seja descobrir como fazer uma coisa sem prostituição... Agora, já tá dada a bandeira, eu acho que não pode ser feito mais. Mas vamos distribuir essa grana, moçada! Aí, com o dinheiro eu gostaria de fazer um trabalho com as pessoas, com os atores, com os atores do Brasil, pessoas que já trazem no corpo a marca, da vivência, da luta pela liberdade. E no Brasil tem grandes atores. Pessoas que já passaram uma barra, os atores, gente que já está sacando, já está sabendo da coisa, não no papo, não na opção intelectual, não na obrigação moral, mas na necessidade dos Jujubas. Me lembrei de Maria Gladis. Ela me deu uma força agora. Grande atriz. Então, se essas pessoas da vida, que não podem se manifestar de outra maneira, só podem se manifestar dessa, se elas se unirem, e fizerem juntas algumas coisas, não precisa nem dizerem uma palavra, basta elas estarem juntas, e dizerem algumas coisas algumas vezes, no lugar que se chama de cena. Pode ser um palco, pode ser uma praça, pode ser um teatro, um lugar onde elas estejam juntas, elas vão ter a oportunidade de mostrar que uma outra vida é possível. No teatro, por enquanto; mas que vai ser possível na realidade. Porque na experiência individualista e individual delas, elas redescobriram uma série de coisas, e se elas conseguirem socializar isso, entre elas... Então para isso eu tava querendo muito ➤



fotos do filme "Rei da Vela"

fazer um espetáculo que partiria do Prometeu Acorrentado, e iria até o Ato dos Apóstolos, de São Paulo. Esse é o trabalho que seria uma espécie de continuidade para mim, hoje, numa outra, da experiência de Gracias Señor. Que acho uma experiência superada. Uma experiência de determinado momento. Um momento em que se sonhava com a união dos corpos, com a divisão dos corpos, com a ressurreição dos corpos, e se acordava no uso da lança. Eu acho que nós estamos no primeiro uso da lança, no momento em que nós vamos saltar. Tinha um momento em que um dos atores ia saltar, mas ele estava de olho negro. Aí perdia-se todo o trabalho, e tinha-se que voltar novamente no começo. E nós vamos ter que voltar ao começo quantas vezes for necessário. E nós vamos voltando ao começo. Temos no zero de novo. Prá construir tudo do começo. Então nessa fase eu gostaria de fazer um trabalho ligado ao teatro do povo escravo brasileiro, que é a raça negra; e do espírito crítico de que eu não abduco, que é da minha cultura racionalista, da minha cultura grega, que não dá pra abdicar, porque ela tá em mim, e de um encontro dos dois, e é um espetáculo que eu sinto a possibilidade de falar em descolonização.

Botar a luz na macumba. Quebrar a esquizofrenia da macumba, quebrar, e introduzir nela a luz de Prometeu. Prometeu é o éter, o cara que rouba o fogo de Júpiter e dá aos homens. E o fogo é a razão, a cultura, é as artes; é a ciência; é a técnica, são todas aquelas coisas que os homens encontraram entre si, descobriram entre si prá saltar sobre as coisas. Prometeu é isso. Mostrar o fogo dos mortais, do povo. Aí ele é condenado por Júpiter a ficar amarrado eternamente numa pedra, e só sairá se revelar qual o segredo da destruição do império de Júpiter. E Júpiter tenta comprá-lo, enquanto ele está amarrado. Usa de todos os meios. O deus do comércio, deus Mercúrio, vai falar com ele. E ele se encontra com outra mulher que tá condenada a vagar pelo mundo, ela vai ter de passar por uma transformação incrível, isso é lindo, até ela parir, um dia, um filho mais forte do que o pai. Esse filho mais forte do que o pai vai nascer, segundo Prometeu, dessa mulher, e de uma geração de mulheres que não vão sacrificar o filho por razões de Estado, e dessa mulher nasce uma dinastia real, que é a dinastia do amor, e dessa mulher vai nascer o filho mais forte que o pai.

Então esse filho mais forte que o pai é que vai libertar Prometeu. E ele é cercado pelo povo, que é o coro grego, que é o povo escravo. E é exatamente o que eu queria fazer com o pessoal de umbanda. Quando Prometeu é abandonado por todos, o povo escravo fica ao lado dele, aí Júpiter manda as maiores torturas em cima dele. Porque ele é a luz, ou o Espírito Santo como chamam os católicos, ou a consciência política, como chamam os marxistas. E o povo fica com ele, fica sofrendo com ele. Essa seria uma parte do trabalho. A outra seria baseada no Ato dos Apóstolos, de São Paulo. Porque eu quero conhecer São Paulo. Porque cada vez mais eu sinto São Paulo como o lugar mesmo, cada vez mais. Essa cidade do trabalho e do capital. É aí que as coisas vão acontecer e estão acontecendo. Aí, na prisão eu comecei a ler a Bíblia e o Ato dos Apóstolos de São Paulo, que era o cara que prendia os cristãos, e ele fica cego da consciência. Então ele recebe o éter, recebe a luz, recebe a consciência, e passa a atuar ao lado dos cristãos, uma espécie de Antonio das Mortes. Aí o cara sai dando testemunho do Espírito Santo pelo mundo todo. Mas ele não vai levar o testemunho. Quando ele chega, já tem uma pessoa no lugar, que já está iluminada, já está com a consciência. Aí, com essa pessoa, e com outras que vêm, ele cria um grupo. E aquilo é irresistível, com aquilo ninguém pode. Porque Deus está do lado.

E eu tava querendo fazer um trabalho em que isso fosse só uma estrutura, mas que entrasse toda nossa criação desses seis anos. Não só nossa do Grupo Oficina mas das pessoas que viessem participar do trabalho. Porque nisso estaria compendiada toda a demonstração de tudo, é como foi mais ou menos Gracias Señor. Eu acho que não precisa ser uma coisa tão epopéica assim. Basta as pessoas estarem juntas, tudo bem, mas como a gente gosta de fazer coisas, se se tiver que fazer uma obra, pelo prazer de uma obra de arte essa seria uma p... obra de arte, que eu adoraria fazer com esse dinheiro. Depois vamos realizar o sonho dos anos 70, que é "Os Sertões". Que "Os Sertões" é o maior mito brasileiro para mim, nesse momento, que não quero sair do Brasil. Que eu fui preso. Saindo, tinha tudo encaminhado para abandonar o país e ficar naquela posição de quem não tem condições. Eu tô procurando as condições para ficar. "Os Sertões" é empreendimento tão grande, quase como foi a epopéia de

Canudos, Porque "Os Sertões" é a coisa mais importante que se tem como linha de pensamento, mais importante que Oswald de Andrade. Muito mais importante é a linha que vem dos Sertões. Mas nós temos, no espetáculo de Gracias Señor, o filme de Mandassaia, que é o resumo dessa aspiração. Que é uma ponte que a gente constrói entre a gente e os camponeses. E os Sertões, veja, aconteceu no Brasil na época da instalação da República, junto com mais dois fenômenos - Lampião e o Padre Cícero. Três fenômenos populares: Padre Cícero, o conchavo, PSD, Lampião a guerrilha, e Antônio Conselheiro, a anarquia. E sinto o Antônio Conselheiro uma coisa de ficar. De resistir. O sertanejo é antes de tudo um forte. Como a capacidade de um povo de se organizar para ser o que quer ser. Para fazer os Sertões teria que ser um filme japonês. Teria que ter várias etapas. Por exemplo um filme só, deveria ser A Terra. A terra, que é o sertão propriamente, um filme histórico, até a terra como tá hoje. Brasil. O espaço, como é que é. O segundo filme, O Homem. Quem habita esse espaço. Quem somos nós. Desde o sertanejo, o forte, que passa por tudo isso e resiste, e até consequentemente quem é o homem urbano. Quem somos nós que vamos fazendo esse filme. E o terceiro filme chamado A Luta. Como é que um homem se reúne com outros homens, afirma uma maneira de ser, como é que ele luta para manter essa maneira de ser. Contra homens que querem ser sua outra maneira de ser. É um desafio. Eu não acho que a história dos Sertões vá se repetir, e não acho que seja dessa maneira. Tô muito mais interessado em encontrar outra forma de resistência. No trabalho. Eu tô com a minha cabeça cheia de coisas, tô numa fase em que tenho demais o que dizer, tenho demais o que comunicar, tenho demais o que trabalhar. Sabe, eu tenho música, tenho pensamento, tenho filosofia, eu acho que é uma coisa importante, eu descobri a filosofia, tô entendendo o que quer dizer ser. Eu quero escrever sobre isso, quero fazer peças, quero transar com as pessoas, tudo, tudo, muito, e eu tenho que encontrar os meios de transar isso, e sei que não encontro, porque também não estou sabendo. Não é culpa do sistema. Porque eu ainda não sou claro. A minha consciência ainda navega na loucura. Esse suicídio do meu primo, essa situação em que nós nos encontramos, agora, me abriu para outra perspectiva. Agora, acho que nesse momento não é importante uma transação em que as pessoas tenham que ser heróis. É uma inteligência

PODER JUDICIÁRIO  
JUSTIÇA MILITAR FEDERAL  
3.ª Auditoria da 2.ª C.I.M.  
SÃO PAULO

## CERTIDÃO

ROBERTO DE FIGUEIREDO SALLABERRY . . . . .

Escrivão da Justiça Militar Federal, com Exercício na 3.ª Auditoria da 2.ª Circunscrição Judiciária Militar, Estado de São Paulo.

CERTIFICA, a pedido verbal de pessoa interessada, que revendo em Cartório os autos do inquérito policial registrado nesta Auditoria sob nº 64/74, referente a JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA, filho de Jorge Borges Corrêa e dona Angela Martinez Corrêa, natural de Araraquara-SP, nascido a 30/07/1937 constatei quanto ao nominado o seguinte: Foi preso em 22 de maio de 1974, sendo indiciado no inquérito policial nº 17/74 instaurado na Delegacia Especializada de Ordem Social, prisão essa realizada pelo DOPS, por envolvimento na organização subversiva conhecida por A L N, tendo sido posto em liberdade em 17/06/74. CERTIFICA mais que, indo os autos com vista ao Dr Procurador Militar, opinou ele pelo arquivamento por entender não haver "qualquer crime nos presentes autos", tendo o MM Dr Juiz Auditor, por Decisão de 06/08/74, adotando o Parecer do Dr Procurador, determinado o arquivamento dos autos. NADA MAIS. Dado e passado nesta Cidade e Capital do Estado de São Paulo, aos sete (07) dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e setenta e quatro (1974). Eu \_\_\_\_\_, Eduardo Goss, mecanógrafo, que a datilografuei, e eu \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, que a subscrevi. . . . .



de CIA. Inteligência tática. Você tem que bolar meios que permitam que as pessoas se reúnam, possam se dar ao luxo de serem pessoas, de serem humanas, de serem fracas. Não existe o heroísmo. De certa maneira, se teve que ser em certa época, isso é uma besteira. O gênio é uma grande besteira. Viva a rapaziada! A rapaziada tem que encontrar um jeito de viver se baseando pelo mais fraco, não pelo mais forte. Inclusive heroísmo é uma coisa reacionária. Por exemplo, eu sinto que sou utilizado muitas vezes como bode, bode do heroísmo, bode da abstração. Como bode da pureza, como bode da virgem. Isso é uma coisa que só complica a consciência das pessoas. É uma estátua. Eu sou uma estátua viva! Então é um momento difícil.

Sinto que sempre que falo em dinheiro, falo num tabu. É um grande trauma. A única psicanálise que vale a pena de ser feita é esta. Quem manda e quem obedece. E qual é a do dinheiro. "É incrível aquela fala do Rei da Vela: " Vocês artistas têm que ser mantidos pela sociedade na mais completa miséria, para servirem como bons lacaios, obediente, prestimosos, é a vossa função social. Você faz versos? Ele responde (o poeta): "Quadrinhas, acrósticos, jingles." - Futuristas? "Já fui futurista, mas noutros tempos. Depois começou a faltar dinheiro em casa, tinha minha mulher, meu filho, aí eu virei passadista." É incrível, este personagem que eu debochava em 68 - sou eu! Agora, tem uma coisa incrível também: só agora tô valorizando o trabalho, as pessoas que fizeram esse trabalho, onde quer que seja, pra sair disso. Sair da miséria da submissão. Por exemplo, estou valorizando um pedacinho do Jorge Amado. Mesmo que depois ele tenha se aburguesado. Você vê, aquele final de Jubilabá, pô! eu tenho um grande respeito por ele. Nesse sentido esse cara (Werneck) tem razão: a gente queimou muita coisa, e é saudável isso. Quer dizer, queimar tudo prá depois recuperar tudo. Mas é perigosíssimo, porque é uma transação que pode levar ao irracionalismo, que leva ao nazismo. Você desacredita de tudo, você destrói tudo, todas as defesas, você destrói a realidade, tudo que existe. Cada um tem que falar por si. Claro, mas enquanto isso não é possível, tem os que falam pelo deus dinheiro, pelas organizações, pelos sindicatos. Quando aquilo tudo é destruído, fica só você, a massa, perante um ponto central que determina tudo, e foi o que houve na Alemanha também. ●

# Um conto-oral de João Antonio

Se o botequim acabou, a praça acabou,  
a casa de samba acabou, o taxi-dance tá acabando,  
a sinuca não poderia estar deixando de morrer -

"a rua hoje é um local de conflito!"

Re-incursoes do antigo autor de "Malagueta, Perus e Bacanaço", o jornalista-escritor João Antonio, na arte de divagar sobre a manha, a dissimulação e o desacato da sociedade urbana, até encontrar um tipo de hoje, à beira da morte:

## O merduncho

**E**ntão a sinuca sempre caminhou assim como um troço esquecido. Quando realmente, ela representava a concentração de um tipo que fica muito próximo do marginal, que é o lúmpen, que é o cara marginalizado mesmo.

A sinuca é um negócio desconhecido e quando aparece um cara falando disso com propriedade, é levado como pitoresco! Não é pitoresco! É um meio de divertimento, digamos assim: um lugar lúdico, e também um ganha-pão pra outros caras que não têm meios pra grande jogo, né? Os mesmos caras do salão de sinuca colocados assim no Jôquei são uns pés de chinelo, uns caras que jogam muito pouco. São caras que jamais sonharam com Bolsa de Valores, eles nem sabem o que é Bolsa de Valores... são caras assim que não são dados ao pôquer, o máximo que eles jogam no baralho é jogo de ronda - esses joguinhos de 21, o joguinho do bicho.

Agora, a gravidade da sinuca tá: que nem no divertimento, nem no campo lúdico esses caras têm assim o direito do divertimento, porque até isso pra eles é um negócio patético, é um negócio dramático, é um negócio do dia de amanhã, entende? O camarada quando tá jogando 50 contos numa partida de sinuca, ou 20, ou 10, ele tá jogando é o dinheiro da xepa de amanhã, do ragu, da comida. É a sobrevivência dele. Esse negócio ganha uma dimensão muito grande e isso passou despercebido, até agora, pelo menos pela maioria dos caras. E cada vez que um jornalista vai falar sobre sinuca, o cara vai procurar uma porrada de coisas que já tão escritas em outros jornais, vai conversar com meia-dúzia de malandros-chave, são os medalhões da sinuca, são os gênios da sinuca realmente: o Lincoln, Carne Frita, o Estilingue, o Boca Murcha. Esses caras aqui e em São Paulo, esses caras dão uma visão fantástica da sinuca porque da sinuca eles tiraram um statuzinho social, o de jogador de sinuca. O Frita chegou a viajar pra baixo e pra cima com o dinheiro de sinuca.

Então, a sinuca é mais um fenômeno que escapa ao intelectual da nossa sociedade. Nosso intelectual está preocupado com outras coisas porque já encontra todo um processo pra só pensar nessas outras coisas.

Por exemplo: os americanos, com todos os defeitos que eles têm, com toda aquela preocupação de fazer indústria

de cinema, indústria de livro, indústria do não sei o quê, ainda assim eles fizeram um filme sério sobre sinuca. Com muitos defeitos. Um filme com o Paul Newman: o "Desafio à Corrupção". É um título babaca, como os outros que estão aí. Mas era um filme sério. Ele apresentava a sinuca realmente. A realidade. Só que não apresentava a polícia, um elemento fundamental na sinuca, aparecendo como o elemento mais sórdido, como elemento de exploração do jogador. O policial aparece no jogo da sinuca como explorador do próprio jogador. Então, a sinuca também é uma cópia da nossa sociedade. Na sinuca existe o patrão, existe o empregado: o cavalo; existe o sujeito que tem dinheiro e não sabe jogar, que é o sujeito que patroa o jogo. Aparentemente é um joguinho, mas se visto da angulação do malandro, daí a grandeza, se visto da angulação do malandro... tá lá no livrinho que eu fiz; ela é a própria síntese do patetismo da vida, da dramaticidade, da luta. Daí porque os caras dizem troços que me parecem até hoje meio piegas, melodramáticos: "A mesa é triste como uma bola branca que cai."

Isso é frase que apanhei de vagabundo da Lapa. Parece uma frase literária, mas não é. Você imagina: um cassino do lúmpen. O que seria? Seria uma mesa de sinuca às quatro da manhã, ou às cinco, na hora em que a polícia já se esbaldou de aproveitar, já passaram por aí aqueles que não têm compromisso nenhum com a sinuca, os que jogam para passar o tempo, e estão os sobreviventes da sinuca, uns comendo aos outros. Violentamente, tá entendendo? Você vai encontrar um cassino preto e branco, sem retoque, você vai encontrar o cassino do chamado lúmpen. Que é o lúmpen mesmo - o jogador de sinuca não é bem o malandro, nem bem o trabalhador, nem bem o operário, ele fica vizinhando a pobreza, vizinhando a miséria, não é o esmoleiro também; pode ter algum elemento ligado à prostituição, que vai lá apostar... é um lúmpen mesmo. Acho que a sinuca é a mais característica dessas coisas, dessa

faixa social meio vaga chamada lúmpen; assim talvez só tão característica quanto estes escrevedores de jogo do bicho, que são caras realmente lúmpen, caras que só sabem fazer aquilo. Então essa gente ganha assim um poder dramático, a partir da figura física deles, da magreza, da palidez, do envelhecimento precoce. Entende? Não são bem os bandidos, não são bem os marginais: são mais uns pés-de-chinelo, o pé-rapado, o zé-mané, o eira-sem-beira, o merduncho - aqui no Rio se usa muito essa expressão merduncho. Quer dizer, é um depreciativo quase afetivo de um merda, merda-merda; então, em vez de um bosta-bosta, o cara diz - "é um merduncho". É um troço da maior tragédia, que evidentemente não podia sensibilizar a classe média, nem os intelectuais brasileiros. Não é por mau-caratismo, não é por nada, é que eles são filhos da classe média, jamais vão olhar essas coisas, jamais!

**C**omo é que um cara como eu - eu não escrevi sobre sinuca à toa, fechei botequim com 16 anos! Eu jogava bem: como é que um cara como eu cai nisso? Um cara com sensibilidade, vivendo em Vila Anastácio, em São Paulo, que é um fim de mundo, é onde-judas-perdeu-as-botas, um problema sério, até de condução. Então esse cara, um cara de certa sensibilidade, tem desejo de aventura, tem essa coisa maravilhosa da juventude, do "grande feito" - e onde é que ele vai jogar isso? Numa vidinha danada de dura, com tudo certinho, contadinho, tudo contadinho, um miserê danado por todos os lados? A sinuca era o lúdico, a sinuca era a aventura, finalmente ele ia fazer qualquer coisa maldita, mal comportada. Esse desejo que a juventude tem de contestar, a sinuca era - claro, minuscilamente - uma forma de dizer: "Pô, não! Eu vou entrar num salão de sinuca. Não pode menor de idade? Não quero nem saber!" Tinha cara na minha idade, com 16, 17 anos, que só achava graça em beber cerveja dentro de um salão de sinuca

ou dentro de uma zona de meretrício... Porque ali ele via a grandeza da vida. Ali ele topava com tipos autênticos - não tinha aquele vai-não-vai dos lugares onde ele vivia. Geralmente eram os lugares onde se afirmava sua condição de homem. Porque desaparecia toda a frivolidade, você precisava saber o que é que você estava fazendo. Você precisava saber com quem você estava mexendo. Ao mesmo tempo, havia um aprendizado, assim de vida, naqueles ambientes que você sabia que nada podia ser de graça. Tudo custava alguma coisa, inclusive em termos éticos, de respeito pelo outro. Embora, como diria uma visão burguesa, fosse um "mar de lama", uma perdição - era realmente com dramas tremendos. Mas havia outra grandeza, que isso aí estonteava os caras da minha geração.

Naquele tempo o cara precisava saber dançar direitinho porque ele era um duro; se fosse lá no dancing e não dançasse bem direitinho, as mulheres cobravam dinheiro dele e ele não tinha com que pagar. Então ele tinha de dançar bem pra conquistar uma mulher, pra que aquela mulher ficasse camarada dele e dançasse de graça. A sinuca, como o taxi-dancing, esse mundo todo, os caras continuam se devorando - que nem porco-espinho enroscando um no outro, vai indo. O grande momento é a tarde, a hora não percebida. A única vantagem desses caras, esses caras jamais são óbvios, são os caras que aprenderam a dissimulação. A dissimulação entre eles, e também o desacato. Seguindo uma partida de sinuca entre jogadores mesmo, você vai ver que eles têm as armas mais sutis, as mais políticas inclusive. O sujeito ganhar a partida do outro, desacatando o outro, encabulando o outro através da fala. Assim um desacato debochado, aquela coisa que ruma dentro do sujeito, instigação, e a coisa não acontece por acaso. Por exemplo: um jogador de sinuca não bebe, não bebe nem café. Você assiste um cara jogar 8, 10 h, eles bebem água com açúcar por incrível que pareça, ou então um suco de qualquer coisa bem açucarado, e ficam ali em volta da mesa durante todo aquele tempo, num controle de nervos danado. Ainda hoje, na Central, por exemplo, você vê partidas como essa. Você vê, por exemplo, tipos desalojados de outros ramos de malandragem. E aquilo >

## continuação

forma uma faixa de gente especial, inclusive se esconde durante o dia, nas últimas horas da manhã. O respeito com que eles tratam um otário é impressionante. Porque eles só se desrespeitam, se desacatam entre si; quando chega o otário, eles tratam o otário como uma majestade; como a prostituta trata o seu freguês, o seu cliente e, se quiser, o seu prostituinte - ela é mesurosa, mesurosa porque tá com tóxico na cabeça, se não ela enforcava aquele cara. É mesurosa, agradável, tolera, aguenta aquele sujeito até não poder mais, até não poder mais.

O cara da sinuca é muito mais o cara de viver a vida, de procurar sugar um pouco mais. O cara de sinuca é o cara que vive realmente, dentro do padrão do seu limite. Então, aqui no Rio, quando cai o Lamas, não é exatamente o Lamas do filé à francesa, que foi frequentado por Coelho Neto, por Machado de Assis e pelos estudantes não sei de quê: quando cai o Lamas, cai a sinuca atrás, separada por uma porta, separada totalmente. O cara que frequenta a mesa de sinuca do Lamas é o cara que nunca sentou na mesa pra comer aquele prato. Talvez ele até desconheça a existência daquele prato, ele é um cara que comeu em casa ou não comeu, ou defendeu um sanduíche. Ele é realmente um miserável: e o outro, qualquer cara que frequenta o Lamas, não entra lá com menos de 50 contos no bolso. Agora o cara que passa direto pelas mesas e vai lá pro fundo, esse cara não tem 50 contos não; e se tiver é uma plantação que ele vai fazer com aquele dinheiro, pra investir aquele dinheiro, pra retirar 70 ou 100. Ele é um homem muito mais fixado naquela realidade, aquela realidade não aparente do Lamas, que é a realidade lá atrás, fora do quase acontecimento social. É um problema de conceito. O Rio, que é a capital do samba, o melhor carnaval do mundo, esse negócio todo, o Rio de Janeiro não tem mais casa de samba, as casas de samba eram divertimentos populares, onde você pedia uma cachaca, uma cerveja, você comia um tira-gosto qualquer e tal. Era um negócio que você fazia com pouco dinheiro. Isso foi invadido pela zona sul, os endinheirados. Então esses divertimentos pra uma faixa social, a gafeira, a casa de samba, os dancings, esses eram os

divertimentos populares. O mesmo processo acontece hoje em limite muito maior com as escolas de samba. Portela hoje é uma indústria de samba, a Mangueira hoje é uma escola que fatura horrores, é uma caixa-registradora. Não tem mais aquela aventura da coisa pobre, não há mais lugar pra pobre nesses lugares, como não há botequim. O desaparecimento do botequim no Rio é um fato sensacional. Ou você bebe de pe; ou o botequim do Rio de hoje é uma farmácia, é um negócio com mesa de fórmica e tal. Acabou aquele negócio de você poder sentar para tomar um café de manhã. E acaba o botequim, acaba de você tomar cerveja de noite. No momento que cai a distinção de Zona Norte e Zona Sul, sobe a de quem tem carro e de quem não tem. As pessoas que não têm carro não usam mais a rua, elas andam de carro pela rua. Mas elas não têm mais a praça,

não têm mais o botequim porque a vida se transforma em 4 paredes. Não têm mais contato humano com a cidade. O que acabou? Acabou a praça, acabou a casa de samba, acabou a Lapa. Hoje o sujeito tem medo de entrar numa boate, e vergonha porque ele não tá vestido, nem sabe o preço do uísque esse distanciamento de vida na rua vai te afastando.

Porque rua hoje é um fato conflitante, é um elemento de desgosto, o cara sai de casa, pisou na rua, pumba! conflito. Conflito, você tá na área de conflito, te cuida, salve-se quem puder! Então o mundo da sinuca era uma ilha dentro dessa área de conflito, uma das últimas que restam nessa fileira de casa de samba, de gafeira em geral, de botequim em geral, de praça em geral. Ela aliava o alto poder artístico à habilidade, mas também com a devoração dos caras: uns pelos outros. Era o abrigo dos marginais do tipo "ventanistas" (ventana, janela). O cara que você chegava, tirava o paletó, e daqui a pouco não tinha mais paletó. Cadê o paletó? O ventana levou. Era um lugar de curtir solidão, de assumir a sua solidão com aquela macheza que a solidão tem. Evidentemente qualquer

antro de jogo é lugar de gente complicada, os mal-amados, os esquecidos, os abandonados, os tímidos, esses doentes nervosos todos, evidentemente a sinuca é um excelente escoadouro dessa gente. O lugar de curtir solidão, mas aquela solidão menos doença nervosa, solidão mesmo. Aqueles caras que ficam olhando o jogo, ficam até 3 horas da manhã, jamais jogaram sinuca, sabem, percebem alguma coisa. Especialmente velhos, o velho não tem mais lugar, onde vai o velho? Eles ficam por ali fazendo apostas por fora, que o jogador não tem nada a ver com isso; é um divertimento onde as horas passam, quando o cara se lembra já é de madrugada, vai pra casa, dorme, esquece que tá sozinho. Na sinuca existe o leite de pato, o cara que brinca em serviço - é o estudante, o cara classe



média sem compromisso, que vai ali para se divertir. E há o profissional: o jogo é realmente o sustento dele, por incrível que que pareça, é o sustento dele. Há uma diferença brutal de classe, que começa pela maneira de vestir e que acaba na própria psicologia de vida. Até a gíria é diferente, só eles se entendem. Que é pra poder dissimular os outros e os outros ficarem na dúvida. Isso é um sobrevivente urbano num grau mesmo de lúmpem, não chega a pertencer à marginalidade. No máximo, você pode enquadrá-lo no artigo 59, de Vadiagem. Se você correr as bocas, vai encontrar casos até hoje de tuberculose, de caras que estão tuberculosos. Inclusive aquele brilho nos olhos, caras subalimentados, que passam ali dias e noites, e ao lado disso os seus exploradores, os seus patrões, os caras que estão apostando neles, a total responsabilidade no taco.

Ficou célebre aqui na Gávea a passagem do Boca Murcha, que é um velho malandro, cujo apelido vem do fato dele não ter dente. Ele se veste como um caipira, um matuto, mete um chapéu, uma calça larga, e chega aqui na Gávea, e durante uma semana ele passou

perdendo. Perdia pra um, perdia pra outro; hoje 40 contos aqui, 50 ali; assim ia fazendo sua plantação. Sozinho, era um lúmpem solitário, arriscado a matarem ele lá dentro ou na saída. Numa bela segunda-feira, Boca Murcha apareceu no salão de madrugada, às 3 h, e começou a quebrar, o que vinha ele traçava, ele já tinha estudado as mesas, ele jogou até a tarde, ele já tinha quebrado todo mundo, inclusive dois patrões de jogo, e lá pelas 5, 6 h da tarde ele conseguiu correr no meio de uma partida pro meio da rua São Vicente e pegou um táxi. Conseguiu derrubar toda a curriola de um botequim que ele tinha plantado uma semana.

O Boca Murcha vai desaparecer meses, vai se mandar por aí. A vida deles é isso mesmo, eles circulam sem parar. Alguns se regeneram, ou "se regeneram", como o Carne Frita. Por exemplo o Frita, o Valfrido, considerado o melhor taco do Brasil. Ele é um artista, um esteta jogando, é dentro da malandragem uma certa aristocracia, certo estilo de Gerson, de Nilton Santos, dessa categoria, apesar de malandro e sórdido, como todos os outros. O Frita hoje tá velhinho, é um sergipano pequeninho, muito vaidoso no vestir, como todo jogador vaidoso, mão manicurada, aquele negócio todo, trocando de terno. Isso você nota muito no jogador de futebol, nos Paulos César da vida. O cara precisa ser visto. Inclusive alguns deles conseguem impressionar como grandes caras fora do salão, justamente pela vestimenta e pelo comportamento disciplinado no meio da rua. São educados, incapazes de brigar por uma ninharia, uma pessoa de fino trato. É um pobre que mal sabe escrever, ler. Então, acabou o divertimento popular, e a sinuca é uma dessas coisas. Imagine nessa sociedade bem comportada, embora torturada sem comunicação, mas bem comportada, o cara tem vergonha de viver um grande amor. A palavra amor é ridícula, hoje não existe coisa mais ridícula que o amor.

Você chegar num cara e dizer que você está apaixonado, é ridículo. Não pode. Hoje é vergonhoso viver um grande amor. É ridículo. Então a sinuca é um pedacinho dessas coisas todas. (Gravado por HAF) ●

Para viajar no DC-10 da Varig  
vá de Levi's.  
Você vai se sentir em casa.

Levi's

jeans store

L1 - Alameda Lorena, 718 /  
L2 - Rua Iguatemi, 455 / L3 - Rick Store (Av. Faria Lima) /  
L4 - Alameda Jaú, 1423 / L5 - Rua Maria Antônia, 116.



Jerry Della Femina é um desses caras muito engraçados, muito gozadores que gostam de trabalhar com os pés em cima das mesas; um desses caras muito criativos que você conhece, um cara muito atento que às vezes pode chegar até a ser um palhaço brincalhão; um vendedor. Jerry é um vendedor, um redator de publicidade, talvez um dos mais talentosos da Madison Avenue, a avenida das agências mais poderosas do mundo. Jerry já vendeu a milhões de pessoas, não só nos Estados Unidos como em outros países, desde pasta de dentes até avião supersônico. Sendo um redator de publicidade, Jerry pode ser capaz de te vender praticamente qualquer coisa; ou melhor, ele te convence a comprar; ele é um mestre na arte de desperdiçar tua gula para os mais estrambóticos petiscos: o 13º carro da família; o creme dental que contém uma bactericida fulminante com ação retroativa; o sabonete usado por 18 em cada 20 coxas de estrelas de Hollywood; com uma frase bem bolada num anúncio, Jerry é bem capaz de te vender até o que você não quer. Jerry começou como boy de agência, saindo de uma família de



# Sinta as delícias

Certa sexta-feira, um sujeito que trabalhou até tarde na agência Marvin, Scott & Friel, decidiu que era hora de parar e ir para casa. Saiu de sua sala e por sorte, havia um elevador parado no andar. O sujeito - um contato de publicidade - olhou em volta para ver se não havia mais ninguém, entrou no elevador e foi para o andar térreo. Abriu a porta, e de tão cansado saiu tropeçando do elevador.

Na segunda-feira de manhã, alguém entra em sua sala e pergunta se ele tinha ficado trabalhando até tarde na sexta-feira. O contato diz que sim, que de fato trabalhou até 11:30 da noite. "Você assinou o livro de saída às onze e 25?"

O sujeito diz que essa deve ter sido a hora que saiu. "Bem", fala o outro, "não sei como lhe dizer isto. Sinto muito, mas você está despedido". O contato fica em estado de choque e diz: "Por quê?" E o outro diz, "Eu sei que parece loucura e não sei como explicar a você, mas você roubou o elevador pessoal de Marvin L. Marvin, sexta-feira à noite. O elevador que você tomou estava lá esperando ele; é o elevador só para ele, que leva Marvin L. Marvin para cima e o traz de volta." Marvin L. Marvin é o dono da agência; e essa história, por falar nisso, nos foi contada por outro contato da mesma agência, que nunca trabalhou até tarde e, portanto, nunca teve problemas.

Mesmo que seja mais ficção do que fato, a história serve para dar idéia de que o contato, nesse caso, passará o resto da vida aterrorizado, com medo de nunca mais entrar num elevador. A história serve também para mostrar os tipos que existem na Madison Avenue, e como o medo pode se desenvolver. Em 1967 e 1968, quando uma agência grande estava passando por um período muito, muito apertado para se salvar foram despedidas umas 600 pessoas. Muitas dessas 600 pessoas eram secretárias, ajudantes e assim por diante, mas devem ter ido muitos dos grandes também. Eles estavam todos no mesmo andar - que era chamado o "Andar dos homens esquecidos" pelo pessoal das outras agências da cidade. O andar era servido apenas por uma garota, que sentava na entrada e atendia os telefones, para dar a esses homens um último fiapo de dignidade, e não terem eles mesmo, que atender os telefones. Estes eram os Homens Esquecidos. Todos tinham escritórios e estavam cumprindo sua parte no contrato de trabalho que mantinham com essa agência grande.

Eram todos caixa-alta, supervisores de conta e diretores ganhando 50,60,70 mil dólares por ano - os salários mais altos do ramo de publicidade. Nenhum deles jamais admitiu que tinha sido um dos despedidos, mas vejamos: eles não tinham secretárias nem nada. Era grotesco; eles mesmos não sabiam que aquele era o "Andar dos Homens Esquecidos", mas dava para terem uma idéia. Saíam para visitar clientes e o telefone tocava, os recados chegavam e, no fim do dia, quando eles voltavam, aquela mesma secretária ia até um dos escritórios e dizia: "O senhor recebeu cinco recados." Eles andavam por lá mas eram zumbis. O que eu não posso entender é que eles nunca falavam um com o outro sobre serem despedidos. Todos apareciam para trabalhar às 9:30 da manhã, porque era o hábito, e tinham que ir até outro andar para encontrar uma máquina de café, porque não havia máquina de café no "Andar dos Homens Esquecidos". Um sujeito que eu conheço hoje, estava nesse andar e, recentemente, encontrou-se com outro dos que faziam parte daquele andar na mesma época. Começaram a falar e concluíram, pela primeira vez, que haviam sido despedidos.

Normalmente, as grandes agências têm os "matadores" para executar o trabalho de demissão. A maioria das agências tem um matador; as agências maiores podem ter até dois matadores. Na Ted Bates & Company, o matador da agência era um sujeitinho, que chamarei de Billy, que começou com Ted Bates quando a agência abriu no começo dos anos 40. E lá ficou até sua aposentadoria poucos anos atrás. Ele despediu centenas de pessoas nesse período e foi literalmente a causa de muita desgraça, mais do que qualquer homem que conheço.

Quando trabalhei na Fuller & Smith & Ross, eles tinham um matador que era uma mistura de matador e de bicha. Realmente era. Esse sujeito poderia te "matar" a beijos. Ele está morto agora, mas não vejo ninguém se lamentando. Esse matador era o guarda-livros da agência, o cara responsável por todo o dinheiro que entrava e saía. Em certa época eles começaram a insistir para que eu preenchesse meus time-sheets (NT: folhas que marcam o tempo gasto em determinado trabalho. Não há tradução em português e as agências de publicidade daqui usam a palavra inglesa) - tantas horas trabalhadas para tal e tal cliente, esse tipo de coisa. Insisti que ia perder meu tempo com as tais "Time-sheets". Finalmente chegou num ponto que o dinheiro de pequenas despesas, que me era devido, chegava a 115 dólares e eu estava realmente precisando dele. Então fui até o matador-bicha e disse, "Joey, você sabe que eu gostaria de receber o dinheiro que você me deve". O matador respondeu, "Bem, você está atrasado com as suas "time-sheets". Eu disse, "Esqueça. Eu lhe darei as "time-sheets" amanhã, mas dê o meu dinheiro agora." Joey disse, "Não, absolutamente não. Você não vai receber seu dinheiro até que eu veja todas as "time-sheets" aqui." Então eu disse, "O.K., vou sair e conseguir meu dinheiro". Ele disse, "Como você pretende conseguir seu dinheiro se eu não vou dá-lo a você?" e eu disse, "Vou pendurar minha máquina de escrever."

Então peguei minha máquina de escrever em baixo do braço e comecei a andar para sair do edifício. O matador-bicha me vê e começa a gritar, "Vou mandar te prender, se você levar essa máquina de escrever". Bem, o diretor de criação ouve toda essa gritaria - e ninguém consegue gritar como um matador-bicha - e vem correndo do seu escritório e há uma tremenda reunião. Afinal, decidem dar o meu dinheiro em forma de vale, porque dois dias depois tive que entregar minhas "time-sheets". Acho que a maioria dos matadores de agência escolhem esse emprego por si mesmos. Ninguém vai até eles e diz, "Você tem cara de filho da p..., de péssimo caráter e pode ser matador aqui". Ele não tem que ter poder, essa é a parte interessante. Os matadores fazem coisas que podem, eventualmente, lhe render o emprego. Como mostrar excesso de zelo em espremer 50 cents de diferença numa conta a ser paga a um fornecedor. Eventualmente, alguns matadores fazem tal "matança", que o conselho dos acionistas resolve mudar toda a diretoria da agência. Então, toda uma leva de caras é trazida de fora, e esses caras novos mal sabem que têm um matador nas mãos. É aí que os matadores levam a deles. Sempre que um matador é derrubado numa agência, ou quando se aposenta, há uma celebração. Uma verdadeira festa. A festa de despedida do matador da Bates foi maravilhosa. Praticamente toda a agência compareceu. Primeiro, porque todos tinham certo respeito pelo cidadão - sabe, eis aqui um verdadeiro sobrevivente que passou por todos os testes. E, segundo, porque ninguém ia se fazer de bobo e não aparecer, pois quem sabe, talvez ele se enchesse de ficar aposentado e voltasse para trabalhar na agência. Ninguém queria correr um risco desse. Até aposentado, o sujeito infundia terror nas pessoas.

Uma das razões para todo esse caos é que, subitamente, uma conta pode sair de uma agência. Uma conta tem que dar à agência um aviso de noventa dias, antes de sair. Sou capaz de jurar que há pessoas na Madison Avenue que se escondem no banheiro às sextas-feiras. Sexta-feira é dia de matança porque é o fim de semana - a "matança" é feita na sexta-feira por razões contábeis. O triste é que os caras errados é que são despedidos. A diretoria chama um coitado lá e lhe diz: "Como você sabe, levamos na cabeça em quinze milhões de dólares de faturamento anual e o seus 60 dólares por semana nos deixam entre o desastre e a sobrevivência". É quase cômico de tão absurdo. As agências ficam com 15 por cento do



gente pobre do Brooklin (o pai era cortador de papel nas oficinas do Times). Depois, Jerry vendeu seu trabalho a quase todas as grandes agências, até que, aos 29 anos, chegava à famosa Ted Bates, ganhando uma nota por mês: 30 milhos (mais de 50 mil dólares - em dólares - por ano). Aí, a partir de 1967, Jerry fez o que todo mundo tem vontade de fazer: ele era um redator de mão cheia; arrumou um diretor de arte de mão idem, e fundou a sua própria agência, a Jerry Della Femina & Partners, em 1967. A agência dele já foi considerada a melhor de Nova York, em artigo de capa da revista Newsweek. Mas não estamos aqui para vender o Jerry. O texto abaixo é dele. Foi condensado de seu livro "Essa gente Maravilhosa que já nos deu Pearl Harbour": um capítulo que fala do medo. Naquele mundo que se chama publicidade, lá como aqui, no fundo é tudo igual - só que diferente. Leia o Jerry. Ele conta rindo que em toda agência onde esteve, sempre foi assim: quanto mais posição, quanto mais \$ você ganha, mais medo você tem. Só que o medo, em dólares, fala mais alto.

# Agências do medo

faturamento da conta, mais um pequeno extra por coisas como produção, que são cobradas à parte. A agência que perde 15 milhões de dólares de faturamento anual, na realidade está perdendo 2,5 milhões em dinheiro, e aí, eles vão para o coitado que está ganhando 8 ou 9 mil dólares por ano e lhe dizem, "olha, as coisas estão muito más e por isso vamos ter que despedi-lo." O sujeito que diz isso, por sinal, está na faixa dos 40 ou 50 mil dólares por ano, e, por isso, geralmente a salvo. Parece haver uma lei muda, escrita em algum lugar, pela qual o sujeito que ganha 30 mil dólares ou mais, sempre está mais seguro do que o sujeito que ganha 11 mil.

É um sistema terrível e um dos resultados é que o sujeito que ganha esses 30 ou 40 mil por ano é geralmente um cara nervoso. Embora ele esteja realmente mais seguro, tem muito mais a perder. À noite, ele chora um bocadinho. Durante o dia, você pode vê-lo se esgueirando da agência para uma conversinha de 50 minutos com o psiquiatra. Só Deus sabe quantos caras na Madison Avenue vão a psiquiatras, mas o número e percentagens devem ser enormes. Você vê todos eles se mandando, quarta-feira à tarde aí pelas duas ou três horas, para tomar sua dose. Quando voltam, já estão funcionando como caras normais de novo. Já estão O.K.

Se você começar uma discussão com alguém sobre psiquiatra, ele se fecha. Ir a psiquiatra não é nada que dê "status" a ninguém. O pessoal é muito sensível a respeito de seus psiquiatras. Claro, alguém pode se lembrar, casualmente, que uma vez, há uns dez anos atrás, fez uma visitinha de nada a um psiquiatra, mas foi só isso. O cara de publicidade vai ao psiquiatra porque está preocupado, com medo de perder sua conta. O psiquiatra, provavelmente, está indo escondido ao seu psiquiatra porque ele está preocupado, com medo de perder todos aqueles caras de publicidade que desembolsam todo aquele dinheiro. Assim, o psiquiatra tem que segurar o cara de publicidade, o cara de publicidade tem que segurar a conta. E todo mundo se segura para salvar a pele. Ainda vai chegar o dia que um bando de psiquiatras vai resolver se juntar para formar uma agência.

Eu era boy na correspondência da Ruthrauff & Ryan quando eles estavam para perder a conta da Kentile. Os garotos que trabalhavam na sala de correspondência, ganhando 60 dólares por semana, sabiam, com um ano de antecedência, que a Ruthrauff & Ryan ia perder a conta e estavam duros de medo. E, vejam, os garotos estavam certos, a Kentile saiu de lá em, mais ou menos, dez meses. A Ruthrauff & Ryan já se foi - não existe mais. Uma das razões que causou sua morte foi a falta de comunicação. A sala de correspondência sabia que eles iam perder contas antes da diretoria. Era uma agência do modelo antigo, de métodos antiquados, e foram se perdendo aos poucos até desaparecer. Quando fui trabalhar lá em 1955, a maior novidade era um cara que eles haviam contratado e que tinha "um grande livro de endereços". Eu não sabia o que eles queriam dizer com aquilo, e então, de repente, me deu o estalo: eles contrataram um cara que era mais um cafetão do que um contato. Este cara com o grande livro de endereços que ia salvar a todos.

Quer dizer, pode esquecer o resto, esse cara sabia como "amaciar" qualquer cara na cidade. Filmes pornográficos? Ele tinha. Louras, morenas ou ruivas? Ele tinha. Sabe alguma coisa, eu estava impressionadíssimo com o cara. Este cara era para ser agente de prostituição da agência.

E o papo era o seguinte: "Esse cara vai nos trazer todos os negócios".

Eles honestamente pensavam que um cara como esse fosse salvá-los. E ainda há agências, hoje em dia, que têm uma atitude, de certo modo, parecida. "Adoçar" a conta. Arranjar entradas para importantes partidas de futebol. Jantares faustosos no "21" e no "Le Pavillon".

Agora, algumas vezes, um cliente tira vantagem de todo esse medo de perder contas. A TWA é o exemplo clássico. Em 1967, a TWA estava com a agência a Foote, Cone & Belding e eles estavam fazendo um bom trabalho com a

conta. Então, alguém fica com coceiras lá na TWA e decidem que talvez o que eles mais precisem, além de umas duas linhas para o Havaí, é um pouco de publicidade nova. Então, telefonam para Foote, Cone e dizem, "Vocês são uns caras ótimos, Foote, Cone, mas nós não estamos muito satisfeitos..."

Acho que a conta da TWA naquele tempo era de uns 22 milhões de dólares.

Percebe o que isso significa para uma agência? Qualquer agência?

Bem, o pânico se espalhou pela Foote, Cone como incêndio de floresta.

O que aconteceu naquelas próximas semanas foi o segundo estupro público, depois do rapto das Sabinas. Nunca antes, na história da publicidade tantas pessoas foram levadas no papo ao mesmo tempo.

A TWA realmente fez um trabalho de primeira. Uma porção de caras, espertos e sabidos foram derrubados. Foi o maior golpe.

A TWA começou pedindo "freebies" - amostras "grátis" de trabalho das agências. Não sei quantos caras telefonaram para a TWA e disseram:

"Queremos estar na apresentação", e também não sei quantos foram chamados pela TWA e convidados a apresentar "freebies".

De repente a coisa toda virou uma bola de neve que rolou até se perder de vista.

Todo mundo de repente, começou a trabalhar na campanha da TWA como se já tivesse a conta.

Já havia algum tempo, naquela época, um garoto magrinho chamado Jim Webb, com um monte de cabelo, estava solto pela costa oeste, começando como compositor. Se esse garoto soubesse o caos que causou em Nova York teria enlouquecido. Uma das músicas que ele escreveu chamava-se "Up, up and away" e tinha frases como "wouldn't you like to fly/ in my beautiful balloon?" (você não gostaria de voar / no meu lindo balão?) e coisas assim. Bem, começou uma verdadeira corrida para se conseguir os direitos comerciais da música.

Um conjunto chamado "Fifth Dimension" havia feito a gravação e era um sucesso naquela época. Que luta houve por causa daquela música!

E mais: correu o rumor que a TWA detestava o comercial que tinha então. E que aquela música parecia ser ideal. De qualquer maneira a própria Foote, Cone acabou se apoderando da música, e assim que souberam, todos resolveram que tinham que ter músicas. Vocês não podem imaginar as cenas de desenho animado que ocorreram na Bates então. Eu me lembro de um dos grandes da agência correndo pelos corredores com uma capa de disco - esse cara ganhava aí pelos 100 mil dólares por ano - gritando, "Esta é a música, é ela que vai nos trazer a conta!"

Bem, todo mundo apresenta. Quem jamais saberá quanto dinheiro foi gasto nas apresentações de todo mundo? Mais que um milhão de dólares, para chutar por baixo. Bem, todo mundo apresenta as suas campanhas e lá está a Foote, Cone, sua bela música, agora mudada para "Up, Up and Away-TWA" e todos os outros com comerciais acabados, anúncios impressos, o diabo. Depois de olhar as campanhas, a TWA manda ferro em quase todas. "Belo trabalho", dizem. E depois: "Foote, Cone: vocês fizeram um trabalho tão bom, que nós vamos deixar a conta continuar com vocês mesmos."

Na Bates, quando o pessoal soube o que aconteceu, foi o Dia da Vitória sobre o Japão, só que era como se fossem eles os japoneses. Inacreditável.

Não é que todo negócio de publicidade seja doído, mas algumas vezes, algumas vezes... É a doídice que leva ao nervosismo, que leva ao verdadeiro medo, na Madison Avenue. A história da TWA deve ter levado vinte caras à bebida e essa não foi situação única. Sempre haverá nervosismo onde o dinheiro grosso estiver em jogo. E, mais do que qualquer outra coisa, a Madison Avenue é um lugar de dinheiro grosso.

(tradução Eduardo Barreto) ●

(conclusão da página 18)

- "Qual é o se sou bacana, estou aí prá faturar. E tem os caras de romance: "você é tão bacana, o que está fazendo aqui?" E outros já falam: "Pô, é o seguinte, mulher bacana tem de faturar mesmo". Já aconteceu de um homem querer me tirar deste tipo de vida. Um cara casado, muito importante, não posso nem pensar em falar quem é esse homem. Casado e aí me levava prá casa dele, né? Porque a esposa estava sempre viajando, Europa... E aí eu comecei a transar com o cara. Todo dia ele me apanhava lá, todo dia, todo dia, todo dia uma nota violenta. E aí ele pegou e falou prá mim: "Olha, eu estou apaixonado por você" - Bom, mas eu não estou a fim de me amarrar com você, não. Você é casado, eu vou estragar sua vida. - "Não, porque eu quero, vou alugar um apartamento para você, você fica só comigo, eu te dou tudo. Pode trazer tua filha prá cá". Eu falei que não, que não ia aceitar aquilo de jeito nenhum. Ele disse que não se dava com a esposa. Até hoje ele quer... Chega um que tem problemas com a família, chega outro que tem problemas financeiros, outros bebem demais, sabe? bebem de cair mesmo, ficar em estado de coma. E aí, põxa a gente conhece tão bem, tão bem as pessoas... Agora eu olho prá pessoas e já tou sabendo. Tem muitos que não estão a fim de ter relações com mulheres. Tá mais a fim de desabafar, falar tudo, falar de seus problemas, só prá bater papo, outros prá ir a coquetéis, jantar fora... Tem outros caras que dão um trabalho tremendo, quando a gente chega em casa. Tem que mudar de roupa, botar fita na cabeça, sapato alto. Eu saí com um cara, japonês, esquisito. Era um japonês lindo, maravilhoso, alto. E aí fomos prá casa. Servi um drink prá ele e fui lá prá cozinha. Ele falou prá mim... "Você tem que calçar sapato fino e cinta de liga" - estas cintas de liga que usavam antigamente... meias, cintas, ligas, sutiãs... Porque de roupa?, eu perguntei. "Ah, eu só gosto assim". Mas por que você gosta assim? Deve ter uma explicação. Daí ele pegou e falou, "olha... geralmente é porque gostou de uma mulher e ela se vestia assim... Era uma mulher, e ela só ficava assim, e eu me acostumei." Seis meses e eu já conheci tudo, não tem mais o que conhecer. Tem garotas que tem cinco anos, quatro anos, aquelas que... sei lá, prá elas, elas não existem, é terrível... São super-revoltadas, não sei como pode acontecer. Conheço umas que, elas saem assim, prá casar... depois não dá certo com o marido, elas voltam outra vez... não conseguem... outras falam que não conseguem, tão acostumadas a ficar a noite toda acordadas... Bom, daí umas bebem muito, bebem demais... elas já estão super frustradas. Agora eu estou achando que estes seis meses eu vegetei, não vivi. Porque no fundo, no fundo, a gente fica super frustrada, porque todo mundo fica querendo a gente porque a gente é p... e acabou, a fim de trepar, pagar e tchau mesmo! A maioria é assim, né? A gente bebe muito... Mas agora eu vou viajar, vou ficar seis meses fora e acontecer... arranjei um contrato de manequim na Europa. Dizem que mulher de boate, ela nunca se amarra em ninguém. Ela fica com tudo quanto é homem... Não tem condições de gostar de ninguém, de se amarrar em alguém, não tem mesmo. Não aconselharia a ninguém esta vida. Porque olha, a gente fica tão frustrada, a gente fica fria, fria assim no modo de agir... não aconselharia mesmo, não, não aconselharia. Pôxa, depois de passar por tantos homens... sabe o que é? a gente conhece os sentimentos das pessoas, entendeu? Sei lá, a gente participa demais das pessoas. ●

# Uma coluna de Percival de Souza

## Baixa Sociedade

Mariel Moryscotte escreve-nos mais uma vez. E manda seu livro, "Mariel, um Ringo a Sangue Frio". Um trechinho em avant-première: "Matei defendendo a sociedade, que me pagava para protegê-la. E hoje estou na cadeia."

### CHAIM NO ALÉM

São Pedro puxou a capivara de Einah Aued Chaim, o manjado "Chaim", que mantinha uma banca de canabis sativa perto do Coringão. Gozado: aqui, nessa coluna, eu previ que São Pedro iria requisitar o Nelsinho quatro cinco. Não deu outra. Para o "Chaim" também prevíamos terríveis formigas (saúvas) na boca, ao amanhecer. Só que seria uma bronca com o "Fininho", o moço do Esquadrão. "Chaim" inventou um xaveco, falando que tinha mandado uns arrebitos prá cima do esquadrologo ser. Mas "Chaim" ficou em decúbito ventral depois de levar chumbo de uma jovem de vasto latifúndio dorsal. Agora, acatela-vos com as nossas futuras previsões de falecimentos - estamos acertando na mosca!

### AU-AU FUGA

Dois moços do Pavilhão 5 do hotel do seu Guedes, na Cruzeiro do Sul, planejaram escapular na chamada calada da noite, quando os gatos são pardos e os chafras vacilam nas guritas (teve um que puxou um ronco, balançou, bateu na muralha e sua dentadura caiu lá de cima...). Mas, como dizia, os dois foram saindo de mansinho, depois de se moozarem na plantação de gererê, com teresas (cordas improvisadas) e tudo. Mas, na hora agá, eis que surgiu Lorna, a fiel cadela do seu Guedes. Lorna latiu, latiu, chamou a atenção. Os dois ex-fugitivos amargaram 40 dias de pote (cela-forte).

### LAIGINHAS EM BAURU

Meu considerado Davi Laiginhas, "juiz" de uma das celas do pavilhão 2 do hotel do seu Guedes, já está curtindo uma de colônia agrícola. Atendendo a um pedido seu, fui conversar com o meretíssimo capa-preta das Execuções Criminais. Não deu outra: na hora, o meretíssimo corredeiro mandou o Laiginhas para o Instituto Penal Agrícola de Bauru, onde - após cumprir estágio mais ameno - sairá para a liberdade. Parabéns, Laiginhas.

### MENSAGEM DO TRUTA

O Truta, outro considerado do hotel do seu Guedes, aprontou uma treta e está passando uns longos dias na isolada, sem direito a lufas, nem visitas. Através da coluna ele manda um plá para a Teresona, da Boca do Lixo. Seguinte: "Minha nega: como o mar não está prá peixe, tou chamando urubu de meu louro e dando nó em pingo d'água, um pouco naquela de cruzar cabra com periscópio prá ver se dá bode expiatório. Ontem, após traçar uns marrocos, dei um tapa de resposta na minha jega, e fui curtir a minha com Morfeu. Confesso que tava injuriado e não acreditava que ia fazer esse papagaio. Imagine você que um B.M. tentou fazer hora comigo só porque pedi uma cara do seu rango. E o pior, mda, é que quase dancei, pois os samangos deram uma rupa no cubico atrás da sujeira e, veja só, na jega tinha umas balas, um rastelo, uma pererêca e uma teresa de 3 metros dentro do meu come-quieto. Puxa! Sui às pampas e se não fosse o truta do Beicola seria aquele sufoco. Ele viu a minha parte, o resto tá legal. Nega, te manca e vê a parte daquela gija no domingo. O meu chegado, Magalhães, tá a fim de curtir meus

breques e minhas peitas. Como ele costuma moozar os doces e enrustir o rango, não quero dar uma de zica. O Nagib agora deu prá bancar o loque: perdeu uma tripa de dias: foi se meter a jogar mexe-mexe comigo e perdeu uma gâmbia. Hoje fiz três biscozinhos prá uns pé de breque lá do 9. O pior é que são todos uns residentes, não sei não! Ando com a minha ventana e a minha canjica naquela base. Vê se bota na tua pipoca um pouco de cascalho, senão os caras vão dizer que eu estou com palha. O Ary quis arrochar o meu moço. Sem essa! Ela termina tomando uma pregada, pois não sabe como eu sou arara. Amanhã vou dar um tombo no telhado, para não parecer sangue ruim, senão o mosca de boi do Franco vai começar a zicar comigo. O crente do Bispo, não dá outra, largou a máquina de escrever e tá dando uma de 59. Traga prá ele uma bolacha preta - "A luz dos olhos meus". Parece que é de Waldick Soriano. Tenha dó. Traga também umas bolachas pretas do Roberto Carlos prá eu dar pro Johnny. Nega, o Valente tá numa de albergue, mas o dotô amigo dele falou: se marcar 59 de litro, vai mancar. Teu nego, mora nega"

Aos paspanatas (loques): quem não morou, boiou. Estarei jantando no Tabu (alí perto da praça onde o Fininho espetou o Saponga), às quintas deste mês, da zero às 2 da matina. Posso traduzir por trouxas. Às terças, perguntem pro mim prá Carola, na boca do lixo. E as sextas prá Anita, porque fim-de-semana é na boca do luxo...)

### ALÔ, ALÔ, BAIKADA!

Um engenheiro químico de Santo André desceu a serra prá mandar azeitonas em cima da linda Verinha e seus pais. Depois queimou o chão (pros loques: puxou o carro) com três crimáceos e uma tentativa pra puxar, e com pepê em cima. Estive acompanhando o caso durante uma semana, com os sherloques do DERAL. Inclusive com o majura do 3º distrito de lá, o meu considerado Vou, mato e volto. Com Pedrinho, escrivão de mão cheia, e Chadid, o fuçador chefe da tiragem, o majura tá por cima da carne seca. Comi uma peixada daquela com os considerados da lei da baixada e depois fomos ouvir um som no cais, onde a barra já não é mais aquela: tá mais prá turista do que prá turma da pesada. Mas por via das dúvidas, fui coberto. Nunca fui de dormir de touca...

### A INFLUÊNCIA DE TALESE NO 155

O bom texto Gay Talese ("Os Olhos da Multidão") provocou um caso, daqueles ótimos para Agatha Christie, na redação de um conceituado vespertino desta capital. Talese, que também já pariu "Os Honrados Mafiosos", tem nos "Os Olhos..." muita coisa inspirativa para aqueles que passam a vida pensando em escrever cada vez mais bonitinho. (Pode ser um vazio, mas... desde que seja um ócio lindo, tá tudo jóia). Mas o livro "Os Olhos", pertencente a um dos cabeludos do local descrito acima, desapareceu. Como seria caro contratar Hercule Poirot ou Miss Marple, saímos nós mesmo a campo, juntando detalhes, fragmentos de informação. Sou muito mais Kurt (grande tira de Homicídios), do que Poirot ou Miss Marple, dois fajutos

que só podem empolgar quem devaneia distante, (alguns anos-luz) da realidade nada cor de rosa. Mas o dito cujo livro de Talese tinha sido aguentado por um desmunhecante ser, que ficou conhecido como "Mãozinha". Identificado, o ladrãozinho pé-de-chinelo devolveu Talese num envelope e assinou como remetente: "Mãozinha"

### HEES LIVRE?

Por falar em Mãozinha, Hees (aquele que diz ter sido assaltado e ficou sem mão) teve quase um happy-end em seu processo. Tal nabo esvoaçava pela 22ª Vara Criminal, onde o MM Juiz entendeu que não havia elementos suficientes para entrar o Mãozinha como homo-fajuctus. Mas, a partir do instante em que surgiu uma alvicareira novidade... já viu, né? (O data-vénia do Mãozinha andá cabreiro, porque truta com truta... é uma união duca!)

### BRANCOS 3 x CRIoulos 1

O troféu Percival de Souza ficou mesmo com os brancos da Detenção. Primeiro jogo, 1 a 1. A decisão ficou para um segundo jogo, que assisti numa mesinha no meio de campo, ao lado do meu considerado Luiz Philippe Florence Borges, diretor da Casa de Detenção. Os brancos venceram fácil por 3 a 1, e os negrões foram vaiados paca pela sua inconformada torcida. O Lupércio irradiou o jogo com um megafone emprestado pelo diretor, revelando sua parcialidade, pois torcia ostensivamente pelos pretos. Atenção, considerados do presidio-cidade. Um bizu ótimo procês: meu considerado Luiz Philippe vai mandar gramar todo o campo do pav. 8. Esperem e verão. Atenção Lupa: já falei com o juiz sobre o teu caso. Calma, calma, que você não demorará muito a bater as asas!

### CADEÃO: 1º E ÚLTIMO NÚMERO

Enquanto estagiavam no maior hotel das Américas, Haf e Polé bolaram e lançaram O Cadeão, jornal carcerário distribuído por todos os pavilhões, com tiragem de 2000 exemplares. Mas o Cadeão fechou, tornando-se assim o 1º jornal da história a fechar porque seus editores foram... libertados! (Liás, absolvidos in totum pelo MM Juiz da 59, com o chamado trânsito em julgado etc. Um rabanete procê, Vian, tirinha dente-de-leite, pé-de-breque mentiroso e muito sem-vergonha) Argh!

### MARIEL LANÇA "RINGO"

O Américo, chefe do teatro rebolado Santana, veio me entregar em mãos uma carta e um livro, enviados por Mariel Moryscotte. Nome do livro: "Mariel - um Ringo a Sangue Frio". Dedicatória: "Neste livro existem verdades confundindo se com ficção; ficção que confunde com verdades. Mas na realidade, o fato é que estou sendo julgado. Com saudades, o amigo de sempre, Mariel". Em sua carta Mariel me diz: "Não me sinto culpado de nada errado que possa ter feito. Porque se errei, foi no intuito de acertar; eu defendia a sociedade, era pago por ela e daí para frente meus dias passaram a ter 30 horas. Deram-me carteira de polícia, um revólver, 6 balas por ano, um mês de estudos na Escola de Polícia, e disseram-me: "Vá e tente não morrer". Eu fui, não morri, matei defendendo a sociedade, que me pagava para protegê-la, e hoje estou na cadeia". Mariel: estarei te visitando por esses dias aí na Guanabara, para trocarmos uma idéia. Dê um abraço para os considerados da Invernada, da Vigilância (Botafogo), muito especialmente pro Euclides (Meninao) Guayba, Cartola e Jacaré... ●

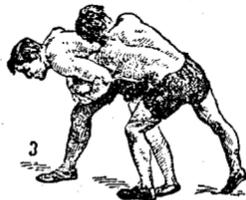
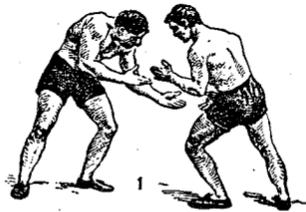
# Depoimento de Miguel Urbano

Miguel Urbano Rodrigues? Conhecemos. É o velho Miguel, português que em 16 anos de Brasil sem poder voltar para sua terra, se tornou um dos maiores jornalistas brasileiros. Signo: Leão. Agora ele fala de Portugal hoje. E de sua vida: debaixo do salazarismo, na luta longe de sua terra, pela libertação de uma de suas muitas pátrias. A sua pátria mesmo é o mundo, Portugal, Brasil, América Latina. O jovem Miguel de hoje volta à terra acreditando no futuro daqui e de lá. Apesar de tudo, vocês vão se divertir: o Miguel que conhecemos é um sujeito muito bem humorado.

## Portugal, passado a limpo

Ex - Como você se tornou um combatente antifascista?

Miguel - Eu pertencço a uma geração frustrada. Uma geração que nasceu com o fascismo. É preciso ter vivido esta situação para ter a exata noção do que significa para um menino de 10 anos sofrer um processo de "bourrage du crane". A minha rebeldia acentuou-se com a Guerra da Espanha. Eu tinha 12 anos e ia num trem de subúrbio para o Estoril, uma praia elegante do top-set internacional, e vi dois navios da esquadra portuguesa paralisados no Tejo, atingidos pelos obuses da artilharia costeira. Os marinheiros da esquadra portuguesa tinham se revoltado para se unir aos seus companheiros da armada espanhola, para defender a república, ameaçada pelo fascismo. O que senti então não foi uma reação política, mas sim uma reação de adolescente, uma sensação de espanto e admiração pelo heroísmo daqueles marujos. Depois, servi como oficial de cavalaria num regimento da fronteira com a Espanha, esmagada pelo fascismo. Isso estimulou a minha rebeldia. Eu amava a Espanha e isto aumentava minha raiva contra os nazi-fascistas. Depois, entrei no Diário de Notícias de Lisboa, como um jovem repórter, em 1949. E o contato com as pompas e a hipocrisia fascista acentuou minha tendência para a rebeldia, que se transformou em tomada de consciência, através de um processo gradual. Mas não posso dizer exatamente quando deixei de ser apenas antifascista, para tomar consciência do problema português. Se nós éramos oprimidos, a opressão do colonialismo português era incomparavelmente pior. No primeiro contato que tive com a África, ao desembarcar em 1954 na ilha de São Tomé, vi praticamente um leilão de escravos. Roceiros - o nome que lá empregam para os fazendeiros - examinavam um grupo de trabalhadores, de Cabo Verde ou Angola, como se fossem autênticos escravos: levantavam-lhes os lábios, apalpavam-lhes as pernas e os braços, avaliavam a mercadoria. Horas depois, em Luanda, o grupo de jornalistas foi abordado interpestivamente por uma pandilha de energúmenos, colonos brancos de Angola, que vinha pedir nossa solidariedade, porque se consideravam vítimas de uma ofensa. Um professor mulato ou negro tinha sido nomeado para um cargo importante num colégio oficial da Capital de Angola. Esta



tomada de consciência acentuou-se em 57, quando assumi a chefia de redação do Diário Ilustrado, de Lisboa. Os contatos com a censura me levaram a uma reflexão profunda. Enfrentamos uma quantidade infundável de problemas, até que certo fato forçou-me a renunciar. Foi o primeiro grande desafio da imprensa portuguesa ao fascismo, em termos coletivos. Então, era considerado um ato subversivo a renúncia coletiva de jornalistas. No nosso caso, ela só não foi coletiva porque não renunciamos no mesmo dia. A imprensa europeia ocupou-se do assunto e nenhum de nós tinha mais condições de trabalhar como jornalista. Aconteceu o seguinte: um colega foi demitido vergonhosamente, por motivos políticos. O motivo alegado: ele levou dois pedacinhos de chumbo da oficina para preparar seus anzóis. Eu tinha 31 ou 32 anos, e senti que estaria liquidado como homem se não tomasse uma decisão. Felizmente, a maioria esmagadora da redação reagiu da mesma forma.

Ex - O que a cultura fascista jogava numa criança?

Miguel - Em primeiro lugar, era obrigatória a inscrição na Mocidade Portuguesa, masculina e feminina. Ela tinha os escalões de acordo com a idade: os lusitas, os vanguardistas e os cadetes. Eu estava no segundo ano do ginásio quando a Mocidade Portuguesa foi criada. O processo de institucionalização do fascismo foi gradual. Foi implantado em 1926, mas as instituições para-militares só surgiram na altura da Guerra da Espanha, em 1936. Os jovens eram obrigados a se inscrever na Mocidade Portuguesa e a vestir farda: camisa verde, calça marrom, botas em tons militares e um cinto com o S de Salazar na barriga. Tínhamos horror da Mocidade Portuguesa, com suas paradas e discursos.

Ex - Qual era a prática da Mocidade Portuguesa?

Miguel - As paradas, as mãos estendidas, a saudação fascista com o braço direito estendido, copiado de Hitler. Eu nunca participei das reuniões. Participei de duas ou três paradas e tive vários castigos. Fui rebelde desde o início. Havia uma preocupação grotesca de deformar a história de forma a identificá-la com o regime, feitos gloriosos que representavam justamente a antítese do fascismo. Os compêndios de História davam a impressão de que o senhor Salazar é que tinha feito os descobrimentos

marítimos. Tudo que havia sido feito de positivo era como que obra do fascismo. Era de um ridículo extraordinário: a linguagem era a mesma para o presente e para o passado. Havia ainda a preocupação de transformar o português num super-homem, numa super-raça, retomando as teses de todos os teóricos fascistas. E víamos chegar os estrangeiros durante a guerra, gente que vinha da França perseguida pelos nazistas, e pensávamos: "essas pessoas parecem mais cultas civilizadas, mais ricas. Será que nós somos realmente um povo excepcional?"

No plano da cultura, as obras dos grandes escritores, dos grandes pensadores portugueses, eram proscritas. Eles eram perseguidos. Na Universidade, os grandes professores eram cassados. Portugal teve uma geração de médicos famosos - Valente, Fernando da Fonseca, Cascão afastados da Universidade e substituídos por autênticas mediocridades que apareciam em todas as sessões solenes de exaltação do regime. Havia os historiadores oficiais, os professores oficiais. A Faculdade de Direito era um ninho de fascistas. A esmagadora maioria dos ministros de Salazar eram tirados de lá. A atitude perfeitamente senhorial dos grandes proprietários de terras, em face dos camponeses sem terra, refletia também os aspectos culturais do fascismo. Nenhuma camponesa poderia vestir-se de forma considerada imprópria para sua classe. Seria escandaloso se no domingo, por exemplo, uma alêm-tejana pusesse um pouco de baton nos lábios ou umas meias de seda. Por isso, o tratamento foi uma das coisas que mais me surpreenderam ao chegar ao Brasil, em 1958. Não conhecia nada do Brasil, mas via que o relacionamento entre as pessoas era muito mais democrático que em Portugal. O Vossa Excelência só agora está desaparecendo, como também o Senhor Doutor, que é uma marca estamental. Eu passaria a entender Portugal melhor fora de Portugal. A minha visão científica da política processou-se no Brasil, e devo isso em grande parte a amigos brasileiros.

Ex - Como é que funcionava a censura em Portugal?

Miguel - As agências telegráficas - era no tempo em que ainda não havia o telex - enviavam o noticiário internacional direto para a censura, que depois se comunicava com os jornais: "o telegrama número tal da Agência France Press ou UPI está cortado total ou parcialmente". Quanto ao noticiário nacional, todo o

continuação

material tinha que ser enviado pelas redações aos serviços de censura, que eram devolvidos às redações com os cortes considerados necessários. Cada jornal tinha um motociclista ou um ciclista, um mensageiro permanente entre a censura e as redações. A censura é sempre irracional e, de modo geral, pouco inteligente. Às vezes saíam, como em toda parte onde há censura, coisas incríveis e quase havia crise nacional por isso. Mas o critério era extremamente rígido. Por exemplo, qualquer caso de plúcia não podia ter mais que 40 linhas, fosse qual fosse a importância do crime. Suicídio era proibido de ser noticiado. Suicídio era noticiado "morte súbita". Isso criava uma grande confusão entre pessoas que se suicidavam e as que morriam de enfarte, porque em Portugal morte súbita era enfarte. A censura tinha ainda peculiaridades curiosas. O presidente da República, marechal Camoña, tinha uma quantidade mínima de substância cinzenta no cérebro. Quando falava em público, era uma catástrofe. Tanto gramatical como conceitual. Se falava de improviso, era certo e sabido à noite vinha uma instrução da censura dizendo que o presidente da República tinha considerado necessário retificar o discurso, porque o aparelhamento sonoro não estava bom, ou qualquer outra justificativa perfeitamente imbecil. O certo é que vinha um texto completamente diferente. Aliás, essa tradição manteve-se. O almirante Tomás é um homem totalmente incompatível com as regras mais elementares da gramática, e seus discursos eram sistematicamente cortados. A censura sempre mandava outro. Só recentemente, já no tempo do sr. Marcelo Caetano, é que foi possível reproduzir alguns discursos, verdadeiras "obras-primas". Era obrigatória e eliminatória nos liceus, que correspondem aos colégios brasileiros, uma disciplina chamada Organização Política e Administrativa da Nação. Era uma propaganda exaltada do fascismo. Éramos obrigados a decorar a Constituição, pura fachada. O artigo referente aos direitos humanos figurava na Constituição para inglês ver. Outro aspecto cultural ridículo: o monopólio das grades figuras históricas e literárias. Eça de Queirós, por exemplo. O governo fundou o chamado Círculo Eça de Queirós, onde se fazia tudo sobre ele conferências, seminários etc.. Até o filho Antonio que não herdou a inteligência do pai, tinha vários cargos remunerados só porque era filho de Eça. Ele chegou a escrever um romance e umas novelas péssimas, tão más que a crítica o desancou. Um dia, Antonio ia subindo o Chiado e encontrou um desses críticos - Alfredo Pimenta, que era até monarquista - e agrediu-o. Chegou a polícia e perguntou ao agredido o que ele desejava. "O que eu desejo, o sr. não me pode dar: queria que baixassem um decreto proibindo esse senhor de escrever."

Ex - Você teve alguma experiência com a Pide?

Miguel - Foi no dia que as forças anglo-americanas desembarcaram no Marrocos e Argélia, em novembro de 1942. Eu tinha 17 anos. Era a grande virada da Segunda Guerra. Não havia mais dúvida que o fascismo ia ser derrotado, cedo ou tarde. Ao comprar a edição extra, tive uma reação de júbilo e disse: Salazar é realmente um cretino, um cavalo. Isso porque ele tinha feito um discurso na véspera, insultando a democracia e decretando a falência de todas as ideologias democráticas. Ai apareceu um sujeito que me pediu para acompanhá-lo. Identificou-se como



representante da Polícia Internacional de Defesa e Segurança do Estado. (A PIDE tinha mudado de nome: primeiro chamava-se Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, chamada pelo povo de Pivide, uma giria empregada para atividades homossexuais). Acompanhei o homem, que achou necessário tirar um revólverimmo. Não valeu nada eu estar acompanhado dos filhos do chefe de Gabinete do Ministro da Marinha, então o almirante Américo Tomás, e do chefe da Polícia de Segurança Pública de Lisboa. O agente disse que não queria saber dos pais delés, o que me deu uma noção exata do poderio da PIDE. Passei uma noite lá. Fui interrogado de madrugada. Estava quase caindo, não de nervoso, mas de tensão, de sono. Fiquei de pé, ouvi uma reprimenda, e o último me disse: "Se você tivesse 17 anos e fosse um pouco maior, ia direto para o Tarrafal com suas insolências." (Tarrafal era um campo de concentração).

Ex - Como foi que você conheceu o Amílcar Cabral?

Miguel - foi quando conheci os principais dirigentes do Movimento Popular de Libertação de Angola - , que tinha seu quartel em Conacri. Era o início da revolução angolana. O contato com os revolucionários africanos me inspirou profundo respeito para com a revolução africana. Passei então de uma posição, anticolonialista teórica para uma posição atuante. Nos primeiros encontros que tive com Amílcar Cabral fiquei logo com a impressão, que tinha conhecido um dos revolucionários mais lúcidos do Terceiro Mundo e, certamente, o maior revolucionário africano deste século. Nessa época ele estava organizando o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, PAIGC para a luta armada na Guiné-Bissau. O seu trabalho deu frutos no ano de 1963.

Ex - Qual a saída que você vê para o problema econômico português?

Miguel - A economia portuguesa apresenta aspectos que a tornam extremamente vulnerável. A balança comercial, no último ano, apresentou um déficit de mais ou menos 1 bilhão e 100 milhões de dólares. Isso mostra como as exportações portuguesas são pequenas para cobrir as importações. É evidente que uma parte das importações - produtos suntuários, por exemplo - pode ser reduzida, mas isso não significa muito. A balança de pagamentos é equilibrada pelas remessas enviadas por emigrantes e pelo turismo. No ano passado, no turismo rendeu aproximadamente 500 milhões de dólares e as remessas dos emigrantes foram levemente inferiores a 1 bilhão de dólares, o que proporcionou um saldo na balança de pagamentos este ano. O balanço de pagamentos vai fechar com déficit porque a balança comercial continuará deficitária e os emigrantes da França, que no ano passado mandaram cerca de 1 bilhão de dólares, devem mandar menos, entre 450 e 500 milhões de dólares. De outro lado, a volta de 100 mil refratários, que não se apresentaram ao serviço militar. Eles vão regressar, mas não imediatamente. Quanto o exército da África regressar, também criará outro problema. Estão lá mais de 150 mil homens, não sei qual é a porcentagem exata de africanos, mas uma parte também virá. E, dos 780 mil colonos brancos de Angola e Moçambique, uma parte difícil de avaliar vai fazer as malas antes do fim das negociações. E criar um problema de reabsorção de mais de meio milhão de pessoas, uma mão-de-obra de difícil colocação. Só uma minoria dos colonos tem meios que lhes permitam até realizar investimentos. Mas a outra tem que se integrar no mercado de trabalho. Não é verdade que Portugal não possa viver sem as colônias. Uma nação não

teria direito de existir se vivesse à custa de outras. O comércio com as colônias não representa o que se pensa. O principal parceiro comercial de Portugal é a Inglaterra. Creio que o volume do comércio externo com a Inglaterra, em termos muito gerais, representa 20% do comércio português; as colônias representam apenas entre 11 e 12%; e o Mercado Europeu, 48%. Então, o problema sob este aspecto não é insólvel.

O país também está enfrentando uma inflação galopante herdada do fascismo; e imediatamente a direita, indo com muito acerto ao ponto, tentou chileneizar o país. Empresas que antes recusavam aumentos insignificantes, aumentos que dariam 4 ou 5 escudos por semana, passaram a estimular reivindicações salariais inoportunistas até por países do Mercado Comum. Eram empresas que antes nem homologavam os contratos coletivos de trabalho aprovados pelo próprio Ministério das Corporações fascista. Em maio, houve uma onda de reivindicações de um salário-mínimo nacional de 6 mil escudos, o que equivale mais ou menos a 1,7 mil cruzeiros. Nem a Alemanha Federal, o país de economia mais forte da Europa, resistiria a isso. Houve empresas que foram mais longe. A famosa ITT se apressou a realizar um congresso na Ilha da Madeira, e deu ordens para que seus representantes em Portugal fossem compreensivos e liberais com relação a reivindicações salariais. A empresa prontificava-se a pagar um salário-mínimo de 7,5 mil escudos. O governo aprovou depois um salário-mínimo nacional de 3,3 mil escudos, (cerca de 800 cruzeiros) que já cria problemas para a economia; mas é inteiramente justo como fator de redistribuição de renda. Mas em Portugal, o poder de compra é superior ao do Brasil. A direita, como não tinha conseguido, no campo da fixação do salário, um nível que provocasse o caos da economia, tentou provocá-lo através de lock-outs, greves de patrão. No fim de maio, durante dois dias, Lisboa ficou sem pão e sem transporte. Tentaram perturbar o abastecimento de combustível e o setor de telecomunicações. A direita queria dar a impressão de bagunça, de subversão, de incapacidade do governo controlar a situação. E, assim, quebrar a aliança das forças populares com as Forças Armadas. Essa manobra foi desmascarada. Também foi desmoralizada a preocupação de determinados elementos que se dizem democráticos, que pretendiam regulamentar o direito de greve. Ficou claro também que não há que fabricar leis para regulamentar greve. A desvalorização do escudo é inevitável. Mas, no momento, não há escassez em Portugal, não há "mercado negro". A situação tem evoluído de forma milagrosa. A carestia, que era sensível nos últimos três meses do sr. Caetano, não manteve o mesmo ritmo. Os problemas são extremamente complexos e eu não vou lançá-los numa abordagem prospectiva que seria gratuita.

Ex - Os integrantes do Movimento dos Oficiais sempre se negam a falar em termos pessoais. Esse tipo de atitude reflete uma unidade ou medo de desunião?

Miguel - As duas coisas. Além de uma unidade muito grande existe a consciência de que a quebra dessa unidade teria efeitos extremamente nocivos. A sobrevivência do fascismo, durante 48 anos, criou entre a oficialidade sentimentos de repulsa muito fortes por toda espécie de medidas autoritárias. O pluralismo ideológico, a abertura que permite disparatas como o manifesto dos homossexuais, os vivos à revolução libidinosa, os pedidos para a greve do sexo das mulheres, o manifesto das prostitutas, tudo isso se explica pelo horror da repressão. Mas não há uma unidade perfeita entre oficiais do Movimento. Acredito que uma fração importante provavelmente desejaria que as Forças Armadas tivessem enfeixado o poder em suas mãos para fazer avançar o >



continuação

processo revolucionário mais rapidamente. Mas um regime autoritário teria um efeito extremamente negativo sobre amplos setores da população, privados da liberdade há meio século, e sobre uma parte do corpo de oficiais essencialmente democrática. Em Portugal, trata-se de construir uma sociedade democrática que terá de ser necessariamente capitalista, encaminhada para um desenvolvimento em moldes capitalistas, porque as estruturas da sociedade portuguesa são e continuarão a ser capitalistas por bastante tempo.

Ex - O professor Florestan Fernandes afirma, num artigo recente, que a guerra colonial deflagrou a consciência democrática em Portugal, assim como a guerra do Vietnã teve um grande papel na formação de uma nova consciência nos Estados Unidos.

Miguel - Concorro com o paralelo. Mas preciso também deixar claro que o 25 de abril não teria sido possível, se, paralelamente à guerra colonial, as forças populares, os partidos democráticos e os elementos antifascistas não tivessem também desafiado o fascismo de maneira permanente. Todas as oportunidades eram aproveitadas - congressos de Aveiro, farsas eleitorais, que muita gente criticava, mas que foram muito importantes nesse processo. Muitos também não acreditavam na luta dentro dos sindicatos, porque os sindicatos eram fascistas. Mas, depois do 25 de abril, os sindicatos ficaram sob controle das forças democráticas, o que prova que o trabalho foi correto. Também havia protestos permanentes contra embarque de tropas para as colônias.

Ex - Dê uma visão geral de fatos que marcaram a presença da oposição portuguesa.

Miguel - O Campo de concentração do Tarrafal, por exemplo, onde morreram homens cuja luta contribuiu poderosamente para os acontecimentos que se verificaram tantas décadas depois. Durante muitas décadas, Portugal foi o país com maior percentagem de presos políticos do mundo. A luta vinha de longa data. A candidatura do general Delgado para a presidência e o fervor popular que a rodeou não teria sido possível se o povo não estivesse psicologicamente preparado para enfrentar o fascismo. Quando perguntaram ao general Humberto Delgado, numa entrevista coletiva, em 1958, o que ele faria com Salazar se fosse eleito, ele respondeu: "Eu o demito". Isso era já um reflexo do espírito de luta do povo português. E a popularidade do general Delgado é inseparável disso. Houve um momento em que se chegou à conclusão de que determinadas ações de violência eram necessárias para lutar contra o fascismo. Mas essas ilusões românticas não fizeram carreira. Quando na América Latina estavam no auge teorias de guerrilha rural e da tomada do poder pela violência, o problema era visto de maneira diferente em Portugal. Chegou-se à conclusão que certas ações de violência eram necessárias, mas deviam ser realizadas tendo em vista objetivos políticos bem determinados e sempre relacionados com a guerra colonial. As forças democráticas portuguesas sempre condenaram o terrorismo. Mas surgiu, depois da posse do sr. Marcelo Caetano, a Ação Revolucionária Armada. Ela realizou ações de repercussão internacional, sempre tendo em vista o objetivo prioritário: a denúncia da guerra colonial. Mas nunca derramou sangue nas suas ações.

Ex - Qual era a espinha dorsal do fascismo e o que ainda resta dele?

Miguel - O fascismo não está destruído.



POSICÕES DE LUTA: 1. Em guarda; 2. Golpe de frente; 3. Prisão de braço em pé; 4. Golpe de costas; 5. Golpe ao revés; 6,7. Golpes de agilidade; 8. Volta sobre a nuca com prisão de cintura; 9. Prisão dupla de cabeça; 10. Prisão de braço e joelhos; 11. Colar de força; 12. Bâscula e dupla prisão do pulso; 13. Prisão da perna; 14. Gavata; 15. Tesoura.

Ele continua a ser o principal inimigo do povo português. Os corifeus, as grandes personalidades do fascismo, ou estão na prisão, ou no exílio, ou em casa, caladas. Mas, no nível de pequenas e médias empresas, no setor de serviços, o fascismo está presente. A mini-crise do fim de maio é um exemplo. Em numerosos serviços públicos há administradores intermediários que são ideologicamente fascistas. O afastamento de toda essa gente é muito difícil, até porque o povo português é contra vinganças, o que é correto. O serviço diplomático é um câncer. Mas o chanceler Mário Soares só pôde mudar até agora meia dúzia de embaixadores. A maioria desses embaixadores é gente que não merece a mínima confiança. No Brasil, quando qualquer jornal dizia a verdade sobre a África, vinha sempre uma carta desmentido. Alguns até tentavam processar as televisões, os jornais. Agora, não respondem às provocações contra a nova ordem democrática em Portugal: dizem que são apolíticos.

Ex - Quem leu o livro Portugal e o Futuro tem a impressão que, em Portugal, só duas pessoas não leram o livro antes de 25 de abril: Marcelo Caetano e Américo Tomás. O general Spínola praticamente "canta" o golpe.

Miguel - Os oficiais das forças Armadas já deixaram claro que o general Spínola não participou da organização do golpe.

Ex - O grande capital, a base do fascismo português, não foi tocado e nem será tocado, porque se trata de continuar dentro de uma sociedade capitalista.

Miguel - O casamento entre a cúpula do Estado fascista e o grande capital financeiro foi, durante longo tempo, perfeito. E havia uma coincidência de interesses que permitiu que o capital monopolista português fosse um dos mais evoluídos da Europa, em termos de construção de uma estrutura econômica que sirva a seus interesses. Portugal é o país que apresenta a maior concentração de riqueza da Europa. A maior empresa portuguesa é incomparavelmente maior que a maior empresa espanhola. Os grandes bancos portugueses são de nível internacional. O sistema bancário, devido à sua concentração em pouco mais de meia-dúzia de bancos, é poderoso. Mas, com o advento da guerra colonial, passou a haver, de certo momento em diante, uma contradição de interesses fundamental. O fascismo, para sobreviver, precisava manter as guerras coloniais. E as guerras coloniais representavam a absorção de metade do orçamento nacional. As guerras coloniais também tiravam do país a sua força de trabalho, principalmente jovens. Outros emigravam. Houve então uma contradição de interesses entre a lógica de um capitalismo monopolista forjado pelo fascismo, e os interesses, imediatos, e futuros, desse capitalismo. A racionalidade do capitalismo monopolista português, ao chegar a uma fase de maturidade, e o projeto do fascismo tornaram-se incompatíveis. A Europa do Mercado rejeitava a integração de Portugal com todos os problemas do fascismo e do colonialismo. Isso prejudicava as tentativas das grandes empresas portuguesas de se associar às multinacionais europeias. O capitalismo que regulamentava as idas ao banheiro e em que havia as coisas mais ridículas, uma relação de senhor para escravo, em que se chamava a polícia se havia uma reivindicação de 50 centavos - isso não correspondia mais aos interesses de um capitalismo que queria ser moderno no aspecto econômico, e no aspecto social não era. O problema dos salários também já não convinha, porque a incorporação de uma economia de mercado em uma sociedade de consumo que já não coincidia com os interesses de certas empresas que atingiam o nível europeu. O que vai ocorrer é

muito difícil de prever e eu não quero entrar no terreno da futurologia.

Ex - Até que ponto os grandes grupos econômicos portugueses que têm interesses econômicos na África, principalmente em Angola e Moçambique, vão permitir ou aceitar a concessão de independência a esses dois países?

Miguel - Os verdadeiros donos das colônias foram sempre as empresas multinacionais associadas às grandes empresas portuguesas, que contam com o apoio de uma minoria de colonos ricos, que se sentem angolanos e moçambicanos, mas cujo sentido de patriotismo é inseparável da manutenção de privilégios que gozam. A solução do problema africano é menos fácil do que parece. O caso de Angola é o mais difícil de se resolver. Ao contrário de Guiné, onde o diálogo era com o PAIGC, e de Moçambique, onde a FRELIMO é hegemônica e há 40 negros para cada branco (são 200 mil brancos para 8 milhões de negros), Angola tem três movimentos que se apresentam como libertadores. Mas foi o Movimento Popular de Libertação de Angola que suportou todo o peso da guerra. Há ainda a UNITA, financiada pela República Popular da China, cuja política em África é cheia de ambiguidades e destinada mais a estabelecer a confusão do que estimular a libertação dos povos africanos. Outro movimento é a Frente de Libertação Nacional, liderada por Olden Roberto, ex-chefe do chamado Governo Revolucionário de Angola. Ele é um aventureiro que enriqueceu em negociatas com o presidente da República do Zaire, o sr. Mobutu. É um homem que sempre esteve sob o signo do imperialismo norte-americano e hoje é um joguete nas mãos da Gulf Oil, que explora o petróleo de Cabinda. A Gulf quer transformar Angola no primeiro produtor de petróleo da África. Seu objetivo mínimo é separar Cabinda do resto de Angola, privando o povo angolano de sua maior riqueza. O objetivo será estabelecer uma espécie de congolização de Angola, que favoreça o imperialismo e as grandes empresas. Que grupos são estes? Aparece mais a Gulf Oil; mas se a gente olhar bem, verá o grupo Oppenheimer, mais de 200 empresas inseparáveis, ligadas à Anglo-América, associada à Societé General belga, que por sua vez controla a Guiné. Então, todos esses interesses conspiram contra a verdadeira independência de Angola. O exército português tem um papel: evitar uma falsa independência de Angola, que poderia prejudicar decisivamente o futuro imediato dos angolanos, ou então um caos generalizado, com matanças que dariam uma imagem injusta de imaturidade do país, pois seria provocada de fora.

Ex - Certa vez, você falou sobre um tema profundamente desconhecido aqui no Brasil: a história da África.

Miguel - A África é um continente sem memória, mas não sem história. A visão eurocêntrica do mundo distorceu a visão da história africana. Grandes civilizações floresceram da África Ocidental, em regiões que vão desde o Senegal, Nigéria, Gana, Costa do Marfim... Do outro lado da costa oriental por influência dos contatos mantidos com os árabes que vinham da Península Arábica, quando os portugueses chegaram, no século XV não encontraram, ao contrário do que se pensa, civilizações comparáveis como as que encontraram no Brasil. Havia uma fileira de grandes cidades do Cabo do Marfim até o Sul de Moçambique, com construções de pedra, grandes palácios e um comércio intenso ao longo da costa, que foram reduzidas a cinzas pelo colonialismo. Os ingleses encontraram ruínas ainda lá o que prova o grau de refinamento que essas civilizações atingiram. Mais tarde, por volta dos anos 30, foram encontradas, na África do Sul e Rodésia, construções de prata comparáveis com o que qualquer civilização fez de mais belo.



